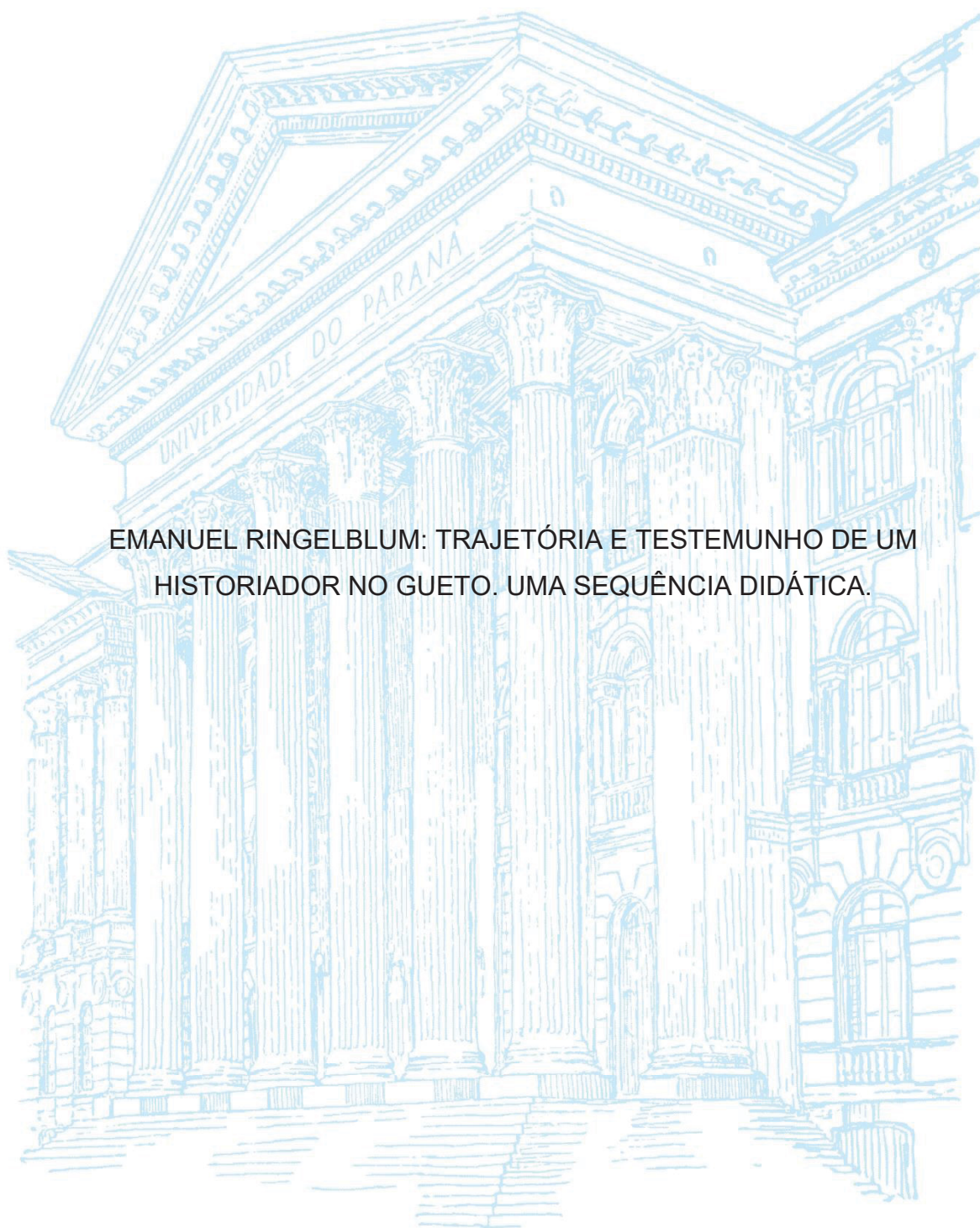


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PEDRO PAULO COSTA



EMANUEL RINGELBLUM: TRAJETÓRIA E TESTEMUNHO DE UM
HISTORIADOR NO GUETO. UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

CURITIBA
2025

PEDRO PAULO COSTA

EMANUEL RINGELBLUM: TRAJETÓRIA E TESTEMUNHO DE UM
HISTORIADOR NO GUETO. UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Ensino de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná como requisito para o título de Mestre em Ensino de História. Orientador do trabalho: Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner.

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP) UNIVERSIDADE FEDERAL
DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Costa, Pedro Paulo

Emanuel Ringelblum : trajetória e testemunho de um historiador no gueto. Uma sequência didática. / Pedro Paulo Costa. – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Mendes Gruner.

1. Ringelblum, Emanuel, 1900-1944. 2. Memória. 3. Discurso de ódio. 4. Genocídio. I. Gruner, Clóvis Mendes, 1971-. II. Universidade Federal do Paraná

Bibliotecário: Dênis Junio de Almeida CRB-9/2092



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA -
31001017155P1

ATA Nº50

**ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE MESTRADO PARA A OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM ENSINO DE HISTÓRIA**

No dia trinta e um de julho de dois mil e vinte e cinco às 15:00 horas, na sala Sala Carlos Antunes (612), Edifício D. Pedro I - Complexo Reitoria, foram instaladas as atividades pertinentes ao rito de defesa de dissertação do mestrando **PEDRO PAULO COSTA**, intitulada: **EMANUEL RINGELBLUM: TRAJETÓRIA E TESTEMUNHO DE UM HISTORIADOR NO GUETO. UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**, sob orientação do Prof. Dr. CLÓVIS MENDES GRUNER. A Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná, foi constituída pelos seguintes Membros: CLÓVIS MENDES GRUNER (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ), RAFAEL TASSI TEIXEIRA (UFPR), WILIAN CARLOS CIPRIANI BAROM (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ). A presidência iniciou os ritos definidos pelo Colegiado do Programa e, após exarados os pareceres dos membros do comitê examinador e da respectiva contra argumentação, ocorreu a leitura do parecer final da banca examinadora, que decidiu pela APROVAÇÃO. Este resultado deverá ser homologado pelo Colegiado do programa, mediante o atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca dentro dos prazos regimentais definidos pelo programa. A outorga de título de mestre está condicionada ao atendimento de todos os requisitos e prazos determinados no regimento do Programa de Pós-Graduação. Nada mais havendo a tratar a presidência deu por encerrada a sessão, da qual eu, CLÓVIS MENDES GRUNER, lavrei a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

CURITIBA, 31 de Julho de 2025.

Assinatura Eletrônica

04/08/2025 19:07:31.0

CLÓVIS MENDES GRUNER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/08/2025 11:49:09.0

RAFAEL TASSI TEIXEIRA

Avaliador Externo (UFPR)

Assinatura Eletrônica

04/08/2025 11:57:46.0

WILIAN CARLOS CIPRIANI BAROM

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Rua Dr. Faivre, 405. Dom Pedro II, 6º andar, sala 610 - CURITIBA - Paraná - Brasil
CEP 80060-140 - Tel: (41) 3360-5105 - E-mail: profhistoria@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 469569

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://siga.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 469569



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ENSINO DE HISTÓRIA -
31001017155P1

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ENSINO DE HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **PEDRO PAULO COSTA**, intitulada: **EMANUEL RINGELBLUM: TRAJETÓRIA E TESTEMUNHO DE UM HISTORIADOR NO GUETO. UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**, sob orientação do Prof. Dr. CLÓVIS MENDES GRUNER, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 31 de Julho de 2025.

Assinatura Eletrônica

04/08/2025 19:07:31.0

CLÓVIS MENDES GRUNER

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

04/08/2025 11:49:09.0

RAFAEL TASSI TEIXEIRA

Avaliador Externo (UFPR)

Assinatura Eletrônica

04/08/2025 11:57:46.0

WILIAN CARLOS CIPRIANI BAROM

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Aos meus filhos Luis Inácio, Maria Clara e Maísa.

A memória de todos os que tombaram e tombam na resistência ao nazifascismo.

A memória das vítimas da violência, do ódio e da intolerância.

A memória dos árabes palestinos mortos e feridos, vítimas da política colonial e de apartheid do Estado de Israel desde a primeira Nakba em 1948.

A memória dos ucranianos afetados pela agressão do regime de Vladimir Putin.

EMANUEL RINGELBLUM
(1900-1944)



Disponível em: <https://culture.pl/en/gallery/ringelblum-archives-image-gallery>. Acesso em: 13 maio de 2025.

AGRADECIMENTOS

Retornar à Universidade trinta anos depois da graduação foi um momento muito especial: revivi aquele mesmo sentimento do jovem entusiasmado e engajado que conseguiu ser o primeiro da família a concluir o ensino superior, iniciar carreira no magistério e propiciar um sentimento de orgulho à família de migrantes chegados em Curitiba na década de 1960.

Agradeço imensamente aos meus pais, dona Josefina e o seu Pedro (*in memoriam*), pela confiança, apoio e incentivo perenes em todos os projetos e sonhos que cultivei: eles foram fundamentais para a resiliência, o ânimo e a confiança em realizá-los, mesmo nas adversidades.

Agradeço a minha esposa Valquiria pela paciência na escuta e compreensão pelos momentos em que o descanso e o lazer em família foram substituídos pelas horas de dedicação à leitura e pelo desafio de escrever.

Sou muito grato aos colegas do magistério com quem convivi, compartilhando ideias e experiências sobre o tema, em especial a professora Sandra Regina Klichowski – que me sugeriu fazer o mestrado pelo ProfHistória, a professora Eliane Gomes Holanda - fiel companheira no diálogo - e ao professor e mestre pelo ProfHistória, Gustavo Pitz – filho dos grandes amigos Elzeário (*in memoriam*) e Regina - e que foi providencial ao me lembrar da prova de admissão no programa que havia esquecido.

Aos (às) professores (as), colegas discentes do ProfHistória e aos pareceristas Carlos Reiss e Michel Ehrlich, meu carinho especial: as discussões enriquecedoras e as críticas construtivas foram peças-chave para o meu crescimento intelectual. Agradeço, em especial, aos professores da banca de qualificação William Carlos Cipriani Barom e Rafael Tassi Teixeira, e ao meu orientador, professor Clóvis Gruner, cuja sabedoria e estímulo foram fundamentais em cada etapa da escrita deste trabalho.

Registro meu agradecimento à CAPES/MEC pela bolsa de estudo concedida que amparou parcialmente o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço a todos os/as alunos/as que encontrei ao longo da minha trajetória no magistério com quem compartilhei momentos de reflexão e aprendizagem: sempre me alertaram que sair da zona de conforto é uma demanda natural ao professor de História.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me apoiaram nessa caminhada com a sua demonstração de interesse pelo tema, uma sugestão, questionamento ou conselho.

Que este trabalho reflita não apenas meu esforço, mas também a generosidade e o apoio de todos e todas que me fizeram companhia nessa caminhada.

Não vejo nosso trabalho como um projeto separado, como algo que inclui apenas judeus, que trata apenas de judeus, e que interessará apenas a judeus. Todo o meu ser se rebela contra isso. Não posso concordar com tal abordagem, como judeu, como socialista ou como historiador.

Dada a tremenda complexidade dos processos sociais, em que tudo é interdependente, não faria sentido vermo-nos em isolado. O sofrimento judaico e a libertação e redenção judaicas fazem parte da calamidade geral e do impulso geral para eliminar o odiado jugo [nazista].

Temos que nos considerar participantes de uma tentativa universal de construir uma sólida estrutura de documentação objetiva que servirá ao bem da humanidade.

Hersh Wasser
(Sobrevivente do Oyneg Shabes)

*Aquilo que não nos foi possível chorar e gritar ao mundo,
estamos enterrando neste terreno ...
para que o mundo possa tomar conhecimento de tudo....
Que este Tesouro caia em boas mãos,
e que previna e alerte o mundo acerca do que ocorreu neste século 20.
Podemos, agora, morrer em paz.
Cumprimos nossa missão.
Que a História possa atestar por nós.*

Dawid Graber
(19 anos, escrito ao enterrar uma parte do arquivo)

O ato criativo essencial do historiador é a ressurreição dos mortos.

Simon Dubnow
(1860-1941)

RESUMO

Esta dissertação analisa a trajetória e o legado do historiador judeu polonês Emanuel Ringelblum (1900–1944), destacando sua atuação como organizador do arquivo secreto *Oyneg Shabes* e autor da *Crônica do Gueto de Varsóvia*, um registro fundamental sobre a vida, o sofrimento e a resistência dos judeus durante a ocupação nazista da Polônia entre 1939 e 1944. O estudo começa com uma reflexão historiográfica sobre a memória e os testemunhos como fontes para a construção do conhecimento histórico, enfatizando sua importância na preservação da verdade dos vencidos no processo genocidário. Em seguida, examina a biografia de Ringelblum e sua obra, buscando compreender sua narrativa no contexto de violência e extermínio, e as estratégias de resistência cultural e física empreendidas pelos judeus no gueto. O produto didático apresenta um resumo do contexto histórico e trajetória de Ringelblum, incluindo excertos selecionados da *Crônica do Gueto* para atividades de leitura, interpretação e debate em sala de aula. A pesquisa visa demonstrar como fontes memorialísticas, como a de Ringelblum, servem como ferramentas na construção do conhecimento histórico, instrumento de denúncia contra o apagamento histórico e como alerta à repetição de tragédias. Além disso, o estudo reforça a importância de ensinar a Shoá como meio de identificar, no presente, os mecanismos do ódio e da intolerância que levaram a destruição de vidas e minorias étnicas. Com a ascensão global da extrema direita antidemocrática e iliberal, compreender esse passado é essencial para combater a desinformação e evitar novas catástrofes humanitárias. A obra de Ringelblum não apenas documenta o horror, mas também serve como um chamado à vigilância e a ações de enfrentamento às formas de autoritarismo e violência sistêmica. Mais do que fontes para a historiografia, as narrativas memorialísticas personificam a vítima, fomentam a criação de uma relação de empatia e compaixão do leitor com o narrador e sensibilizam para o respeito à alteridade, a defesa de todas as formas de vida e dos direitos humanos, compromisso que guiaram a vida de Emanuel Ringelblum.

Palavras-chave: Emanuel Ringelblum; Oyneg Shabes; Shoá; Memória; Ensino de História; Fonte Histórica; Discursos de Ódio; Genocídio.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the trajectory and legacy of the Polish Jewish historian Emanuel Ringelblum (1900–1944), highlighting his role as the organizer of the secret archive *Oyneg Shabes* and author of the *Warsaw Ghetto Chronicle*, a fundamental record of the life, suffering, and resistance of Jews during the Nazi occupation of Poland between 1939 and 1944. The study begins with a historiographical reflection on memory and testimonies as sources for the construction of historical knowledge, emphasizing their importance in preserving the truth of the defeated in the genocidal process. It then examines Ringelblum's biography and his work, seeking to understand his narrative within the context of violence and extermination, as well as the strategies of cultural and physical resistance undertaken by Jews in the ghetto. The didactic product presents a summary of the historical context and Ringelblum's trajectory, including selected excerpts from the *Warsaw Ghetto Chronicle* for reading, interpretation, and classroom debate activities. The research aims to demonstrate how memorial sources, such as Ringelblum's, serve as tools in the construction of historical knowledge, as instruments of denunciation against historical erasure, and as warnings against the repetition of tragedies. Furthermore, the study reinforces the importance of teaching the Shoah as a way of identifying, in the present, the mechanisms of hatred and intolerance that led to the destruction of lives and ethnic minorities. With the global rise of the antidemocratic and illiberal far right, understanding this past is essential to combating disinformation and preventing new humanitarian catastrophes. Ringelblum's work not only documents the horror but also serves as a call to vigilance and to actions of resistance against forms of authoritarianism and systemic violence. More than sources for historiography, memorial narratives personify the victim, foster the creation of a relationship of empathy and compassion between the reader and the narrator, and raise awareness for respect for otherness, the defense of all forms of life, and human rights a commitment that guided Emanuel Ringelblum's life.

Keywords: Emanuel Ringelblum; Oyneg Shabes; Shoah; Memory; History Teaching; Historical Source; Hate Speech; Genocide.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A Grande Guerra (1914-1918)	81
Figura 2: A Crise de 1929	82
Figura 3: O Totalitarismo	82
Figura 4: O “progresso”	83
Figura 5: Palestinos X Estado de Israel	83
Figura 6: Intolerância e Violência	84
Figura 7: O jovem Ringelblum	89
Figura 8: A família – Emanuel, Judith e Uri	89
Figura 9: Emanuel e Uri	89
Figura 10: O professor e doutor Ringelblum	90
Figura 11: Os intelectuais	90
Figura 12: A militância	90
Figura 13: Desenterrando os arquivos	99
Figura 14: Os arquivos	99
Figura 15: As fontes – rótulos de alimentos	102
Figura 16: A <i>Crônica</i> em ídiche	109
Figura 17: A edição da <i>Crônica</i> em português	110

TABELA

QUADRO I – As catástrofes do século XX	80
--	----

LISTA DE SIGLAS

ALEYNHILF - A Sociedade Judaica de Autoajuda foi uma organização de assistência social criada para ajudar a comunidade judaica na Polônia durante períodos de crise e teve papel importante de apoio aos judeus no gueto de Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial.

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

IKOR - *Yidishe Kultur Organizatsye* (Organização Cultural Judaica) foi uma organização cultural clandestina no gueto de Varsóvia que tinha como objetivo incentivar o uso do idioma ídiche e divulgar a literatura idichista.

IPS - Instituto de Pesquisa Social

JDC - Joint Distribution Comitee - é uma organização humanitária judaica fundada em 1914. Surgiu para ajudar comunidades judaicas afetadas pela Primeira Guerra Mundial. Atuou no auxílio a refugiados, combate à fome e reconstrução de comunidades. Durante o Holocausto, ajudou judeus a fugir e sobreviver. Até hoje, presta assistência a populações judaicas em situação de vulnerabilidade no mundo.

JUDENRAT - Conselho Judaico

OS - Oyneg Shabes: nome dado ao arquivo secreto do gueto de Varsóvia

PTE – O *Poalei Sion de Esquerda* foi um partido político judaico socialista e sionista, ativo principalmente no início do século XX. Atuava na organização de trabalhadores judeus e na defesa dos direitos sociais. Durante a ocupação nazista, participou da resistência nos guetos e na luta antifascista e buscava conciliar identidade judaica, socialismo e sionismo.

SS – *Schutzstaffel*: organização militar e policial nazista, fundada em 1925.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*).

YIVO - *Instituto Científico Judeu* foi fundado em 1925, em Vilna, na Lituânia. Dedicava-se ao estudo da história, cultura e língua dos judeus do Leste Europeu. Preservava documentos, literatura e tradições do judaísmo ídiche e teve forte atuação na Polônia durante a Segunda Guerra Mundial, como centro de pesquisa, educação e resistência cultural. Está sediado em Nova York (EUA).

Zł – *Zloty*: a moeda oficial da Polônia. A palavra significa "dourado" em polonês e sua origem remonta ao século XIV, quando o termo era usado nomear as moedas de ouro.

ZTOS - *Sociedade Judaica de Autoajuda* foi uma organização criada por judeus refugiados na Polônia ocupada durante a 2ª Guerra Mundial. Atuava oferecendo assistência social, alimentação, moradia e apoio médico aos judeus perseguidos; Organizava escolas, oficinas e atividades culturais para preservar a dignidade e a identidade judaica. Funcionou de forma clandestina, muitas vezes sob risco de vida e foi fundamental na resistência civil e para a sobrevivência de milhares de judeus.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CATÁSTROFE, TRAUMA E TESTEMUNHO	22
1.1 MEMÓRIA E HISTORIOGRAFIA	24
1.2 WALTER BENJAMIN: PROGRESSO E CATÁSTROFE	35
2 EMANUEL RINGELBLUM	46
2.1 A GALÍCIA ORIENTAL: O BERÇO	47
2.2 O HISTORIADOR ENGAJADO	51
2.3 O ARQUIVO SECRETO <i>OYNEG SHABES</i>	55
2.4 A CRÔNICA DO GUETO – INSCREVENDO O TESTEMUNHO	59
2.5 DESENTERRANDO O GRITO DOS VENCIDOS	70
3 PRODUTO	73
3.1 OBJETIVOS	76
3.2 ENCAMINHAMENTOS DIDÁTICOS	76
3.3 PRIMEIRO MOMENTO - O CONTEXTO	78
3.3.1 Texto de Apoio I	85
3.3.2 Texto de Apoio II	85
3.3.3 Atividades	86
3.4 SEGUNDO MOMENTO – A TRAJETÓRIA DE EMANUEL RINGELBLUM	87
3.4.1 Texto de Apoio III	91
3.4.2 Transcrição do documentário	94
3.4.3 Atividades	97
3.5 TERCEIRO MOMENTO – O <i>OYNEG SHABES</i>	97
3.5.1 Um arquivo secreto	98
3.5.2 Atividades	106
3.6 QUARTO MOMENTO - A CRÔNICA DO GUETO DE VARSÓVIA	106
3.6.1 Texto de Apoio IV	107
3.6.2 Parte I – Antes do Gueto	111
3.6.3 Parte II – A criação do Gueto	118
3.6.4 Parte III – O fim do Gueto	132
3.6.5 Parte final - Posfácio	138
3.6.6 Atividade de conclusão	142

CONCLUSÃO	145
FONTES	147
REFERÊNCIAS	147

INTRODUÇÃO

*Vivemos esperando
O dia em que Seremos melhores
Melhores no amor, melhores na dor
Melhores em tudo.¹*

O presente trabalho foi desenvolvido por um professor de história da rede pública, com experiência em aulas para discentes da Educação Básica, exercida majoritariamente em escolas da rede pública de ensino. A dissertação foi desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Ensino de História pela Universidade Federal do Paraná – o ProfHistória, modalidade que exige, como resultado da pesquisa, a apresentação de um produto didático a ser utilizado por docentes em atividades em sala de aula que será relacionado ao final da dissertação.

No início do mestrado, precisamente no primeiro encontro da turma de mestrandos do ProfHistória, o então coordenador do curso (hoje orientador dessa pesquisa), interpelou-nos sobre o interesse, objeto e objetivos do trabalho de pesquisa que pretendíamos realizar; *pari passu* cada mestrando relatou suas expectativas e planos de pesquisa.

De minha parte, fiz uma explanação sobre o desejo de investigar os testemunhos relacionados à Shoá² e o uso dos mesmos como fonte de pesquisa e do ensino de história. O impulso inicial para a pesquisa havia sido engatilhado com a releitura do *Diário de Anne Frank*, a narrativa testemunhal comumente indicada nos livros didáticos na abordagem sobre o genocídio judaico. É fato que os escritos de Anne, a menina que permaneceu em um esconderijo com a família durante dois anos na tentativa de se salvar dos nazistas, impressionam e comovem, não apenas pela exposição do sofrimento e angústia que relata, mas sobretudo pelo seu exemplo de resiliência, maturidade, determinação e coragem.

¹ Trecho da música *Dias Melhores*. Composição: Marcos Túlio Lara, Márcio Buzelin, Paula Diniz, Paulinho Fonseca, Rogério Flausino. Interpretação: Banda Jota Quest. Sony Music, 2000, 5'17.

² Neste trabalho optamos pelo uso do termo Shoá (שואה), originário do idioma hebraico (catástrofe/destruição) para descrever o genocídio dos judeus durante a Segunda Guerra Mundial. Embora a expressão *Holocausto* (do grego *holokaustos*, "sacrifício pelo fogo") seja bastante utilizada, concordamos com historiadores que apontam que expressão remete a um viés religioso que não se aplica ao genocídio perpetrado pelos nazistas. (WIEVIORKA, 2000). O termo teve seu uso ampliado a partir do filme *Shoah* (1985), do cineasta francês Claude Lanzmann. A escolha de Shoá sublinha a intenção de manter viva a memória do genocídio como uma catástrofe singular e sem precedentes na história judaica e mundial.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, vários escritos memorialísticos foram publicados em forma de autobiografias, diários, crônicas e cartas. A inscrição dos testemunhos apresentava ao mundo a perspectiva das vítimas da tragédia, sobreviventes ou não.

No mesmo ano da publicação do *Diário de Anne Frank*, 1947,³ pelo menos dois outros relatos de sobreviventes vieram a público e se tornaram referenciais do gênero testemunhal: *É Isto um Homem?*, de Primo Levi, e *A Espécie Humana*, de Robert Antelme. Iniciava-se assim um processo de compartilhamento de lembranças individuais e a construção de uma memória coletiva da Shoá, no qual os testemunhos tiveram papel central. Elie Wiesel, Charlotte Delbo, Jorge Semprún, Dawid Sierakowiak, Helga Weiss, Ruth Klüger, Rutka Laskier, Olga Papadopol, Sabina Kustin, Chil Rajchman, Nanette Blitz Konig, Clara Kramer, Renia Spiegel, Alan Gratz, Lena Mukhina, Louis Frankenberg, Victor Klemperer, Marcel Cohen, Nonna Bannister, Max Mannheimer e Kathy Kacer são apenas alguns exemplos de narrativas desse gênero publicadas em português, que encontrei no decorrer da pesquisa e guardo em minha coleção.

Vale destacar outros dois elementos importantes ao impulsionamento das narrativas testemunhais como fonte da pesquisa historiográfica e reflexão sobre a Shoá. Primeiro, os processos judiciais de apuração e julgamento dos crimes cometidos pelos nazistas em Nuremberg (1945-46)⁴ e, mais tarde, de Adolf Eichmann, em Jerusalém (1961).⁵ Estes julgamentos não só trouxeram à tona

³ Vale destacar que em 1945, quando da libertação dos campos alguns relatos foram registrados, como *O Relatório de Buchenwald*, um documento detalhado sobre as atrocidades cometidas no campo de concentração de Buchenwald (Alemanha). O campo funcionou entre 1937 e 1945, quando foi tomado pelas forças norte-americanas que conduziram uma investigação meticulosa, coletando depoimentos de sobreviventes, fotografias e outros documentos para formatar um relatório. O documento foi elaborado por uma equipe de oficiais médicos e jurídicos do exército dos EUA, auxiliada por prisioneiros, com o objetivo de registrar as condições desumanas e os crimes cometidos pelos nazistas.

⁴ Os escritos de memória de perpetradores também serviram como prova do genocídio como é o caso do diário Hans Frank, governador-geral da Polônia ocupada, usado durante os Julgamentos de Nuremberg. Hans Frank manteve registros detalhados das atividades e políticas implementadas na Polônia e de medidas de repressão contra a população judaica e polonesa. Seus diários, que cobriam os anos de 1939 a 1945, foram fundamentais para demonstrar seu envolvimento direto e conhecimento das atrocidades cometidas sob seu comando. Frank foi condenado por crimes de guerra e crimes contra a humanidade e executado em 1946. Seu diário serviu como uma peça chave de evidência para ilustrar a sistematicidade e a intenção genocida do regime nazista na Polônia ocupada.

⁵ *Adolf Eichmann*, um dos principais responsáveis pela organização logística da Shoá, fugiu da Alemanha após a Segunda Guerra Mundial se refugiando na Argentina. Em 1960, agentes do Mossad, o serviço secreto israelense, localizaram Eichmann em Buenos Aires. Ele foi sequestrado em uma operação secreta e levado clandestinamente para Israel. Seu julgamento em Jerusalém começou em abril de 1961, onde foi acusado de crimes contra a humanidade, crimes de guerra e genocídio. Durante o julgamento, testemunhos de sobreviventes e documentos evidenciaram sua responsabilidade na

testemunhos das atrocidades cometidas, como também estabeleceram precedentes legais e morais para a condenação de crimes contra a humanidade. Segundo, a preservação e disseminação dessas memórias foram, e continuam sendo, ampliadas por meio de produções cinematográficas, que têm desempenhado um papel relevante na preservação da memória e no ensino sobre o genocídio.⁶

No processo de pesquisa de fontes memorialísticas que realizei, a cada nova leitura de relato testemunhal ou documentários, contínua e progressivamente, fui me enredando, profissional e emocionalmente, com o tema e os personagens. A despeito da longa experiência no ensino de história, até aquele momento Anne Frank era uma das poucas referências testemunhais que conhecia. A cada biografia, depoimento ou escrito que lia era tomado por um sentimento de empatia e compaixão que me unia ao cenário e as experiências narradas.

Nesse estágio inicial da pesquisa, passei a compartilhar também com os estudantes algumas biografias e narrativas, explicando o contexto, lendo alguns excertos e motivando a leitura. A reação dos estudantes foi sempre surpreendente: inconformismo, indignação e espanto que, em certos momentos, contrastavam com uma certa incredulidade, afinal, o nível de crueldade perpetrada pelos nazistas e seus colaboradores, contada em detalhes por indivíduos que *estavam lá*, parecia muito além do que se podia imaginar e acreditar.

Foi nesse processo de busca e descoberta que compreendi a força dos testemunhos como fontes indispensáveis. O caráter subjetivo dos relatos, a perspectiva individual de um personagem que viveu a experiência do horror genocidário e exprime suas emoções e sonhos, além de complementarem eventuais lacunas de outras fontes, envolvem o leitor e propiciam uma relação de empatia e compaixão, no meu entendimento, essenciais quando os conteúdos se referem a temas sensíveis.

Os testemunhos desafiam o esquecimento, atuam como instrumento de resistência ao negacionismo e alertam para um dever de memória, uma obrigação moral e ética não apenas de lembrar a tragédia, mas de tomar uma posição de

implementação da "Solução Final". Em dezembro de 1961, Eichmann foi condenado à morte e executado em junho de 1962. Este julgamento teve um impacto profundo na memória coletiva da Shoá.

⁶ No cinema o gênero testemunhal da Shoá foi reforçado com produções de destaque como do filme *Shoah*, dirigido por Claude Lanzmann (1985), *A Lista de Schindler*, de Steven Spielberg (1993) e *A Vida é Bela*, do cineasta italiano Roberto Benigni (1997), os últimos premiados com o prêmio mais badalado do cinema, o Oscar.

enfrentamento ao ódio, a intolerância, a violência, a desigualdade e a opressão presentes no cotidiano atual.

O testemunho, cujo personagem tem rosto e voz, é uma ferramenta que corrobora em tornar as aulas de história mais vivas e envolventes, o que é essencial em se tratando da abordagem de temas sensíveis, pois transcende a simples exposição factual e cronológica ou a transmissão de “mais um conteúdo” a ser cumprido, com frieza e desconectado do tempo presente.

A utilização de fontes testemunhais proporciona uma interação maior do estudante/leitor com o personagem/narrador, despertando sensações e facilitando a vivência da dramaticidade da cena histórica. Isso motiva a tomada de posicionamentos éticos e políticos frente a questões vividas no passado e que continuam a afetar o nosso presente, evidentes nos discursos e crimes de ódio, em cenas diárias de racismo, intolerância, xenofobia e, no campo político, na ascensão de grupos de extrema-direita. Pereira destaca:

O estudo dos passados sensíveis e traumáticos (...) [exige se colocar] diante de algo que desperta um posicionamento ético e político, de indignação frente à injustiça e à violação dos direitos humanos.⁷

Seligmann-Silva, relaciona as virtudes do testemunho que propiciam essa aproximação com o leitor.

A autenticidade, a singularidade, o tom realista, as subjetividades que revelam sentimentos, dores, sofrimentos e a vontade de viver, a resiliência e a resistência dos personagens, são aspectos que corroboram para que o leitor perceba a testemunha não como alguém distante em um passado que passou, mas sinta que a experiência compartilhada poderia ter sido a sua ou de alguém.⁸

A inscrição da memória das vítimas da Shoá, o testemunho dos *vencidos*, dos que viveram a experiência de dor, sofrimento e que de diversas formas resistiram, portanto, nos ajudam a ensinar a Shoá como ferramenta de prevenção contra “novos genocídios, [e a formação de] um pensamento crítico sobre as formas de circulação dos discursos de ódio”⁹ que continuam gerando dores, sofrimentos e desigualdades.

Foi durante o processo de pesquisa bibliográfica e de fontes testemunhais, que me deparei com um personagem singular até então desconhecido: *Emanuel Ringelblum*. Esse primeiro contato ocorreu com a leitura do livro *Auschwitz explicado à*

⁷ PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História, dever de memória e os temas sensíveis. UNESCO: 2017, p. 2.

⁸ SELIGMANN-SILVA, Márcio. O Local da diferença: ensaios sobre a memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005, p. 49.

⁹ CARNEIRO, Maria L. Tucci. Holocausto: Crime contra a humanidade. São Paulo: Ática, 2007, p. 9.

minha filha, no trecho em que a historiadora Annette Wieviorka responde a uma indagação sobre como sabemos o que aconteceu no Gueto de Varsóvia durante a invasão nazista. Escreve a autora:

As pessoas encerradas no gueto escreviam e arquivavam. (...) Emmanuel Ringelblum, jovem historiador também ali encerrado, criou equipes encarregadas de reunir todos os documentos possíveis produzidos no gueto. Colocou estes documentos dentro de recipientes de metal e os enterrou. Depois da guerra, ao revirarem as ruínas do gueto de Varsóvia, foi encontrada grande parte dos arquivos.¹⁰

Wieviorka explana que parte das informações sobre a vida no Gueto de Varsóvia provêm do ativismo e escritos de Emanuel Ringelblum, um professor e historiador judeu polonês que reuniu um grupo de pessoas para organizar um arquivo secreto e documentar a vida, preservar a memória e denunciar os horrores vividos pelos judeus. Para isso, Ringelblum e seus colaboradores arquivaram diários, relatórios, bilhetes, cartas e outros documentos que, antes da liquidação do gueto, foram escondidos sob os escombros de Varsóvia, desenterrados e disponibilizados ao público depois da guerra.

Identifiquei-me quase instantaneamente com o personagem: professor de história, socialista, militante social e político — características que se assemelham à minha trajetória pessoal. Desde o primeiro momento, as perguntas e dúvidas sobre Ringelblum me impulsionaram e o desejo de conhecer sua história não mais me abandonou. Quais foram as motivações e objetivos de Ringelblum? Como foi possível a operação e organização do arquivamento? Qual o conteúdo do arquivo e o significado dos documentos armazenados? Qual a sua percepção sobre a experiência trágica? Quem eram os componentes e como se engajaram no trabalho de arquivamento? Questões postas, era preciso respondê-las e foi assim defini o objeto/tema da minha pesquisa.

Ao tempo em que coletava material e lia fontes bibliográficas sobre Emanuel Ringelblum, outro fato firmou ainda mais o meu propósito em me decidir por este tema. Concomitantemente ao mestrado, eu fazia o meu levantamento genealógico e buscava (como continuo até o momento) a origem geográfica dos meus ancestrais ucranianos (rutenos) que chegaram ao Brasil em 1895 vindos da Galícia oriental, região onde nasceu e viveu Emanuel Ringelblum. O historiador Samuel D. Kassow, cuja obra dá base a minha pesquisa biográfica de Ringelblum, dedicou um dos

¹⁰ WIEVIORKA, Annette. Auschwitz explicado à minha filha. São Paulo: Via Lettera, 2000, p. 36.

capítulos do livro ao contexto histórico da Galícia oriental do final do século XIX e começo do século XX. Essa leitura me ajudou a compreender as características econômicas, políticas, culturais e religiosas dessa região e as motivações para o deslocamento de milhares de seus habitantes para o Brasil. Um verdadeiro achado para o meu estudo genealógico e que me sintonizou ainda mais ao objeto da pesquisa.

Como veremos, a coragem de documentar as atrocidades, a dedicação na organização do arquivo e o compromisso com a verdade e a memória da comunidade judaica polonesa tornaram o testemunho de Ringelblum um legado incomensurável.

No primeiro capítulo, apresento algumas abordagens teóricas e historiográficas relacionados a catástrofe, trauma, memória e história. Examino como os historiadores desenvolveram essas ideias a partir de estudos sobre o impacto dos eventos traumáticos na sociedade e a maneira como esses acontecimentos são lembrados e documentados. Exploro ainda as noções de memória, história e testemunho, considerando como as lembranças coletivas e individuais contribuem para a construção da narrativa histórica.

No segundo capítulo, apresento a trajetória biográfica e a produção intelectual de Emanuel Ringelblum. Para isso, utilizo o trabalho do historiador teuto-americano Samuel D. Kassow em sua obra *Quem Escreverá a Nossa História?* (2018) e a perspectiva biográfica de Ringelblum escrita por Jonás Turków, sobrevivente e companheiro no gueto, traduzida do ídiche para o espanhol e publicada pelo *Congreso Judío Mundial* (1979).

No terceiro capítulo, apresento o produto da pesquisa, que intitulamos *Emanuel Ringelblum: o testemunho de um historiador no Gueto de Varsóvia*. O material didático, preparado em linguagem e conteúdo para atividades com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental - faixa etária entre 12 e 14 anos - se alinha às diretrizes da *Base Nacional Comum Curricular* (2018).

O conteúdo do produto é baseado em fontes bibliográficas e, como fonte primária, a *Crônica do Gueto* de Varsóvia, o relato memorialístico escrito por Emanuel Ringelblum entre o outono de 1939 e o inverno de 1944. Dividi o conteúdo do material, ilustrado com imagens fotográficas em todas as suas partes, para ser aplicado em cinco horas-aula, sendo as duas primeiras sobre o contexto histórico e trajetória de Ringelblum, a terceira sobre o arquivo *Oyneg Shabes* e a quarta e quinta aulas para a leitura, análise de excertos da *Crônica do Gueto* e atividades finais.

A história, "a ciência dos homens no tempo",¹¹ oferece uma perspectiva profunda sobre a experiência humana através dos séculos. O testemunho de Emanuel Ringelblum, sua luta para sobreviver e auxiliar outros a resistirem à opressão, sempre remeterá à uma reflexão sobre a vida, sobre a igualdade e sobre a justiça.

Assim como ele, ainda hoje, precisamos resistir e enfrentar as adversidades impostas por estruturas econômicas e políticas que mantêm as desigualdades e as injustiças; assim como Ringelblum precisamos acreditar em "dias melhores [e] quando seremos melhores em tudo". Acima de tudo, como também exemplifica Ringelblum, precisamos de esperança, mas não uma esperança passiva que simplesmente aguarda os acontecimentos; uma esperança ativa que nos impulsiona a agir para transformar o mundo para melhor, como agentes da história que somos.

Não é objetivo das aulas de história formar 'pequenos historiadores', mas é primordial que os estudantes, a exemplo dos historiadores profissionais, busquem não apenas conhecer o passado que passou, mas compreender as causas pelas quais os eventos se desenvolveram e utilizem esse conhecimento como orientação na luta por uma cultura de paz, respeito e justiça social.

¹¹ BLOCH, Marc. *Apologia da História ou O Ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p. 47-50.

1. CATÁSTROFE, TRAUMA E O TESTEMUNHO

*Um acontecimento vivido é finito, encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é a chave para tudo o que veio antes e depois.¹²
Nada temos de melhor que a memória para garantir que algo ocorreu antes de formarmos uma lembrança.¹³*

O século XX foi marcado por uma sucessão de violências: duas guerras mundiais e conflitos menos abrangentes, mas igualmente mortais, genocídios, massacres e bombas atômicas, que resultaram na morte e em traumas físicos e psicológicos de milhões de pessoas em todos os cantos do planeta.

Mas essa destruição gigantesca não se limitou às guerras e suas vítimas. Do ponto de vista da relação do homem com a natureza, a máquina capitalista, amparada na ciência e em novas tecnologias para envidar o chamado *progresso* — um sofisma para o que as classes dominantes realizam de fato que é o acúmulo de capital pela exploração incessante —, elevou assombrosamente a degradação e o desequilíbrio natural responsável por ceifar a fauna, a flora e culturas locais cuja relação com a natureza é vital.

As catástrofes permeiam distintas temporalidades, mas têm seu ápice com a modernidade industrial. Este processo é analisado de diferentes perspectivas, abordagens teóricas e metodológicas pela historiografia que buscam compreender seus efeitos e influências nas sociedades.

Walter Benjamin, filósofo e crítico literário alemão, que viveu sob o enfrentamento direto ao fascismo na primeira metade do século XX, compreende a história da humanidade como uma sequência contínua de catástrofes, cuja intensidade e frequência foram amplificadas na modernidade industrial. O uso da técnica e a ideologia capitalista, que reifica indivíduos e natureza transformando-os em meios para a acumulação de capital, elevaram o nível de destruição geral.

O historiador inglês Eric Hobsbawm analisa as catástrofes, especialmente as guerras e crises econômicas do século XX, como eventos de ruptura que moldaram e redefiniram as estruturas sociais e políticas. Segundo Hobsbawm, esses eventos não apenas provocaram mudanças profundas nas sociedades, mas também deixaram traumas duradouros, afetando as gerações subsequentes e a forma como essas

¹² BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 37.

¹³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007, p. 126.

sociedades se entendem e se organizam. Para ele,

O curto século XX viu as maiores catástrofes da história humana, marcadas por guerras, revoluções e genocídios, que transformaram radicalmente as estruturas sociais e políticas globais. A era que começou com grandes esperanças e promessas de progresso terminou sob a sombra de um futuro incerto e ameaçador, onde as consequências das ações passadas continuaram a assombrar o presente. As duas guerras mundiais, a Grande Depressão e o Holocausto foram eventos que não apenas redefiniram as fronteiras e governos, mas também deixaram cicatrizes profundas na consciência coletiva da humanidade.¹⁴

O historiador francês, Henry Rousso, argumenta que as catástrofes, especialmente no contexto da modernidade industrial, revelam um ponto de inflexão na forma como as sociedades lidam com o passado traumático. Para ele, "a memória das catástrofes modernas não é apenas uma lembrança do sofrimento, mas também um aviso sobre os perigos da tecnologia e da industrialização desenfreada." Rousso ainda destaca que "essas memórias servem como um alerta constante sobre os caminhos que as sociedades escolhem trilhar."¹⁵

Em *A Última Catástrofe*, Henry Rousso analisa as catástrofes do século XX, enfocando especialmente suas consequências para a memória coletiva e o trauma histórico. O autor examina as diferentes respostas ao trauma — como a negação e a memorialização —, ressaltando a importância crucial de confrontar esses eventos com honestidade. Rousso explora como episódios como a Segunda Guerra Mundial e a Shoá deixaram marcas profundas tanto nas sociedades quanto nas consciências individuais, defendendo um entendimento reflexivo e claro dessas experiências históricas.

O século XX, com suas guerras, genocídios e revoluções, foi um período de catástrofes sem precedentes. Essas catástrofes não apenas destruíram vidas e estruturas sociais, mas também moldaram a memória coletiva e a forma como as sociedades se lembram e lidam com o passado. A compreensão dessas memórias é essencial para evitar a repetição dos erros do passado e para promover uma sociedade mais consciente e resiliente.¹⁶

A análise de Rousso dialoga com reflexões mais amplas sobre o papel da memória na formação das identidades contemporâneas. A forma como processamos traumas históricos influencia diretamente a construção de identidades — coletivas e individuais —, moldando nossa compreensão da história e orientando nossas ações

¹⁴ HOBBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 13

¹⁵ ROUSSO, Henry. *A Última Catástrofe. A Última Catástrofe: História, Presente, Contemporâneo*. Editora Unesp, 2016, p. 61-62.

¹⁶ ROUSSO, op. cit, p. 45.

no presente e no futuro.

Como observa Enzo Traverso, ao discutir as vicissitudes da memória, o passado traumático não é um território estático, mas uma paisagem em constante transformação, reescrita a partir de interrogações e das experiências do presente.

Não é só o tempo a erodir e a enfraquecer a recordação. A memória é uma construção, sempre filtrada por conhecimentos adquiridos posteriormente, pela reflexão que se segue ao acontecimento, por experiências que se sobrepõem à primeira e modificam a recordação.¹⁷

A memória das catástrofes do século XX não só corrobora em definir uma identidade coletiva, mas também serve como um filtro através do qual interpretamos e agimos no presente e podemos agir no futuro. Essa dinâmica revela como o trabalho de memória ultrapassa a mera recordação, tornando-se um processo ativo de reinterpretção que conecta temporalidades e se relaciona com a construção de identidades.

Assim, as narrativas memorialísticas não apenas se contrapõem ao esquecimento, mas servem como ferramentas para forjar valores no presente. A memória da catástrofe, que perpassa gerações, a transforma em um elemento ativo na construção de uma consciência histórica e cultural.

1.1 MEMÓRIA E HISTORIOGRAFIA

Para Walter Benjamin, a experiência destrutiva da Primeira Guerra Mundial, com economias destruídas e corpos feridos, pôs a nu a crença propalada pela classe dominante capitalista, em um progresso sempre crescente e positivo. Ele defende que foi justamente esse progresso que gerou as catástrofes, colocando em risco a própria sobrevivência humana.

Os impactos das experiências extremas sobre os indivíduos e sociedades receberam a atenção de estudiosos desde o final do século XIX. Eles buscaram compreender as consequências dos choques em soldados e civis, e essa análise se tornou um foco central na Primeira Guerra Mundial. A brutalidade das trincheiras, o uso de novas tecnologias de guerra e a escala sem precedentes de violência e destruição, expuseram os combatentes a níveis de trauma psicológico nunca antes vistos. Soldados voltavam das frentes de batalha fisicamente feridos, emocionalmente devastados e incapazes de articular suas experiências; as populações civis que

¹⁷ TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar. Lisboa, 2012, p. 23.

vivenciaram bombardeios, deslocamentos forçados e perdas massivas, também enfrentaram profundas crises. O cenário impulsionou uma reflexão significativa na psicologia e psiquiatria que buscou compreender os impactos duradouros dessas experiências.

Sigmund Freud (1856-1939), o pai da psicanálise, iniciou sua investigação sobre o trauma¹⁸ em seus estudos sobre a histeria. Trabalhando em parceria com Josef Breuer, ele desenvolveu o método da *cura pela fala*, buscando que os pacientes acessassem e expressassem as suas memórias reprimidas sobre suas experiências de choque. O caso de Bertha Pappenheim, conhecida como *Anna O.*, foi fundamental para os seus primeiros ensaios sobre o tema. Freud percebeu que os sintomas físicos e psicológicos poderiam ser traços de perturbações não resolvidas. Esse diagnóstico levou à formulação do conceito de *trauma psíquico*, quando eventos dolorosos e não processados emocionalmente são reprimidos e “guardados” no inconsciente, causando efeitos duradouros na mente e no comportamento.¹⁹

Freud aprofundou o conceito de trauma psíquico após a Primeira Guerra Mundial, quando observou os sintomas e comportamentos de ex-combatentes e leu relatos de outros médicos e psicanalistas que trataram diretamente desses pacientes. Emprestando o conceito de trauma da medicina, ele o aplicou no aspecto psicológico, explicando que a dificuldade do sujeito em narrar a sua experiência e em superar os traços da violência estava vinculada à experiência extrema. Os soldados sofriam, portanto, de uma perturbação psicológica que se manifestava na *fixação obsessiva* em determinados aspectos da experiência vivida e em uma *repetição neurótica*, que interditava a linguagem, dificultando a sua capacidade de atribuir um significado e de contar a experiência nos campos de batalha. Assim como em um choque físico, o trauma psicológico decorrente da experiência de choque abre no indivíduo uma ferida que também precisa ser tratada.

Em sua obra *Além do Princípio de Prazer* (1920), Freud explora o tema, caracterizando os traumas psíquicos como marcas estáveis e prolongadas que influenciam a vida do indivíduo e da sociedade.

Observamos que os traumatismos psíquicos — ou seja, impressões recebidas a uma intensidade suficientemente elevada — deixam atrás de si

¹⁸ *Trauma*: a palavra tem origem no grego antigo, onde τραῦμα significava "ferida" ou "lesão". A raiz grega da palavra passou para o latim como "trauma", mantendo o mesmo significado de ferida física. Atualmente, o termo é usado tanto no sentido físico quanto no sentido psicológico.

¹⁹ FREUD, Sigmund; BREUER, Josef. *Estudos sobre a histeria* (1895). Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 36-39.

uma marca duradoura; não apenas permanecem na memória como acontecimentos isolados, mas também influenciam de modo contínuo a vida posterior do indivíduo.²⁰

O indivíduo afetado pelo choque procura evitar o sofrimento e a dor associados à memória do evento extremo, encobrindo as lembranças dolorosas e as empurrando para o inconsciente, resultando em uma narrativa fragmentada e distorcida.

Na perspectiva freudiana, a compreensão desse processo é importante para entender como o trauma afeta a mente e como o testemunho dessas experiências pode ser terapêutico e vital para a cura. Freud argumenta que ao trazer essas memórias à consciência e integrá-las na narrativa pessoal do indivíduo, é possível aliviar a carga emocional e promover a recuperação psicológica. Esse processo de elaboração do trauma, através da fala e do testemunho, ajuda o indivíduo a lidar com as suas experiências dolorosas e também contribui para a construção de uma memória social sobre eventos traumáticos.

Como mencionado, a Primeira Guerra Mundial promoveu uma ampliação dos estudos sobre o trauma. A situação dos soldados que voltavam das trincheiras silentes, incapazes de narrar a experiência e com absoluta dificuldade de se desencapsular do choque, é tema de reflexão em outros campos de análise. Walter Benjamin comenta da seguinte forma:

No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiência comunicável. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com uma experiência transmitida de boca em boca. Não havia nada de anormal nisso. Porque nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrente e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.²¹

Seligmann-Silva destaca a experiência e obra do historiador francês Jean Norton Cru (1879-1949), contemporâneo a Freud, como precursor nos estudos sobre o testemunho.

²⁰ FREUD, Sigmund. *Além do princípio do prazer*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 27.

²¹ BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 205–206.

Norton Cru, ele próprio um ex-combatente nas trincheiras, observou as alterações no comportamento social e emocional dos soldados e iniciou uma extensa pesquisa de campo. Ele entendia que somente aqueles que vivenciaram a experiência nas frentes de batalha poderiam compreender e explicar o real significado e a dimensão da violência. Assim, começou a organizar um grande arquivo reunindo relatos testemunhais, documentos, diários, romances, cartas e crônicas de soldados.

Em 1929, ele publicou o seu livro *Témoins* onde relaciona, analisa e interpreta os testemunhos arquivados, tendo como objetivo marcar sua oposição à visão belicista e da guerra como um espetáculo, então predominante, a partir da exposição das agruras e sofrimentos causados pela guerra, como descreve:

La guerre, telle qu'on la chante dans les poèmes et les romans patriotiques, n'est qu'une illusion. La réalité est faite de souffrances indicibles, de désespoir et de la destruction inévitable de l'âme humaine. Ceux qui exaltent la guerre n'ont jamais connu ses horreurs.²²

Seligmann-Silva reconhece a importância do experimento de Norton Cru como “a primeira tentativa sistemática de se pensar o testemunho moderno” e acrescenta que a despeito de eventuais equívocos metodológicos em *Témoins*, esse trabalho tem relevância pela inovação em utilizar a narrativa testemunhal com fonte para a pesquisa e a construção da narrativa historiográfica.²³

Témoins é apenas um exemplo do novo enfoque que a historiografia lançaria mais tarde sobre a memória e os testemunhos. A historiadora francesa Annette Wieviorka, referencial nos estudos sobre a Shoá, afirma que os eventos extremos do século demandaram da historiografia a busca por novas fontes para o conhecimento e análise do passado.

Les grandes tragédies du XXe siècle, et en particulier la Shoah, ont ouvert la voie à une nouvelle ère: l'ère du témoin. Dans cette ère, la parole des témoins est devenue un élément central de notre compréhension historique et de notre conscience collective.²⁴

²² CRU, Jean Norton. *Témoins: Essai d'Analyse et de Critique des Souvenirs de Combattants Édités en Français de 1915 à 1928*. Paris: Les Étoiles, 1929, p. 14. “A guerra, tal como cantada nos poemas e romances patrióticos, é apenas uma ilusão. A realidade é feita de sofrimentos indizíveis, de desespero e da destruição inevitável da alma humana. Aqueles que exaltam a guerra nunca conheceram seus horrores” (tradução minha).

²³ SELIGMANN-SILVA, M. Testemunho e a política da memória: o tempo depois das catástrofes. Projeto História : Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 30, n. 1, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2255>. Acesso em: 24 fev. 2025.

²⁴ WIEVIORKA, Annette. *L'Ère du témoin*. Paris: Éditions du Seuil, 1998, p. 15. “As grandes tragédias do século XX, e em particular a Shoá, abriram caminho para uma nova era: a era do testemunho. Nesta era, a palavra dos testemunhos se tornou um elemento central da nossa compreensão histórica e da

As fontes memorialísticas e testemunhais se tornaram indispensáveis para abarcar aspectos que as fontes e registros convencionais não conseguiam captar plenamente. Segundo Wieviorka, essa “*era do testemunho*” representa um novo paradigma na historiografia, surgido em resposta às profundas crises do século XX, contexto em que as narrativas testemunhais assumiram um papel crucial ao proporcionarem uma visão autêntica e subjetiva, essencial para capturar a intensidade emocional e a complexidade dos eventos históricos.

Desde o final do século XIX, vários pensadores se mobilizam em oposição à visão cientificista e se debruçam sobre a pesquisa e a reflexão sobre a memória. Isso significa que esses autores se concentram não apenas nos fatos e eventos históricos objetivos, mas também na maneira como a memória - individual e coletiva - influencia a percepção, a interpretação e contribui à narrativa historiográfica.

Enquanto a historiografia positivista/cientificista tende a valorizar a objetividade e a dita imparcialidade na análise histórica, os pensadores que investigam a memória se interessam pelas experiências vividas e pelo impacto emocional dos eventos históricos nas pessoas e coletividades. Na abordagem que utiliza as fontes memorialísticas para o conhecimento do pretérito, a memória importa também pelo seu caráter subjetivo; a memória não é apenas um reflexo fiel, mas uma construção ativa que molda continuamente a maneira como entendemos e contamos a história.

No final do século XIX, houve um movimento crescente para integrar a perspectiva da memória à prática historiográfica, com o objetivo de enriquecê-la e ampliá-la. O filósofo francês Henri Bergson (1859-1941), destacado por sua contribuição à teoria do conhecimento, em seu livro *Matéria e Memória* (1896), classifica a memória como um fenômeno complexo que vai além do simples armazenamento de informações. Ele distingue entre dois tipos de memória: a memória-hábito e a memória pura. A memória-hábito está ligada à repetição e à ação motora, enquanto a memória pura está relacionada à evocação de experiências passadas de forma independente das situações presentes.

Bergson argumenta que a memória não é apenas uma função do cérebro, mas uma capacidade fundamental da mente que vai além do físico. Ele explica que a memória pura preserva todos os eventos passados, não como uma sequência de imagens, mas como uma continuação do passado no presente. A memória, para ele,

nossa consciência coletiva” (*tradução minha*).

é o que permite a consciência de nossa identidade ao longo do tempo, na medida em que ela “intervém para prolongar no presente os eventos do passado e para reintroduzir as experiências anteriores em nossa percepção atual”.²⁵

Bergson explana a sua teoria sobre a memória indicando que ela “não insere lembranças no presente, mas ao contrário, ela remete a presente percepção ao passado que ela traz de volta”,²⁶ o que indica que ele vê a memória como um processo ativo e dinâmico que envolve a constante interação entre o passado e o presente.

Essa distinção feita por Bergson tem sido muito importante para o desenvolvimento de estudos sobre a memória e influencia diversos campos do conhecimento. A memória pura, em especial, oferece uma perspectiva rica à compreensão de como as experiências passadas podem ser recuperadas e analisadas, contribuindo significativamente para a historiografia e outras áreas das ciências humanas. Ao considerar a memória não apenas como um registro factual, mas como um fenômeno dinâmico e complexo, os pesquisadores podem explorar novas dimensões dos eventos históricos e seus impactos no tempo presente.

No campo literário e contemporâneo a Bergson, o escritor francês Marcel Proust (1871-1922) se destacou por uma profunda reflexão sobre a memória, o tempo e a experiência humana. Em sua obra monumental, *Em Busca do Tempo Perdido*, ele realiza uma narrativa introspectiva, mostrando como as experiências passadas moldam a identidade e a percepção do presente através de descrições minuciosas e sua capacidade de capturar a essência dos momentos efêmeros da vida.

Proust destaca especialmente a memória involuntária, um tipo de lembrança que surge de forma espontânea, muitas vezes desencadeada por sensações como cheiros, sons ou sabores que contrasta com a memória voluntária, como tentativa consciente de recordar o passado; mais vívida e emocionalmente rica, a memória involuntária remete ao passado com uma intensidade que a memória voluntária não consegue alcançar.

Um exemplo emblemático apresentado por ele, é a passagem do *madeleine* (um pequeno bolo francês), encontrada no primeiro volume da obra, *No Caminho de Swann*.²⁷ Ao molhar um *madeleine* no chá, o narrador é subitamente transportado

²⁵ BERGSON, Henri. *Matéria e Memória: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1994, p. 89.

²⁶ BERGSON. Idem Ibid. p. 88.

²⁷ PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. Tradução de Mário Quintana. São Paulo: Abril Cultural, 1982, p. 31-32.

para sua infância, revivendo uma série de lembranças esquecidas. Proust descreve essa experiência como um retorno instantâneo e completo ao passado, desencadeado por um simples estímulo sensorial o que revela como certos estímulos podem desbloquear memórias profundas e minuciosas, que não estão acessíveis através da memória voluntária. As sensações evocam memórias profundas:

Mas, quando nada subsiste de um passado antigo, depois da morte das pessoas, depois da destruição das coisas, sozinhos, mais frágeis, mas mais vivos, mais imateriais, mais persistentes, mais fiéis, o cheiro e o sabor ainda permanecem por muito tempo, como almas, para recordar, esperando, sobre a ruína de tudo o resto, levar sem ceder, sobre sua gota quase impalpável, o edifício imenso da recordação.²⁸

Na primeira metade do século XX, outro pensador desenvolveu conceitos inovadores relacionados à memória e aprofundou seus significados e importância. O sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945),²⁹ de forma pioneira, desenvolveu e utilizou pela primeira vez o conceito de *memória coletiva*. Para ele, as memórias individuais estão sempre intrinsecamente ligadas às memórias compartilhadas por grupos sociais e culturais. A ideia de memória coletiva lança luz sobre como os eventos históricos são lembrados, reinterpretados e transmitidos pela sociedade como um todo, influenciando o indivíduo.

Em seus escritos sobre a memória, que compilados e publicados postumamente receberam o título de *A Memória Coletiva* (1950),³⁰ Halbwachs argumenta que a memória individual é sempre gestada e moldada dentro de um *quadro social*, o que lhe confere um componente coletivo. A memória coletiva não é apenas um registro do passado; não é determinada somente pelas experiências individuais, mas é construída e reconstruída socialmente através das interações sociais, onde as lembranças são compartilhadas entre os indivíduos e grupos.

A memória coletiva, anota ele, envolve processos sociais complexos, onde os

²⁸ PROUST, Marcel. Idem Ibid. p. 60.

²⁹ Maurice Halbwachs foi um sociólogo francês de ascendência judaica, conhecido por suas contribuições pioneiras no estudo da memória coletiva e da sociologia da memória. Nasceu em Reims e estudou na Escola Normal Superior de Paris, onde se interessou pela filosofia e pela sociologia. Discípulo de Émile Durkheim, tornou-se um dos principais teóricos da Escola Sociológica Francesa. Halbwachs lecionou na Universidade de Estrasburgo e na Universidade de Paris, onde desenvolveu suas teorias. Parte de seus estudos foram interrompidos pela Segunda Guerra Mundial, durante a qual foi deportado para Auschwitz, onde veio a falecer em março de 1945. Além de *La Mémoire Collective* (1950), publicou *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* (1925), *La Topographie Légendaire des Évangiles en Terre Sainte: Étude de Mémoire Collective* (1941) e *Morphologie Sociale* (1938).

³⁰ HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: 1994.

indivíduos são influenciados por narrativas e representações coletivas e reinterpretam a lembrança individual. Ela não é uma soma de lembranças individuais, mas um fenômeno coletivo, se forma em torno de contextos sociais e só é possível graças ao compartilhamento de lembranças entre os membros de um determinado grupo social.

Nós só nos recordamos de um evento na medida em que ele nos remete a grupos sociais cujas estruturas são marcadas por esse mesmo evento (...), a memória individual não flutua em um vácuo, mas é moldada e influenciada pelas memórias coletivas das comunidades às quais pertencemos.³¹

O cenário europeu de crise profunda do capitalismo e da democracia liberal na primeira metade do século XX, que ensejou a ascensão do nazifascismo, também foi terreno fértil para o pensamento crítico e teorias que desafiavam a lógica capitalista e a historiografia tradicional, propondo novas perspectivas para a análise histórica.

Na França da década de 1920, os historiadores Marc Bloch³² e Lucien Febvre³³ se tornaram referências na historiografia ao fundarem a *École des Annales*.³⁴ Eles se opunham radicalmente ao positivismo (e ao cientificismo), modelos historiográficos que se concentravam exclusivamente em fatos, provas objetivas, documentos oficiais, privilegiando os grandes eventos e personalidades e enfatizando a aplicação rigorosa de métodos científicos para garantir a objetividade e a verificabilidade das conclusões históricas.

A *Annales* introduziu uma nova abordagem historiográfica com foco na multidisciplinariedade, na análise das estruturas sociais e em seus aspectos econômicos, sociais, culturais e simbólicos, nas mentalidades coletivas e nos processos de longa duração.

A abordagem multidisciplinar e integrativa proposta pela *Annales* a colocou no epicentro de uma revolução na historiografia. Enquanto a historiografia tradicional

³¹ HALBWACHS, Maurice. Idem ibid, p. 52-54.

³² Marc Bloch (1886-1944), historiador francês, conhecido por suas contribuições para a historiografia moderna. Cofundador da *Escola dos Annales*, uma abordagem historiográfica que enfatizava a interdisciplinaridade e a análise das estruturas sociais. Bloch combateu na Primeira Guerra Mundial e posteriormente tornou-se professor na Universidade de Estrasburgo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele juntou-se à Resistência Francesa, mas acabou sendo capturado e executado pelos nazistas em 1944.

³³ Lucien Febvre (1878-1956), historiador francês e cofundador da Escola dos Annales. Nascido em Nancy, estudou história na Sorbonne e se especializou em história da civilização moderna. Sua obra destacou-se pela integração de múltiplas disciplinas, como a geografia, sociologia e antropologia, para compreender o passado de maneira ampla e contextualizada.

³⁴ A *Escola dos Annales* foi um movimento historiográfico fundado na França, por Marc Bloch e Lucien Febvre na década de 1920. Caracterizou-se por uma abordagem interdisciplinar e uma ampla visão temporal, buscando entender a história para além dos eventos políticos e militares. Priorizava o estudo das estruturas sociais, econômicas e culturais de longo prazo e destacava a utilização de novas fontes e métodos de análise, como a história quantitativa e a história das mentalidades.

enfatizava uma história linear, focada nos grandes eventos e personagens, a *Annales* propunha uma nova metodologia, incorporando elementos sociais, econômicos, culturais, psicológicos e explorando os processos de longa duração, os fenômenos coletivos e as mentalidades.

Ampliando o escopo da pesquisa para incluir a experiência e outras fontes, a *Annales* contribuiu para uma compreensão mais profunda dos eventos históricos e de seus impactos nas sociedades. Essa abordagem permitiu a construção de uma narrativa histórica mais rica e complexa, que vai além da linearidade tradicional e está aberta à complexidade da natureza humana. Ela captura as múltiplas camadas e interações que moldam o curso dos acontecimentos ao longo do tempo, integrando aspectos culturais, sociais, econômicos e psicológicos para oferecer uma visão mais holística do passado.

A história é uma construção interpretativa e o historiador precisa reconhecer as subjetividades e os contextos em que determinado processo está inserido. A narrativa histórica, portanto, deve ser construída não a partir de uma linearidade mecânica, mas de um mosaico complexo de fatores e perspectivas que se relacionam.

O diálogo multidisciplinar - sociologia, antropologia, psicologia, filosofia e geografia - defendido por Bloch e Lefvre, proporcionaria à historiografia novas fontes de pesquisa e uma perspectiva abrangente e multifacetada dos processos, rompendo com a concepção tradicional dos fatos em si.

A despeito de uma subvalorização das fontes de memória, relatos individuais e histórias de vida,³⁵ a *Annales* reconhece-as como vestígios a serem considerados pelo historiador, mas que exigem cuidados em razão de um viés subjetivo e instável que podem acarretar em distorções. Para isso, defende Bloch, essas fontes a exemplo de outras, devem passar pelo exame rigoroso e meticuloso para que sejam ou não validadas.

A crítica das fontes é a alfa e o ômega do ofício do historiador. É uma análise metódica que permite discernir a verdade dos relatos históricos, especialmente quando lidamos com a memória humana, tão suscetível a erros e distorções.³⁶

Em outras passagens, Bloch reforça o tratamento a ser dado às fontes

³⁵ FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margaria Maria Dias de (Coord). Dicionário do Ensino de História. Rio de Janeiro: FGV, 2019, p. 215.

³⁶ BLOCH, M. Apologia da História ou O Ofício de Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004, p. 66.

memorialísticas:

A tarefa do historiador é ampla e complexa: ele deve reunir todos os vestígios, todos os indícios do passado, para construir um quadro coerente e significativo. A memória é uma dessas fontes, e deve ser tratada com o mesmo rigor crítico que aplicamos a qualquer outro tipo de evidência.³⁷

Mas os testemunhos orais, apesar de todas as precauções tomadas, não podem ser aceitos sem críticas. Eles sofrem de todos os defeitos inerentes à memória humana. Como esta memória é falível!³⁸

Para ele a memória traz à luz aspectos do passado que não devem ser ignorados:

La mémoire collective est un vaste et fascinant champ de recherche que l'historien ne doit pas ignorer. C'est un exemple du type de source qui, bien que négligée par les historiens positivistes, peut éclairer des aspects importants de la vie passée.³⁹

A memória, uma fonte desprezada pelo positivismo é, portanto, parte do rol de vestígios a ser considerado pelo *bom historiador* ao analisar o pretérito, e fundamenta:

O bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está sua presa. *Todos os vestígios*, até os mais ínfimos, são preciosos para ele, na medida em que o ajudam a reconstituir a vida dos homens do passado.⁴⁰

Em sua obra *Apologia da História ou o Ofício de Historiador*,⁴¹ ele defende a memória como fonte relevante especialmente em sociedades arraigadas na tradição oral e narrativas transmitidas ao longo das sucessivas gerações, que oferecem informações importantes sobre acontecimentos e a vida cotidiana no passado que suprem eventuais lacunas deixadas por outras fontes.

A memória coletiva é um dos grandes objetos da pesquisa histórica. Ela ilumina aspectos da vida social que os documentos escritos não conseguem alcançar completamente. Os testemunhos orais, as tradições e os relatos das

³⁷ BLOCH, M. Idem Ibid. p. 20.

³⁸ BLOCH, M. Idem Ibid. p. 78.

³⁹ BLOCH, M. Les Caractères Originaux de l'Histoire Rurale Française. Paris: Armand Colin, p. 23. "A memória coletiva é um vasto e fascinante campo de pesquisa que o historiador não deve ignorar. É um exemplo do tipo de fonte que, embora negligenciada pelos historiadores positivistas, pode iluminar aspectos importantes da vida passada." (tradução minha).

⁴⁰ BLOCH, M. Idem Ibid. p. 64 (*grifo meu*).

⁴¹ A *Apologia da História ou o Ofício de Historiador* (título original: "L'Écriture de l'histoire") foi publicada pela primeira vez em 1949, após a morte de Bloch, depois de compilada e editada por Lucien Febvre. O livro é uma reflexão profunda sobre a prática da história, os desafios enfrentados pelos historiadores e as responsabilidades éticas e intelectuais associadas à escrita da história. Bloch discute temas como a objetividade histórica, a relação entre o passado e o presente, a importância das fontes e evidências históricas, além de abordar questões filosóficas e metodológicas fundamentais para a disciplina histórica.

peças comuns são indispensáveis para o historiador, pois revelam a vivência cotidiana e a mentalidade das épocas passadas, complementando e muitas vezes corrigindo a visão fornecida pelas fontes oficiais.⁴²

Ao tempo em que a *École des Annales* florescia, um grupo de teóricos sociais e filósofos materialistas alemães, ligados ao *Instituto de Pesquisa Social (IPS)*, que ficaria conhecida como *Escola de Frankfurt*,⁴³ desenvolvia uma abordagem crítica ao capitalismo, focando na cultura e na ideologia como elementos de consolidação das estruturas de poder. Com a ascensão do nazismo na década de 1930, muitos desses intelectuais ligados ao *IPS*, devido à sua oposição radical ao regime e suas origens judaicas, foram perseguidos e grande parte buscou refúgio em outros países.⁴⁴

No contexto de enfrentamento ao nazismo e crítica ao capitalismo, ambas as *Escolas* desempenham papéis distintos, mas complementares. Na busca por compreender e transformar as complexas dinâmicas da sociedade moderna, as duas correntes se destacaram por enfoques que impactaram profundamente o campo das ciências humanas.

A *Escola de Frankfurt*, notória por sua crítica cultural e social do capitalismo, mergulhou nas profundezas da alienação e da indústria cultural, buscando desvendar as formas de dominação ideológica que permeiam as estruturas sociais contemporâneas. Utilizando métodos derivados da filosofia, psicanálise e teoria social, seus pensadores questionaram os fundamentos do sistema capitalista, oferecendo uma análise crítica que ecoa até os dias de hoje. A *Annales* trouxe uma abordagem revolucionária à historiografia, expandindo seu escopo para além dos eventos políticos e biografias individuais. Enfatizando a história social, econômica e cultural de longa duração, promoveu a pesquisa multidisciplinar que incorporou métodos das diversas áreas das ciências sociais.

Embora diferentes em metodologias e focos temáticos, ambas as escolas se assemelhavam pela crítica as estruturas de poder que moldam a sociedade moderna e a defesa de mudanças radicais. Enquanto a *Escola de Frankfurt* abordava a crítica

⁴² BLOCH, M. Idem Ibid. p. 61.

⁴³ Instituto de Pesquisas Sociais - *Escola de Frankfurt* - criado em 1923 e dirigido inicialmente pelo economista Carl Grünberg, foi um centro intelectual que combinou teoria crítica, psicanálise e marxismo para analisar a sociedade moderna. Seus principais membros incluíam Theodor Adorno, Max Horkheimer e Herbert Marcuse. Influenciados pela crise do capitalismo e pela ascensão do nazismo, buscavam entender como a cultura e a ideologia moldavam as estruturas de poder. Após a Segunda Guerra Mundial, destacaram-se por suas críticas ao consumismo e à indústria cultural, mantendo uma perspectiva comprometida com a transformação social.

⁴⁴ Intelectuais da *Escola de Frankfurt* exilados nos EUA após a ascensão do nazismo na Alemanha: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse.

cultural e social do capitalismo, aprofundando-se na teoria crítica e nos estudos culturais, a *Escola dos Annales* expandia os horizontes da prática histórica e promovia uma visão mais abrangente dos processos históricos.

1.2 WALTER BENJAMIN: PROGRESSO E CATÁSTROFE

No contexto conturbado da Europa da primeira metade do século XX com a ascensão da extrema direita na Alemanha com o nazismo, a Segunda Guerra Mundial e a experiência de um nível de violência sem precedentes, o filósofo alemão de origem judaica Walter Benjamin (1892-1940) gestará um dos textos teóricos mais significados do nosso tempo. Nascido em Berlim, Benjamin tem uma trajetória intelectual que se entrelaçou com a *Escola de Frankfurt*, com a qual manteve contato e diálogo, embora não fosse um membro formal.

A originalidade de sua obra reside na crítica ao modelo tradicional da historiografia, focada no “progresso” linear e contínuo, e na importância que atribui ao testemunho como narrativa dos vencidos. Em sua obra-testamento, em que apresenta as teses *Sobre o Conceito de História*, Benjamin defende a necessidade de uma teoria de história para encarar o fascismo, desafia a narrativa tradicional e prega a necessidade de explodí-la defendendo o testemunho como ferramenta para explorar as nuances da experiência histórica e as complexidades da memória e aponta para uma nova historiografia que deve revelar as contradições e injustiças ocultas pelas narrativas dominantes pela voz dos vencidos. Para ele, esses elementos não apenas proporcionam a compreensão, mas também têm o potencial transformador de desafiar e reconfigurar as realidades políticas e ideológicas que perpetuam as desigualdades.

Como veremos, suas ideias continuam de uma atualidade impressionante do ponto de vista da análise do presente e do papel da historiografia diante dos desafios contemporâneos. Antes de voltar as ideias de Benjamin, passemos rapidamente pela sua trajetória.

Walter Benjamin⁴⁵ nasceu em 15 de julho de 1892 em Berlim, em uma família de judeus assimilados,⁴⁶ filho de Emil Benjamin, comerciante e leiloeiro de

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. Paris, a capital do século XIX. 1ª ed., Porto Alegre: 2022, p. 9-22. Os dados biográficos se baseiam no texto de Márcio Seligmann-Silva neste volume.

⁴⁶ *Judeus assimilados*: na Europa do século XX, buscavam a integração na sociedade majoritária, adotando a cultura, língua e costumes locais, muitas vezes minimizando e/ou abandonando práticas religiosas e identitárias judaicas. Essa assimilação, motivada por pressões sociais, antisemitismo ou

antiguidades, e Paulin Schönlies. Apesar de pertencer a família de classe média, Benjamin enfrentou sérias dificuldades financeiras, principalmente depois da falência e morte de seu pai, o que o obrigou a escrever em periódicos como meio de sustento. Benjamin estudou em Freiburg, Berlim e Heidelberg e se aproximou do marxismo por influência do amigo Ernst Bloch e da soviética Asja Lacis com quem manteve um romance.

Em 1933, com a ascensão do nazismo, a exemplo de outros militantes antifascistas alemães, Benjamin partiu para o exílio definitivo na França, onde estabeleceu contato com o *IPS* através dos filósofos Max Horkheimer e Theodor Adorno, e passou a receber um subsídio do Instituto com o qual se sustenta durante o período de exílio. Este suporte permitiu também a Benjamin, enquanto fugia da perseguição nazista continuar suas pesquisas e escritos em um período difícil de sua vida.

No ano seguinte ao exílio, Benjamin escreveu algumas das suas mais importantes obras, como *Paris, a capital do século XIX*, e *Eduard Fuchs, o colecionador e o historiador*. Em 1936, publica *O Narrador - Considerações sobre as obras de Nikolai Leskov*, um de seus trabalhos mais lidos; em 1939, finaliza *Sobre alguns temas em Baudelaire* e começa a escrever as teses *Sobre o Conceito da História* que rascunhará até 1940, o ano de sua morte, a obra fundamental onde realiza uma profunda reflexão sobre a natureza da história e o papel do historiador. De acordo com Seligmann-Silva, essa obra “pode ser considerada um dos documentos intelectuais mais impactantes sobre a vida dilacerada no século XX”.⁴⁷

Em permanente risco de morte busca desesperadamente, obter o visto para o refúgio nos Estados Unidos onde outros intelectuais já se encontravam. Quando eclode a Segunda Guerra Mundial é preso em um campo de internamento na cidade de Nevers, por ironia, a mando do próprio governo francês que determinara a prisão de todos os residentes nascidos em solo inimigo (alemães refugiados). Alguns meses depois, após denúncias e pressão de amigos, é libertado.

Com a capitulação da França em 1940, tenta fugir da perseguição nazista indo para o sul da França, quando enfim tem o visto norte-americano liberado. Em contato

ideais iluministas, foi tensionada pela Shoá e pelo surgimento do sionismo, que reacenderam debates sobre identidade e pertencimento.

⁴⁷ SELIGMANN-SILVA, A Virada Testemunhal e Decolonial do Saber Histórico. Campinas, SP: Unicamp, 2022. p. 25

com Lisa Fitko,⁴⁸ decide pela fuga através do *Caminho de Lister*⁴⁹ nos Pirineus, por onde pretendia chegar a Portugal e depois seguir de navio para os Estados Unidos da América. Na fronteira foi preso pela polícia franquista e posto na prisão em Portbou, na Espanha. Na iminência de ser entregue aos nazistas, num ato de desespero, mas que também decorria de sua visão antifascista, se decide pelo suicídio. Era 26 de setembro de 1940 e Benjamin tinha 48 anos.

É nesse contexto aterrador, marcado pela ocupação nazista de grande parte da Europa e pela sombra do *Acordo de Não-Agressão*⁵⁰ que Benjamin vai produzir o seu testamento filosófico. É nesse cenário de incertezas e ameaças, que ele reflete com profundidade sobre a história, a memória e a luta contra a barbárie.

Benjamin entende a história da humanidade como uma sucessão de catástrofes, num processo que culmina na modernidade industrial. Ele argumenta que a burguesia utiliza a técnica para controlar e submeter “os de baixo” aos desígnios do capital. Assim, os indivíduos e a natureza, reificados pela ideologia do progresso, sofrem e são bloqueados, inclusive em sua capacidade de narrar o ocorrido e se libertar do trauma. Nesse ponto, segundo Benjamin, a situação da natureza é ainda mais grave por que a sua linguagem não é compreendida pelos indivíduos.

Por ser muda, a natureza decaída é triste. Mas a inversão dessa frase vai mais fundo na essência da alegoria: é a sua tristeza que a torna muda. Em todo luto, existe uma tendência à mudez, infinitamente maior que a incapacidade ou a relutância de comunicar-se.⁵¹

A produção intelectual de Walter Benjamin abrange uma variedade de temas,

⁴⁸ Lisa Fitko (1907-2005) foi uma resistente antifascista e escritora alemã, conhecida por ajudar na fuga de refugiados do regime nazista. Nascida em uma família judia em Uzhhorod, então parte do Império Austro-Húngaro, ela cresceu em Berlim. Com a ascensão do nazismo, Lisa e seu marido, Hans Fittko, se envolveram ativamente na resistência antinazista, ajudando muitos intelectuais, artistas e outros perseguidos, a escapar da França ocupada através dos Pirineus até a Espanha. Um dos refugiados mais notáveis que ela ajudou foi o filósofo Walter Benjamin, embora ele tenha falecido durante a fuga. Após a guerra, Lisa Fitko se mudou para os Estados Unidos, onde continuou seu ativismo político e trabalhou como escritora e tradutora. Ela documentou suas experiências de resistência e fuga em seu livro *Escape Through the Pyrenees* (1991), proporcionando um testemunho valioso sobre a luta contra o fascismo. Lisa Fitko passou seus últimos anos em Chicago, onde faleceu em 2005.

⁴⁹ O *Caminho de Lister* foi uma rota de fuga importante utilizada durante a Segunda Guerra Mundial para ajudar refugiados a escapar do regime nazista na França ocupada. Esta trilha atravessava os Pirineus, ligando a França à Espanha. O nome *Caminho de Lister* deriva do general espanhol Enrique Lister, que usou a rota durante a Guerra Civil Espanhola.

⁵⁰ O *Acordo de Não-Agressão* entre a Alemanha Nazista e a União Soviética, o chamado *Pacto Molotov-Ribbentrop*, foi assinado em 23 de agosto de 1939. Este pacto estipulava que ambas as nações se comprometeriam a não se atacar mutuamente e incluía cláusulas secretas que dividiam a Europa Oriental em esferas de influência. Este acordo permitiu a Alemanha invadir a Polônia sem temer uma intervenção soviética.

⁵¹ BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História: Ensaios Sobre Walter Benjamin*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012, p. 207.

desde a crítica literária até a teoria cultural, destacando-se suas análises sobre a modernidade, a cultura de massa e a relação entre arte e política. No entanto, uma de suas obras mais impactantes é, de fato, a série de ensaios intitulada *Sobre o Conceito de História*, onde ele apresenta suas ideias sobre o papel da historiografia, a interpretação dos eventos históricos e a relação entre passado, presente e futuro. Benjamin investe contra a visão tradicional – historicista – da história, propondo uma abordagem que valorize os momentos de ruptura e os eventos messiânicos que interrompem o curso histórico.

No campo do materialismo histórico, as teses de Benjamin refletem sua compreensão da história como um acúmulo de catástrofes e ruínas que se acumulam ao longo do tempo e culminam com o fascismo (*tempo-agora*). Apesar de seu teor pessimista ele se concentra em formular uma nova abordagem para enfrentar o fascismo, que ele considera a manifestação final das crises e contradições mais profundas do capitalismo e da modernidade, o cerne das catástrofes experimentadas pela humanidade no século XX.

Benjamin desenvolve uma concepção de história que rompe com a narrativa histórica tradicional – que chama de narrativa dos vencedores – de uma história sempre linear, contínua e a visão do progresso como sempre ascendente e positivo. Ele defende ser necessário *explodir* essa narrativa que coloca o progresso e o primado da técnica como único modelo possível, mas que na verdade foi engendrada para normalizar a destruição iniciada com a modernidade industrial.

Ao analisar o quadro de Paul Klee, o *Angelus Novus*,⁵² Benjamin apresenta sua visão da história como sucessão de catástrofes e injustiças acumuladas, que se contrasta com a narrativa dos vencedores:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Nele se apresenta um anjo que parece estar na iminência de afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. É assim que deve aparecer o Anjo da História. Sua face se volta para o passado. Lá onde *nós* vemos surgir uma sequência de eventos, *ele* vê uma catástrofe única, que incessantemente empilha escombros sobre escombros e os lança a seus pés. Ele gostaria de se demorar, de despertar os mortos e reunir de novo o que foi esmagado. Mas uma tempestade sopra do paraíso, que se agarra às suas asas, e é tão forte que o Anjo já não as consegue mais fechar. Essa tempestade o leva inexoravelmente para o futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto diante dele a pilha de

⁵² O *Angelus Novus* é uma obra do artista plástico alemão Paul Klee. Benjamin teve contato com esta obra através de sua amizade com o filósofo Gershom Scholem, que adquiriu a pintura de Klee em 1921 e, posteriormente, emprestou-a a Benjamin e o homenageia com um poema em seu aniversário de 1921: “Minha asa está pronta pro salto/Queria era voltar pra trás/Se eu ficasse então no tempo vivo/teria menos sorte” (BENJAMIN, Sobre o Conceito de História, 2020, p. 39).

escombros cresce rumo ao céu. Aquilo que chamamos de progresso é essa tempestade.⁵³

Para ele, o *Anjo da História* não contempla o passado como uma simples sucessão de eventos, mas sim como uma série de tragédias acumuladas que se desdobram diante dele. Benjamin descreve o anjo com olhos arregalados, boca aberta e asas estiradas, simbolizando sua tentativa desesperada de entender e resgatar o que foi perdido, no entanto, uma tempestade sopra do paraíso, agarra suas asas e o impele inevitavelmente ao futuro. A força do *progresso*, que Benjamin identifica como a *tempestade*, não apenas o impede de se voltar (enxergar ou refletir) ao passado, como também faz aumentar a pilha de escombros que se acumulam em sua frente.

Benjamin sintetiza nessa passagem a sua visão crítica ao progresso como paradigma da historiografia tradicional – dos vencedores. O anjo na pintura representa o Anjo da História e está fixado no passado, olhando para trás, enquanto testemunha uma sequência de eventos que para ele não é uma progressão linear de desenvolvimento, mas sim uma sucessão de catástrofes. O anjo deseja interromper essa sucessão de destruição, de despertar os mortos e reconstruir o que foi destruído, no entanto, uma tempestade agarra suas asas e o impulsiona para frente de maneira inexorável. O anjo, incapaz de fechar suas asas contra a força da tempestade que o arrasta para o futuro, permanece de costas para ele.

Benjamin defende a explosão da narrativa historicista, ou seja, da narrativa criada pelas classes dominantes para justificar o modelo de progresso linear, nessa visão sempre positivo e ascendente, como o único caminho possível. Para ele, é justamente este progresso, propagandeado pelos capitalistas como a locomotiva da história, a raiz da violência e destruição que atinge a humanidade e, por isso, postula uma nova história que valoriza os momentos de ruptura e as *imagens dialéticas* que interrompem o curso histórico, desafiam a linearidade, revelam as injustiças e os personagens ocultos pelos vencedores. Seligmann-Silva traduz esse pensamento benjaminiano:

A era das destruições, genocídios, violência neocolonial, ditaduras sanguinárias, espoliação dos recursos naturais da Terra, exigiu a reformulação do conceito positivista da verdade como representação autossuficiente do mundo. Foi abalada a visão da história como dirigida por um progresso contínuo, que coloca o presente no ápice da humanidade e o futuro como um paraíso tecnológico que nos aguarda. Foi abalada a visão dos heróis da história, como sendo os que estavam diante de Estados e

⁵³ BENJAMIN, op.cit, p. 76.

exércitos.⁵⁴

A história para Benjamin se desenvolve num campo de lutas. As catástrofes do passado devem ser vistas como o *continuum* da história e compreendidas como resultado da razão e do progresso da modernidade, narrados como o único caminho. Longe de serem eventos isolados, as catástrofes são parte de um processo permanente de barbárie e ruptura que caracteriza a modernidade.

O verdadeiro quadro do passado se forma apenas de fragmentos que sobrevivem nas ruínas da história, os quais devem ser resgatados para construir uma nova compreensão. Apropriar-se do passado oprimido, tal como ele surge numa constelação de perigo, significa desenterrar fragmentos do passado, um ato de rememoração crítica que interrompe a continuidade da história dominante.⁵⁵

Os fragmentos e ruínas são conceitos importantes que Benjamin utiliza para representar a natureza fragmentária e interrompida da história, especialmente em contextos de trauma e catástrofe. As experiências, eventos e memórias que não se encaixam na narrativa dos vencedores devem ser redescobertos e reinterpretados para uma compreensão crítica e transformadora da história.

Os fragmentos se referem às pequenas partes da história que sobrevivem ao tempo, muitas vezes desconectadas umas das outras, como objetos materiais, documentos, relatos de testemunhas ou memórias individuais. Eles não oferecem uma narrativa coesa e linear, mas sim rastros dispersos que os historiadores podem usar para reconstruir o passado e interromper a narrativa dominante.⁵⁶

As ruínas, para Benjamin, são os vestígios físicos e metafóricos deixados por eventos históricos catastróficos. Podem ser edifícios destruídos, paisagens transformadas ou instituições falidas, mas também símbolos de ideias ou sistemas sociais que entraram em colapso. Assim, as ruínas são testemunhas silenciosas do passado e fontes importantes sobre a natureza da história e da condição humana.

Do ponto de vista dos vencidos e silenciados, a história da humanidade é uma história de violências, daí a importância do testemunho dos *debaixo* e invisibilizados pela narrativa burguesa, como forma de revelar as injustiças e opressões e vislumbrar a possibilidade de uma nova ordem política e social.

⁵⁴ SELIGMANN-SILVA, A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. Cult, n. 23, São Paulo, junho 1999, p. 47.

⁵⁵ BENJAMIN, Walter. *Paris, Capital do Século XIX: O Livro das Passagens*. Traduzido por João Barrento. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006, p. 78 e 79.

⁵⁶ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre Literatura e História da Cultura*. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 229.

O sujeito do conhecimento histórico é a própria classe oprimida combatente. Em Marx, ela aparece como a última classe escravizada, como aquela que se vinga, e que vai consumir o trabalho de libertação em nome de gerações de massacrados. Essa consciência, que esteve ativa durante breve período da “Liga Spartacus”, foi sempre incômoda para a socialdemocracia (...) Ela preferiu atribuir à classe trabalhadora o papel de salvar as gerações *futuras* (...) A classe desaprendeu nessa escola tanto o ódio quanto a capacidade de sacrifício. Pois ambos se alimentam da imagem dos antepassados escravizados, e não do ideal dos descendentes libertos. [Se existe uma geração que deveria sabe-lo é a nossa: o que devemos esperar dos pósteros não é um agradecimento por nossos grandes feitos mas antes uma memória daqueles que sucumbiram.]⁵⁷

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo 'como ele de fato foi'. Significa apoderar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num instante de perigo. O materialista histórico sabe que a sociedade burguesa nunca é, na medida em que assenta sobre a escória, a última palavra do tempo. Isso também não serve de desculpa para ele. Em cada época tem de ser tentado extrair de novo a tradição dos vencidos.⁵⁸

A rejeição a ideia de que a história deva ser conhecida “como ela de fato foi”, é uma referência direta à historiografia positivista. Em vez disso, ele defende a recuperação das memórias e tradições que brilham momentaneamente em tempos de crise, no *tempo agora*. A *tradição dos vencidos* refere-se às experiências e memórias daqueles que foram derrotados e oprimidos pela história dominante. O *instante de perigo* é um momento em que o presente revela a urgência de se conectar com as lutas do passado cabendo ao historiador a responsabilidade de redescobrir e trazer à luz essas memórias esquecidas, pois elas têm o potencial de desafiar e transformar as estruturas de opressão. O sociólogo brasileiro Michael Löwy destaca que, para Benjamin, a luta pela libertação dos vencidos não pode ser feita sem a memória das vítimas do passado, assim

A última classe que luta contra a opressão e que é encarregada, segundo Marx, da “obra da libertação” – o proletariado – não pode realizar esse papel, (...) se esquecer seus ancestrais martirizados: não há luta pelo futuro sem memória do passado. (...) A insistência de Benjamin sobre os ancestrais vencidos pode parecer estranha. Ela é, sem dúvida, unilateral, uma vez que a luta contra a opressão se inspira tanto em vítimas do passado quanto em esperanças para as gerações do futuro – e também, ou sobretudo, na solidariedade com as do presente.⁵⁹

O impulso de Benjamin, analisa Seligmann-Silva, em repensar a história do ponto de vista crítico se deve ao seu entendimento quanto a premência em explodir

⁵⁷ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. São Paulo: Alameda, 2020, p. 80-81.

⁵⁸ BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 224.

⁵⁹ LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de inocência: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2015, p. 109-110.

e, em definitivo, “levar a cabo uma ruptura com o modelo historicista de construção histórica”.⁶⁰ Assim devem-se destruir:

- A noção de História universal: Benjamin opõe a essa noção a descontinuidade do tempo histórico. Essa descontinuidade permite tanto romper com o biombo erigido pela ideia única de progresso linear quanto articular um contramodelo de história a partir dos momentos de resistência e tentativa de ruptura da ideologia do progresso.
- A ideia de narrabilidade da história, a sua epicidade: Benjamin contrapõe a essa narrabilidade a necessidade de uma estrutura teórica robusta para o pensamento histórico, calcada na ideia de “força destrutiva da classe trabalhadora”.
- A empatia com os vencedores: Benjamin contrapõe a essa empatia a solidariedade com a tradição dos oprimidos.⁶¹

Ele enfatiza a necessidade de explodir os monumentos erguidos pelas narrativas tradicionais, propondo substituí-las “a partir de outras narrativas que levem em conta as lutas, a história das resistências, a história das violências tentativamente apagadas”.⁶²

O testemunho dos vencidos está no cerne da necessidade de “escovar a história a contrapelo”. A abordagem sugere a necessidade de investigar e reinterpretar a história contra a corrente dominante e, ao fazer isso, desafia-se a narrativa linear e contínua dos vencedores, que silencia as vozes dos vencidos e marginaliza as experiências da maioria oprimida pelo sistema capitalista. É necessário, portanto, se contrapor as narrativas dominantes e revelar as contradições do desenvolvimento histórico, a partir das vozes esquecidas e subversivas da história.

Cabe ao historiador a tarefa de trazer à tona o testemunho dos oprimidos e explorar os momentos de ruptura que desafiam a narrativa do *continuum* da história. A história dos vencidos - *geschichte der besieigten* - valoriza as imagens dialéticas e os fragmentos do passado que se contrapõem às narrativas dominantes.

É a partir da tradição dos vencidos que o passado será reinterpretado e que o entendimento histórico assumirá uma perspectiva mais completa, justa e transformadora. Benjamin destaca a importância da memória, dos sonhos e das lutas das forças sociais historicamente subjugadas e silenciadas quando afirma que “o verdadeiro historiador deve estar atento à tradição dos oprimidos. Os testemunhos

⁶⁰ SELIGMANN-SILVA, Márcio. A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. Cult, n. 23, São Paulo, junho 1999, p. 86.

⁶¹ Idem, *ibid*, p. 89.

⁶² Idem, *ibid*, p. 90.

daqueles que sofreram e foram derrotados são cruciais para entender os momentos de perigo que marcaram a história.”⁶³

O pensamento benjaminiano oferece uma perspectiva profunda sobre o papel do testemunho na construção e compreensão da história. Ao desafiar a frieza da concepção tradicional, ele destaca a importância da memória e da experiência individual como um imperativo na construção do conhecimento histórico.

O testemunho não é um relato passivo do passado, mas uma intervenção ativa que transforma a maneira como entendemos e nos relacionamos com os eventos pretéritos e seus personagens na medida em que ele possibilita a criação de uma relação de empatia e compaixão. A personificação da vítima possibilita uma conexão emocional que humaniza a narrativa e se torna uma peça essencial na luta contra o esquecimento e o silenciamento.

A história escovada a contrapelo, como defende Benjamin, é, portanto, um convite à explosão das narrativas da continuidade e do progresso pela recuperação das vozes silenciadas. Essa abordagem encontra expressão na trajetória e legado de Emanuel Ringelblum e o *Oyneg Shabes*, o arquivo secreto organizado por ele e outros membros da resistência ao nazismo na Polônia invadida. Ringelblum sabia que apenas coletar fontes oficiais, além de ser difícil e arriscada, não seriam suficiente a análise dos historiadores do futuro. Era essencial reunir depoimentos e, sempre que possível, registrar diferentes versões de um mesmo acontecimento. Seu objetivo era garantir um arquivo de narrativas testemunhais dos vencidos que fosse amplo, diverso, autêntico e legítimo.

A despeito de serem contemporâneos e das semelhanças em suas trajetórias – origem judaica, formação acadêmica, militância antifascista e de esquerda, entre outras –, não encontramos registros de que Benjamin e Ringelblum tenham tido algum tipo de contato. No entanto, o *Oyneg Shabes* exemplifica perfeitamente o apelo de Benjamin à narrativa dos vencidos, na medida em que o arquivo não se limitou à guarda de fontes tradicionais/oficiais, mas buscou o registro da narrativa de intelectuais, lideranças e de pessoas comuns. Ringelblum orientava os colaboradores a coletar todos os vestígios e fontes, mas frisava a necessidade de inscrever as experiências e opiniões individuais sobre a catástrofe que os atingia.

⁶³ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. Traduzido por Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 225.

O trabalho de Ringelblum, como veremos, é apenas um dos muitos exemplos de coragem, resiliência e resistência ao regime genocida hitlerista. Desafiando os opressores, as memórias individuais e coletivas registradas em *Crônica do Gueto de Varsóvia* e preservadas no *Oyneg Shabes*, garantiram que os testemunhos das vítimas, silenciadas pelos perpetradores e seus cúmplices, servissem não apenas como evidências nos tribunais após a guerra, mas também como ferramentas - *picaretas*, expressão usada por Benjamin - para abrir fendas na rígida narrativa dos vencedores e apresentar a verdade dos vencidos.

Os testemunhos registrados por Ringelblum em sua *Crônica* não apenas revelam os horrores a que foram submetidos os judeus poloneses, mas também destacam a determinação inabalável em resistir aos opressores e lutar pela vida. Esses relatos documentam a coragem e a resiliência das vítimas, que utilizaram todos os meios ao seu alcance, até o limite do possível, para sobreviver e manter sua dignidade diante das atrocidades. A *Crônica* de Ringelblum é, portanto, um poderoso testemunho da resistência humana e da luta incessante pela vida em meio à desumanização e à brutalidade da Shoá.

O século XX, na contramão das possibilidades oferecidas pela modernidade e da crença propalada pelas classes dominantes de um progresso ascendente e contínuo, foi o ápice de um tempo de destruição, um processo que continua a nos afetar: massacres e genocídios se repetem; a natureza explorada de modo vil; a intolerância, o ódio e a violência persistentes e que desgraçam vidas e esperanças. No campo político, note-se, a adesão de segmentos sociais aos discursos de ódio, xenófobo, transfóbico, misógino, racista e populista autoritário, os mesmos que no passado escalaram os mais pavorosos regimes totalitários, volta a embalar vitórias eleitorais de uma extrema-direita golpista e antidemocrática.

Passadas oito décadas da Shoá é evidente que as lições da história não foram plenamente absorvidas. A memória das atrocidades do passado deveria servir como um alerta permanente contra a repetição de atrocidades, mas vemos a persistência das mesmas forças destrutivas.

Seligmann-Silva ressalta a importância da memória em tempos de crise das grandes narrativas e teorias, como uma ferramenta política e um dos pilares da ética. Ao preservar e valorizar a memória, podemos contribuir para a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, usando o passado como um meio de promover a justiça social e combater as desigualdades.

Mais do que nunca, em uma época de crise das grandes narrativas e teorias, a memória se transformou em um dos últimos bastiões da ética. Temos que pensar na prática da memória como uma prática política que pode ajudar a construir uma sociedade mais igualitária e justa.⁶⁴

É o caminho para enfrentarmos, efetiva e permanentemente, os desafios contemporâneos e dar passos no longo caminho rumo a uma sociedade melhor.

⁶⁴ SELIGMANN-SILVA. Márcio. A virada testemunhal e decolonial do saber histórico. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022, p. 16.

2 EMANUEL RINGELBLUM

Desde os tempos mais remotos, é próprio do ser humano narrar fatos, acontecimentos e atos praticados por si e pela sua coletividade. Desde que a humanidade aprendeu a se comunicar, as narrativas continuam ocupando um espaço cada vez maior. A memória coletiva, construída a partir do compartilhamento de lembranças individuais, desempenha um papel crucial na comunicação e identidade de um grupo social, pois as sociedades criam narrativas comuns que fortalecem a coesão e o senso de pertencimento.

A memória compartilhada une indivíduos em uma coletividade, oferecendo um sentido de conexão com um passado comum. Eventos históricos, tradições culturais e experiências coletivas são rememorados e transmitidos de geração em geração, criando um tecido social que mantém os membros do grupo interligados e coesos. Isso é vital para a estabilidade e a resiliência de um grupo, pois oferece uma base sólida sobre a qual se vive o presente e se pode projetar e construir o futuro.

A identidade, portanto, é profundamente influenciada pela memória, pois a maneira como lembramos, narramos e interpretamos o passado, sejam triunfos ou tragédias, moldam nossa percepção sobre quem somos. A memória coletiva ao fornecer um senso de herança e o compartilhamento da história, corrobora em definir valores, crenças e objetivos comuns.

O testemunho é, portanto, uma fonte memorialística rica para a história: acrescenta dados, informações e sensações vividas por indivíduos e coletividades a outras fontes utilizadas pelos historiadores para reconstituir eventos passados, refletir e compreender com mais amplitude o contexto e as experiências vividas. O testemunho não só preserva a história, mas também a informa e enriquece, permitindo uma compreensão mais profunda dos acontecimentos históricos e suas repercussões.

O testemunho de Emanuel Ringelblum, sobre cuja trajetória nos debruçaremos nesse capítulo, é exemplar do que discorreremos acima. Como historiador comprometido em manter viva a cultura judaico-polonesa em risco iminente de extermínio pelos nazistas, ele compreendia a importância das fontes, dentre as quais as narrativas testemunhais, no seu aspecto identitário e de coesão da coletividade judaica e como ferramenta na construção da verdade e da justiça.

O arquivo secreto de vestígios e provas do genocídio – o *Oyneg Shabes* –, a grande realização de Ringelblum, cumpriu o objetivo a que tinha se proposto: inscrever o testemunho dos vencidos não apenas para honrar as vidas que se perderam, mas

oferecer às gerações vindouras elementos para fazer justiça contra os perpetradores e ser antídoto contra o esquecimento, a negação e a repetição de crueldades contra a vida de seres humanos.

2.1 GALÍCIA ORIENTAL - O BERÇO

Emanuel Ringelblum nasceu em 21 de novembro de 1900, em uma pequena cidade de notável presença judia, chamada Buczacz, então pertencente ao Império Austro-Húngaro (a partir de 1918 a República da Polônia e desde 1991 pertencente à Ucrânia).

Sob a administração dos Habsburgo⁶⁵ desde 1772, os judeus residentes na Galícia oriental como era conhecida, segundo Samuel Kassow, haviam conquistado direitos civis e oportunidades educacionais, uma diferença importante em relações a outras regiões onde a exclusão social era uma regra em se tratando de judeus. O acesso à educação e outros direitos, aliado ao tradicional apreço das famílias judaicas pelo conhecimento, possibilitaram que a região se tornasse berço ao surgimento de personalidades e intelectuais destacados como Isaac Schiper, Salo Baron, Philip Friedmann, Naltal Gelber, Shmuel Yosef Agnon, Jacob Freud (pai de Sigmund Freud).⁶⁶

Emanuel era um dos quatro filhos do casal Fayvish e Munie. O pai Fayvish, um respeitado comerciante de cereais e *maskil*, um seguidor do Iluminismo judaico,⁶⁷ desejava que os filhos acessassem tanto a educação judaica quanto a secular. Assim, Ringelblum frequenta o *heder* (a escola primária judaica) e, mais tarde, as escolas mantidas pelo governo polonês (*gymnasium*).

A despeito das condições políticas e sociais mais favoráveis propiciadas aos judeus galícios, o antissemitismo polonês era forte e crescente o que alimentava nos judeus novos desafios. A Galícia foi berço de um movimento sionista mais voltado a manter a identidade judaica na convivência com uma cultura não judaica

⁶⁵ A *Galícia Oriental* foi uma região que fez parte do Império Habsburgo, especificamente na província da Galícia, entre 1772 e 1918. A Galícia era uma área multicultural que abrigava poloneses, ucranianos (rutênios), judeus, armênios, alemães, entre outros e transformada em Império Austro-Húngaro a partir de 1867.

⁶⁶ KASSOW, Samuel D. Quem Escreverá a Nossa História? Os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia. Tradução: Denise Bottman – São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 35-36.

⁶⁷ *Maskil* (no plural *maskilim*) como era chamado um seguidor do movimento da *Haskalá*, o Iluminismo Judaico, que surgiu na Europa no final do século XVIII e início do século XIX. A *Haskalá* incentivava a integração dos judeus na sociedade europeia, promovendo a educação secular junto com a educação judaica tradicional e buscava modernizar a vida judaica, tornando-a compatível com os valores do iluminismo.

do que propriamente no incentivo a transferência para a Palestina.

No início do século XX, mudanças na legislação e a realização de um novo censo, aumentaram as tensões entre judeus e poloneses, provocando uma revalorização da cultura *ídiche* entre os intelectuais judeus e o fortalecimento de organizações políticas judaicas - como o *Poalei Sion* (PTE) e o *Bund*.⁶⁸

Em 1914, às voltas com uma possível invasão russa no processo inicial da Primeira Guerra Mundial, a família Ringelblum se transfere para Nowy Sacz, na Galícia Ocidental, uma cidade diferente no aspecto cultural e reduto do hassidismo⁶⁹, uma vertente do judaísmo voltada ao espiritualismo, contrária à assimilação à cultura “pagã” (não-judaica) e apegada fervorosamente às tradições judaicas, em especial ao idioma ídiche.⁷⁰

Refugiada, a família Ringelblum enfrentou sérios problemas financeiros e de sobrevivência, mas o jovem Emanuel se manteve firme nos estudos e para reforçar a renda, passou a dar aulas a outros jovens.

A adaptação às novas condições econômicas e culturais encontradas na cidade não foram fáceis para ele. O apego de Ringelblum às tradições judaicas, principalmente o idioma ídiche, o atraiu para o PTE, onde expandiu o rol de amigos e relacionamentos o que impactaria no rumo que sua vida e trabalho seguiriam.

As instabilidades políticas resultantes com o fim da Primeira Guerra Mundial, a Declaração de Balfour,⁷¹ a Revolução Socialista na Rússia e o ressurgimento da República Polonesa, influenciaram a juventude judaica,

⁶⁸ O *Poalei Sion* e o *Bund* foram partidos políticos judeus no início do século XX. O *Poalei Sion*, fundado por Bem Borochoy, era um partido sionista socialista que promovia a imigração judaica para a Palestina, a criação de um estado judeu socialista e o PTE enfatizava a luta de classes e no socialismo. O *Bund*, criado em 1897, em Vilna (atual Vilnius, Lituânia), foi fundado por líderes socialistas judeus como Arkadi Kremer, John Mill, e Vladimir Medem. O *Bund* defendia o socialismo, a organização da luta pelos direitos dos trabalhadores judeus na diáspora e defendia a autonomia cultural judaica dentro dos países onde viviam, rejeitando o sionismo.

⁶⁹ O *hassidismo* é um movimento místico e espiritual do judaísmo ortodoxo que se originou no leste da Europa no século XVIII. O movimento foi fundado pelo rabino Israel ben Eliezer, conhecido como o Baal Shem Tov (c. 1700-1760). Seus seguidores são chamados de *hassidim* (ou chassidim).

⁷⁰ O *ídiche* é uma língua histórica dos judeus asquenazes, derivada do idioma alemão medieval com elementos do hebraico, aramaico, eslavo e outras línguas. Escrito em alfabeto hebraico, o ídiche foi amplamente falado na Europa Central e Oriental até a Segunda Guerra Mundial. Atualmente, é preservado por comunidades judaicas, especialmente nos Estados Unidos e Israel. *Simon Dubnow*, historiador e teórico do nacionalismo judaico, analisa detalhadamente a evolução da língua ídiche, aponta que o idioma surgiu como uma língua vernacular dos judeus na Europa Central e Oriental como forma de garantir sigilo de comunicação interna em um contexto marcado pela perseguição.

⁷¹ A *Declaração de Balfour* foi um documento emitido pelo governo britânico em 2 de novembro de 1917, no qual o Reino Unido expressou apoio à criação de um “lar nacional para o povo judeu” na Palestina. A declaração foi assinada por Arthur Balfour, então Ministro das Relações Exteriores do Reino Unido, e teve um impacto significativo no movimento sionista e na política do Oriente Médio.

trazendo incertezas e sugerindo a necessidade de um engajamento político e social. Em 1920, Ringelblum sentiu na pele o antissemitismo latente na refundada República polonesa ao receber a recusa de vaga para curso de Medicina, em razão da insuficiência de cota para judeus - a *numerus clausus*.⁷² Foi então que decidiu por se matricular na faculdade de história, sendo admitido pela Universidade de Varsóvia para onde transfere residência.

Varsóvia, a capital polonesa, passava por um *boom* de crescimento econômico e cultural desde a instauração na nova república em 1918 e para lá acorriam entidades assistenciais e culturais, intelectuais e artistas de todo o país. Em uma década, a capital concentrará a maior colônia judaica da Europa. Ringelblum sobrevive na capital fazendo traduções e se integra nos cursos noturnos para trabalhadores, uma iniciativa do PTE; também leciona em uma escola particular para meninas.

Foi durante as atividades no PTE que conheceu Yehudis Herman, militante do partido, com quem se casaria e de quem nasceria Uri em 1930, o único filho do casal.⁷³

A militância partidária no PTE, ao qual permanecerá ligado até o final de sua vida, teve uma importância decisiva na trajetória de Ringelblum. Foi através do partido que ele amplia o seu círculo de amizades, sedimenta sua opção pelo socialismo e o sionismo, mantém o contato com as massas judaicas e uma ligação profunda com o *idichismo* do qual Ber Borochoy,⁷⁴ o fundador do partido, era o grande entusiasta. O PTE adotava um sionismo não-ortodoxo, nem assimilacionista, nem migratório, buscando combinar a diáspora com o desejo não obrigatório de uma pátria na Palestina, posicionamento que se diferenciava de outros partidos da esquerda judaica como o *Bund* e os comunistas alinhados à União Soviética.

Como importante partido da esquerda da comunidade judaica e com uma militância aguerrida, o PTE estruturou em Varsóvia uma rede de escolas, refeitórios comunitários, atividades esportivas e culturais, através da *Yugnt* (a organização da

⁷² *Numerus clausus*: política amplamente adotada na Polônia, durante o período entre guerras, com o objetivo de restringir a presença de estudantes judeus. Nas universidades polonesas, essa cota limitava o número de estudantes judeus a uma porcentagem que muitas vezes correspondia à sua proporção na população total (cerca de 10%).

⁷³ Em 1920, divergência internas em relação as estratégias da luta judaica provocaram um racha no Poalei Sion que se dividiu em dois grupos: o de direita e o de esquerda, Ringelblum se alinhou ao grupo de esquerda, que abreviamos com a sigla PTE.

⁷⁴ *Ber Borochoy* (1881-1917), teórico marxista e um dos fundadores do Poalei Sion, que combinava sionismo com socialismo. Nascido em Ucrânia, propunha uma fusão entre a teoria marxista e uma análise original e magistral do problema judeu (KASSOW, 2009, p. 51). Seus escritos influenciaram o pensamento sionista e socialista entre os judeus do início do século XX. Borochoy morreu jovem, mas seu legado continuou a inspirar movimentos sionistas socialistas.

juventude) e do *Ovnt Kursn far Arbeter* (Curso Noturno para Trabalhadores) do qual Ringelblum foi coordenador.

Assim, a atuação de Ringelblum nas organizações do partido o preparou para um intenso processo de autodefinição política e social. O envolvimento no PTE não só lhe proporcionou um entendimento profundo das necessidades e desafios enfrentados pela comunidade judaica, mas também o entronizou no ativismo social e político. A experiência adquirida ao mobilizar e educar a juventude judaica seria fundamental para seu papel posterior de liderança durante a ocupação nazista.

Em 1924, pensava Ringelblum, o momento exigia avançar no conhecimento da história buscando nela o caminho para o desenvolvimento da consciência histórica e o enfrentamento dos desafios da coletividade, numa sociedade que fomentava o antissemitismo e relegava os judeus a indivíduos de segunda categoria. Para além do conhecimento das tradições ou grandes realizações “era a hora de estudar a história do judeu comum” e das massas judaicas, uma tese que já indicava um amadurecimento intelectual resultante do seu apreço à cultura ídiche secular e à educação dos trabalhadores e pressagiava uma prática que marcaria o seu trabalho como historiador.⁷⁵

Seu entusiasmo e engajamento com a cultura e historiografia judaica foram impulsionados, a partir de 1926, com a criação do *Instituto Científico Ídiche – YIVO*,⁷⁶ que considerava um passo grandioso em direção ao conhecimento científico, pedagógico e histórico da cultura ídiche. De imediato Ringelblum passa a participar e incentiva o engajamento de outros em uma ação proposta e vital para o YIVO: a coleta de todo tipo de material (o *zambling*) relativo as tradições, a vida cultural, política e econômica da comunidade judaico-polonesa.

O Círculo de Compiladores (os *zamlers*)⁷⁷ era o projeto do YIVO favorito de Ringelblum. O projeto consistia na arregimentação e preparação de voluntários, profissionais ou amadores, para a coleta de materiais, documentos e artefatos culturais relacionados a história, a memória e a cultura judaica. Antes e durante o

⁷⁵ KASSOW, Idem Ibid. p. 60-61.

⁷⁶ O YIVO (*Yidisher Visnshaftlekher Institut*), fundado em 1925 em Vilna, então parte da Polônia (atualmente capital da Lituânia), por um grupo de intelectuais judeus liderados por Max Weinreich, com o objetivo de estudar e preservar a cultura, a língua e a história dos judeus da Europa Oriental. O YIVO se dedica à pesquisa acadêmica, à coleta de documentos e à promoção da educação sobre a vida judaica ídiche. Hoje o Instituto está sediado em Nova York e continua sendo um importante centro de estudos judaicos.

⁷⁷ *Zamlers* termo do idioma ídiche que significa coletor ou compilador.

genocídio, os *zamlers* desempenharão um papel importante na coleta e arquivamento de material sobre a coletividade judaica.

No contexto tempestuoso do entreguerras na Polônia, os estudos acadêmicos e a participação ativa nas organizações do PTE, tarimbaram o intelectual e o talento de Ringelblum para a organização e liderança social e política.

2.2 O HISTORIADOR ENGAJADO

O interesse de muitos jovens pela história era herdado de uma geração anterior de intelectuais judeus que se esmerara em construir parâmetros de uma nova historiografia judaica, a valorização da literatura ídiche e as contribuições sociais e culturais da coletividade na Europa do leste. Para a nova geração de historiadores, da qual Ringelblum fazia parte, era absolutamente correto que o conhecimento histórico se constituía em ferramenta importante para a defesa da honra judaica em um ambiente social e político hostil, impregnado pelo preconceito e intolerância.⁷⁸

Em 1933, a criação do *Círculo de Jovens Historiadores* (*Yunger Historiker Krayz*) vinculado ao YIVO, garantiu um espaço de formação de historiadores judeus com foco na pesquisa de temas relacionados aos problemas judeus. O *Círculo* se opunha ao viés religioso, nacionalista ou assimilacionista,⁷⁹ predominantes na historiografia judaica até aquele momento e se tornará uma referência do YIVO na Polônia.

No ano seguinte (1927), Ringelblum concluiu o doutorado na Universidade de Varsóvia. A tese, orientada pelo professor Marcell Handelsmann,⁸⁰ intitulada *Historia Żydów w Warszawie do 1527 roku*,⁸¹ foi o seu primeiro estudo acadêmico da história do judaísmo polonês, resultado dos anos dedicados a pesquisa e de sua militância em prol da coletividade judaico-polonesa.

A escassez de fontes históricas judaicas para a pesquisa, chamavam a sua

⁷⁸ KASSOW, Idem Ibid., p. 74.

⁷⁹ *Assimilacionismo* se refere ao movimento ou tendência entre alguns judeus de se integrar mais completamente à sociedade majoritária, adotando suas normas culturais, linguísticas e sociais. Esse processo podia envolver a adoção de nomes não-judaicos, a diminuição da observância religiosa tradicional e, em alguns casos, até a conversão ao cristianismo.

⁸⁰ *Marcell Handelsman* (1882–1945), historiador polonês, especializado em história medieval e moderna, além de metodologia histórica. Professor da Universidade de Varsóvia e membro da Academia Polonesa de Aprendizagem, destacou-se por estudos sobre relações polono-francesas e movimentos nacionalistas. Durante a Segunda Guerra Mundial, participou da resistência intelectual clandestina, vinculado ao Exército da Pátria (AK), mas foi preso pela Gestapo em 1944 e morto no campo de concentração de Mittelbau-Dora. Sua obra abrange desde análises do feudalismo até biografias de figuras como Adam Czartoryski.

⁸¹ Em português, *História dos Judeus em Varsóvia até o ano de 1527*.

atenção e sinalizavam para o desenvolvimento da historiografia judaica que era e continuaria sendo central em sua atuação. A tese de doutorado foi publicada em polonês em 1932 sob o patrocínio da *Sociedade dos Amigos da História*, e continua sendo uma referência aos estudiosos da área na atualidade.

Uma característica importante da produção intelectual de Ringelblum é destacada por Kassow:

Em seus livros e artigos, Ringelblum tentou explorar os inúmeros laços que ligavam os judeus à Polônia, sem idealizar as relações judaico-polonesas (...). Pelo contrário, ele sustentava com muitos exemplos que as ligações entre judeus e poloneses eram inextricáveis, fosse nos bons ou nos maus períodos. Era impossível dissociar o “problema judeu” do “problema polonês”. Se os judeus tinham empobrecido, se no desespero recorriam ao crime e à mendicância, isso também era um problema para a Polônia.⁸²

A citação sublinha o esforço de Ringelblum em realizar uma abordagem holística na investigação e apresentação das complexas interações entre os judeus e os poloneses, sem idealizações e reconhecendo suas múltiplas dimensões. Para ele, a relação entre judeus e poloneses deveria melhorar tendo em vista que compartilhavam dificuldades sociais e econômicas comuns o que exigia uma resposta conjunta. Para resolver o problema da decadência econômica de poloneses e judeus, escreve Ringelblum no início da década de 1930, já sob os impactos da grande depressão (crise de 1929), era necessária uma ampla reforma do Estado e da sociedade polonesa.⁸³

As pesquisas realizadas por Ringelblum, elaboradas com rigor metodológico e a busca incansável por fontes, revelam uma característica que o diferenciava da historiografia judaica tradicional: a sua preferência em investigar o cotidiano de pessoas comuns, trabalhadores e pobres e enfatizar nomes de indivíduos/personagens até então esquecidos pela historiografia. Para desenvolver essa perspectiva Ringelblum incentivava o trabalho dos coletores de documentos e compiladores - os *zamlers* -, pois sua experiência pessoal indicava que os documentos judaicos eram insubstituíveis para a melhor elaboração do passado.⁸⁴

Intelectual progressista, Ringelblum se alinhava ao marxismo, mas admitia equívocos e lacunas que poderiam ser supridos pela perspectiva do populismo

⁸² KASSOW, idem Ibid. p. 98-99.

⁸³ KASSOW, idem Ibid. p. 99.

⁸⁴ KASSOW, idem Ibid, p. 101.

judeu,⁸⁵ pois “o populismo refletia melhor a realidade judaica, ao passo que o marxismo oferecia a mística da luta, a esperança de um futuro melhor e do fim do isolamento judeu”.⁸⁶

De sua adesão ao PTE em 1914 até a década de 1930, Ringelblum havia experimentado condições de vida difíceis o que dificultava sua militância social e política, mas havia amadurecido em autoconfiança e firmado compromisso em colocar em prática o que para ele era a missão do historiador judeu polonês. A missão compreendia o estudo especializado e a defesa dos interesses da nação com o desvendamento dos fatos pelo estudo do passado. Além disso, sabia ele, era uma missão que não podia ser realizada individualmente, demandava um trabalho coletivo e a mobilização de uma comunidade inteira.⁸⁷

A experiência acumulada no YIVO, a inspiração de historiadores judeus pioneiros e a militância com as massas, foram as motivações para que Ringelblum se dedicasse à tarefa de desbravar a historiografia judaico polonesa, uma tarefa que não deveria ser apenas de profissionais, acadêmicos ou intelectuais, mas envolver e comprometer outros indivíduos, amadores e interessados, especialmente os que representassem as camadas populares.

Como historiador, relata Jonás Túrkwow, Ringelblum era incansável, desbravador e entusiasta e buscava sempre ampliar o número de pessoas interessadas pelo tema.

Le interesaban ante todo las condiciones económico-sociales de la época que tenía em estudio, y dedicábase a analizarlas exhaustivamente. (...) Como sobre esse aspecto de la história casi no existían materiales ya elaborados, Ringelblum debió pasarse día atrás día, durante años, em los archivos de los juzgados varsovianos, o em los subsuelos de las bibliotecas y archivos nacionales rebuscando assiduamente em las páginas amarillentas de viejos expedientes judiciales, o em los decretos reales, hasta que encontraba noticias sueltas, crónicas de guerra, processos entre cristianos y judíos, que tenían alguna relación com estós. (...)

Pero Ringelblum no se aisló em su gabinete y em los archivos. (...) Trabajaba veinte horas por día, y com sua actividad y entusiasmo arrastaba a otros hacia distintas tareas, de las que él era el nervio motor.⁸⁸

⁸⁵ O populismo judeu no período entreguerras foi um movimento político que buscava defender os interesses dos judeus da classe trabalhadora e das massas populares nas sociedades europeias, especialmente no Leste Europeu. Este movimento enfatizava a necessidade de direitos civis e políticos, bem como a melhoria das condições econômicas e sociais para os judeus. Ele defendia a integração dos judeus na vida política e econômica dos países onde viviam, enquanto preservava a cultura e identidade judaica.

⁸⁶ KASSOW, Idem Ibid., p. 106.

⁸⁷ KASSOW, Idem Ibid., p. 121.

⁸⁸ TURKÓW, Jonás. Emanuel Ringelblum. Congreso Judío Mundial: Buenos Aires, 1979, p. 12.

É a essa mobilização que Ringelblum se dedicará com vigor.

O ativismo de Ringelblum não se limitou as atividades intelectuais e políticas. Em 1930, ele passa a trabalhar na *Joint Distribution Comitee (JDC)*,⁸⁹ uma organização social que o colocaria na condição de liderança comunitária em Varsóvia. As atividades de assistência e o contato com os judeus pobres e excluídos, tinham um caráter complementar ao seu trabalho como historiador. A assistência propiciava contatos e informações que considerava indispensáveis aos estudos históricos que realizava.

Seu trabalho na *JDC* passou por etapas diferentes. No início coordenou a edição de *publicações* e chefiou departamento de *Landsmanschaftn*;⁹⁰ em 1938 foi enviado a cidade de Zbąszyń, cidade na fronteira com a Alemanha, para organizar assistência aos judeus da Alemanha recém expulsos pelo regime hitlerista e teve o primeiro contato com o terror nazista; a última etapa de seu trabalho na entidade começa em setembro de 1939 com o início da Segunda Guerra Mundial.

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, Ringelblum já é uma liderança social e política reconhecida e respeitada na Polônia e pela coletividade judaica. Recusando várias oportunidades de refúgio, havia decidido permanecer em Varsóvia e manter o trabalho de assistência social. Ele atua também na Sociedade de Auxílio Mútuo – *Aleynhilf*,⁹¹ entidade cujo apoio aos judeus será vital após a instalação do Gueto em Varsóvia e na organização dos comitês domiciliares. Além da assistência, esse contato direto seria primordial para Ringelblum na organização do *Oyneg Shabes*.

Após a invasão, em setembro de 1939, se tornou membro da *Sociedade Judaica de Autoajuda* – ZTOS (depois conhecida como JSS),⁹² que prestava ajuda

⁸⁹ A *JDC (Joint Distribution Committee)*, conhecida como "Joint", fundada em 1914 em Nova York (EUA), como organização humanitária judaica global criada para fornecer ajuda aos judeus que sofriam durante a Primeira Guerra Mundial. Seus objetivos incluem fornecer assistência de emergência, apoiar o desenvolvimento de comunidades judaicas, promover a auto-suficiência e defender os direitos humanos.

⁹⁰ Encarregado de convencer os emigrantes a auxiliarem financeiramente os judeus de suas comunidades de origem.

⁹¹ A *Aleynhilf* foi uma organização de assistência social judaica criada na Polônia durante a década de 1930, pelo *Bund*. Seu objetivo era de fornecer ajuda aos judeus que enfrentavam dificuldades econômicas, particularmente devido ao crescente antissemitismo e às políticas discriminatórias, oferecendo apoio financeiro, médico e educacional, além de distribuir alimentos e roupas para os necessitados, inclusive dentro do Gueto de Varsóvia.

⁹² ZTOS é a sigla para *Żydowskie Towarzystwo Ochrony Zdrowia* (Sociedade Judaica de Proteção à Saúde), foi uma organização de saúde judaica fundada na Polónia em 1921. A JSS é a sigla para *Żydowska Samopomoc Społeczna* (Assistência Social Judaica), foi uma organização de ajuda social estabelecida na Polónia durante a ocupação nazista na Segunda Guerra Mundial, criada para

aos residentes da capital e refugiados que chegavam de cidades e aldeias vizinhas. Sua tarefa era encontrar moradia para refugiados e para os que haviam perdido suas casas com os bombardeios alemães.

Com a instalação do gueto em Varsóvia, em novembro de 1940, duas esferas de administração do gueto se antagonizam: o Conselho Judaico – *Judenrat*⁹³ - e o Comitê de Autoajuda. Ringelblum se opunha ao *Judenrat* por considerá-lo totalmente submisso ao comando nazista e por manter uma polícia corrupta e violenta - e desde o primeiro momento atua no Comitê de Autoajuda. Sob a sua coordenação, o Comitê criou refeitórios comunitários e comitês domiciliares, ofereceu pequenos créditos, auxílio médico, organizou eventos culturais, sessões de teatro e concertos⁹⁴ e manteve o funcionamento de escolas clandestinas para crianças e jovens. Essa rede de auxílio mantida no gueto, que atuava em paralelo ao Conselho Judaico, a despeito da repressão nazista cada vez mais feroz e mortal, seria um impulso ao surgimento de um movimento de resistência armada que redundaria em dois levantes contra os nazistas.⁹⁵

O contato direto com as massas judaicas, o empenho e a capacidade de liderança permitiu a Ringelblum agregar um número eclético de colaboradores para as diversas atividades de assistência, além disso, sua inserção lhe facilitará contatos e a articulação de um grupo de colaboradores para uma demanda premente: era preciso coletar e arquivar documentos da destruição, ouvir e inscrever a narrativa dos vencidos, enfim, era preciso registrar a história para o mundo e para a posteridade.

2.3 O OYNEG SHAVES: O ARQUIVO SECRETO

Como já citado, Ringelblum teve algumas oportunidades de fugir da Polônia

proporcionar assistência aos judeus que viviam nos guetos e campos de concentração, fornecendo alimentos, medicamentos, roupas e outros tipos de ajuda humanitária. A JSS também organizava cozinhas comunitárias, abrigos e outros serviços essenciais para tentar aliviar o sofrimento das comunidades judaicas sob o regime nazista.

⁹³ O *Judenrat*: conselho judaico estabelecido pelos nazistas nos guetos durante a Segunda Guerra Mundial para administrar as comunidades judaicas sob ocupação. Em Varsóvia, o *Judenrat* era responsável pela implementação das ordens nazistas, incluindo a distribuição de alimentos, trabalho forçado e deportações. O presidente do conselho de Varsóvia foi Adam Czerniaków, que assumiu o cargo em 1939. Czerniaków buscava mitigar o sofrimento da comunidade, mas enfrentou decisões extremamente difíceis e, em 1942, com a intensificação das deportações para os campos de extermínio, ele cometeu suicídio em protesto contra as ordens nazistas.

⁹⁴ Em 1941, Ringelblum e outras lideranças do gueto, criaram o Yidishe Kultur Organizatsye (Organização Cultural Judaica), o *IKOR*, uma organização cultural clandestina, com o objetivo de incentivar o uso do idioma ídiche e divulgar a literatura idichista.

⁹⁵ *Revolta* de janeiro de 1943 e o *Levante* do Gueto de Varsóvia de 19 de abril a 16 de maio de 1943.

antes e durante a guerra. Em agosto de 1939 ele participava como delegado do *PTE* no XXI Congresso Sionista na Suíça. Sabendo-se que a essa altura Hitler havia se decidido pela invasão da Polônia, outros delegados no Congresso decidiram não retornar; era mais seguro permanecer na Suíça ou pedir asilo em outro país. Ringelblum decide voltar para a Polônia, considerava impossível deixar os seus sem o apoio no momento mais difícil como o que estavam passando.

Em 16 de novembro de 1940, um ano após a invasão, os alemães fecharam o gueto, obrigando os judeus a se transferirem para dentro dele. No gueto, tudo era severamente controlado, o confinamento era rígido, a comida racionada e a chegada de refugiados de outras localidades tornava o bairro superpopuloso. A falta de uma infraestrutura mínima para abrigar tanta gente precarizava a vida da maioria: com a fome, as péssimas condições de higiene, a falta de atendimento médico e remédios, doenças como o tifo se alastravam, levando um grande número de pessoas à óbito.

O *Judenrat* de Varsóvia havia sido composto por líderes locais escolhidos a dedo pelos alemães e era presidido por Adam Czerniakow, uma liderança judaica antiga da cidade. O papel auxiliar ocupado pelo *Judenrat* durante a ocupação ainda hoje gera controvérsias: de um lado os que entendem que o conselho fez o que era possível para minorar a situação de flagelo e salvar muitos da morte; de outro, uma indignação e oposição ferrenha à administração complacente do Conselho em relação aos nazistas, cumprindo suas ordens, mantendo uma polícia violenta e corrupta e cobrando taxas escorchantes dos pobres.

Ringelblum e as sociedades de auxílio não escondiam suas contrariedades ao *Judenrat* e a Czerniakow. As diferenças guardavam relação a disputas anteriores à guerra e “se resumiam a divergências sobre a maneira de lidar com a catástrofe em tempo de guerra”⁹⁶. No gueto, por diversas vezes, Ringelblum anotarà em *Crônica* a sua contrariedade as ações do Conselho, considerava que “o Conselho Judaico de Varsóvia não manifesta o menor interesse por seu Povo”.⁹⁷

Desde o início da invasão alemã, Ringelblum sabia que não havia precedente ao que estava acontecendo com os judeus. No final de 1939, começou a escrever, em forma de crônica, os acontecimentos que presenciava e a registrar depoimentos que coletava em seu contato direto com as pessoas. Paralelamente a essa produção, atento à necessidade de guardar provas da destruição e dos crimes que vitimavam os

⁹⁶ KASSOW, idem Ibid. p. 145.

⁹⁷ RINGELBLUM, E. *Crônica do Ghetto de Varsovia*, Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 92.

judeus no gueto, Ringelblum inicia o trabalho de coleta de material, como ele mesmo explica:

Comecei a colecionar material dos acontecimentos em outubro de 1939. Como diretor da organização de auto ajuda judaica, tinha contato cotidiano com o que acontecia ao meu redor. Me chegava todo tempo informação sobre o que se sucedia aos judeus em Varsóvia e outros lugares.⁹⁸

Turkow destaca o afincamento de Ringelblum, um “fiel historiador”, em anotar tudo o que via e escutava.

Jamás se separaba de su libreta de apuntes. Cada noticia que recibía o escuchaba antoébala en el acto, cuando aún estaba fresca, no dejando pasar ni um solo detalle de la vida cotidiana.⁹⁹

Mas o trabalho de coleta e registro exigiria uma ação coletiva, por isso, incentivava outros que escrevessem e anotava testemunhos da tragédia em andamento. Em meio ao caos gerado com os primeiros bombardeios alemães, Ringelblum decidiu permanecer em Varsóvia contrariando a ordem de Stefan Starzyński¹⁰⁰ para evacuação em direção ao Leste e iniciou o trabalho de assistência aos milhares de atingidos e refugiados que chegavam do interior do país. Foi nesse contexto que Ringelblum inicia o trabalho que o destacaria como uma das lideranças da resistência aos nazistas. Assim,

Con ese propósito organizó un grupos de voluntários y los instruyó para ir de casa en casa, de ruína en ruína, y hacer nóminas de los perjudicados para proporcionarles lo antes posible la necesaria ayuda. (...) Al mismo tiempo hizo tomar testimonios de las víctimas de los bombardeos alemanes. Esto fue el comienzo de la institución fundada por Ringelblum que luego se conoció con el nombre de “Óineg Schabes”.¹⁰¹

O registro, acreditava ele, seria imprescindível para preservar a memória dos judeus poloneses, para informar os aliados e para que, depois da guerra, os nazistas pagassem pelos crimes perpetrados.

Queríamos que os acontecimentos de cada localidade, as experiências de cada judeu - na medida em que cada judeu é um mundo particular e diferente durante a guerra – se refletisse de forma simples, mas fidedigna (...) O Oyneg Shabes buscou abordar todos os aspectos da vida dos judeus durante a guerra. Se tratava de refletir aquilo que as massas judias experimentavam, o que pensavam e o que sofriam.¹⁰²

Tudo o que escutava durante o dia escrevia a noite adicionando minhas

⁹⁸ RINGELBLUM, idem. *ibid.*, 1964, p. 159.

⁹⁹ TURKOW, idem. *ibid.*, 1964, p. 22- 23.

¹⁰⁰ *Stefan Starzyński*, polonês nascido em 1893, foi soldado da Legião Polonesa na Primeira Guerra Mundial e prefeito da capital entre 1934 e 1939. Durante o cerco à cidade organizou a defesa civil e mantinha contato com a população com mensagens pelo rádio. Foi preso pela Gestapo e executado no final de dezembro de 1939.

¹⁰¹ TURKOW, idem. *ibid.*, 1964, p. 15.

¹⁰² KASSOW, idem, *ibid.*, 2009, p. 195.

observações. Com o tempo estas anotações se converteram em um livro de bom tamanho (...) As anotações diárias, foram substituídas em relatórios semanais e depois mensais. Isso ocorreu quando o número de colegas trabalhando para o Oyneg Shabes havia sido ampliado.¹⁰³

O trabalho que exercia em Varsóvia desde a década de 1920 havia possibilitado que Ringelblum se tornasse uma liderança articulada. Além dos contatos que mantinha, a chegada de refugiados no gueto lhe daria a oportunidade de encontrar outros voluntários para o projeto de coleta, registro e arquivamento que planejava e que deveria ser realizado de forma totalmente sigilosa. Foi essa a base para a organização do *Oyneg Shabes*: um grupo de cerca de 50 pessoas para a coleta de material e testemunhos sobre a vida no gueto. O nome do arquivo dado por Ringelblum – Oyneg Shabes - traduzido do ídiche *Prazeres do Sábado* -, se referia ao dia em que o grupo se reunia para organizar e analisar o material coletado e um disfarce à sua existência sigilosa.

O *Oyneg Shabes* era constituído de um grupo eclético de judeus ortodoxos e não-religiosos, comunistas, intelectuais, amadores e pessoas comuns convencidas da importância do trabalho.

Sob a coordenação de Ringelblum, o grupo passa a coletar testemunhos, informações e diversos vestígios que retratavam os vários aspectos da vida dos judeus sob o jugo nazista: as anotações pessoais escritas sobre sofrimento e as crueldades cometidas; artigos científicos sobre a economia, a experiência das mulheres no gueto, os efeitos físicos e psicológicos da fome; recortes de jornais, cartões de transporte e panfletos nazistas; pequenos objetos como embrulhos de balas; poesias e outras publicações clandestinas.

Cerca de seis meses após o início das deportações em julho de 1942, o *Oyneg Shabes* conseguiu registrar o depoimento de judeus que haviam conseguido fugir dos campos. A farsa montada pelos nazistas de que o judeus seriam levados para o trabalho e uma vida melhor no leste, caiu por terra: os fugitivos confirmavam que o destino dos deportados era o trabalho forçado, gaseamento e a morte nos campos de extermínio de Chelmno e Treblinka.¹⁰⁴ Em outubro de 1942, Ringelblum exalta em

¹⁰³ KASSOW, idem, Ibid. 2009, p. 211.

¹⁰⁴ Em *Chelmno*, o primeiro campo de extermínio colocado em funcionamento pelos nazistas em 8 de dezembro de 1941, 152.000 judeus e ciganos foram executados até o seu fechamento em janeiro de 1945 pelo Exército Soviético. No campo de *Treblinka*, que funcionou entre julho de 1942 a outubro de 1943, foram mortos entre 700.000 e 925.000 judeus, ciganos e prisioneiros de guerra soviéticos. Em 2 de agosto de 1943, os prisioneiros organizaram uma revolta e cerca de 300 fugiram, mas a maioria foi

Crônica a coragem e a importância do papel dos jovens na resistência.

Os que souberam fazer frente.
Os jovens.

Um jovem evadiu-se duas vezes. A segunda vez, ao saltar do vagão, trouxe atrás de si outros “saltadores”.

O papel desempenhado pela juventude – os únicos que ficaram no campo de batalha foram os sonhadores românticos.¹⁰⁵

Por diversas vezes Ringelblum buscou repassar informações aos Aliados sobre os crimes cometidos pelos alemães, na esperança de uma reação em favor dos judeus. O material foi repassado à Resistência Polonesa e ao governo polonês exilado em Londres e em cartas enviadas, mas o socorro não veio a tempo de impedir o massacre.

Em 1943, Ringelblum participou ativamente da organização do *Levante do Gueto*¹⁰⁶ que ocorreria em abril e maio daquele ano. Pouco antes do *Levante* foi levado com a família e um grupo de judeus para um esconderijo fora do gueto. Ringelblum já havia sido preso antes pela Gestapo e levado ao campo de Trawniki de onde saíra com a ajuda de amigos, disfarçado de ferroviário.

De volta a Varsóvia, permaneceu algum tempo com a família e outros judeus em um *bunker* no lado externo ao gueto quando, em março de 1944, foi novamente denunciado e levado à prisão de Pawiak.

A última tentativa de resgate oferecida a Ringelblum foi descartada por ele pela impossibilidade de salvar a mulher e o filho então com 14 anos. Emanuel Ringelblum, Judith, Uri e os judeus capturados no *bunker* foram fuzilados pelos alemães em 7 de março de 1944 e enterrados em valas comuns sob as ruínas de Varsóvia.

2.4 A CRÔNICA DO GUETO – INSCREVENDO O TESTEMUNHO

Como historiador que era, Ringelblum jamás se separaba de su libreta de apuntes. Cada noticia que recibía o escuchaba anotábala em el acto, cuando aún estaba fresca, no dejando pasar ni um solo detalle de la vida cotidiana.

recapturada. O campo foi desmontado pelos próprios nazistas em 1943 com o objetivo de ocultar evidências.

¹⁰⁵ RINGELBLUM, idem, Ibid.1964, p. 329.

¹⁰⁶ O *Levante do Gueto de Varsóvia* ocorreu de 19 de abril a 16 de maio de 1943, quando judeus do gueto de Varsóvia se revoltaram contra as forças nazistas em uma tentativa desesperada de resistir à deportação para os campos de extermínio. Liderados pela *Organização Judaica de Combate* (ŻOB), os insurgentes lutaram bravamente, apesar de estarem em grande desvantagem em termos de armas e recursos. A revolta foi brutalmente reprimida pelos nazistas, resultando na destruição do gueto e na morte de milhares de judeus. Apesar do fracasso militar, o Levante simbolizou a resistência e o desejo de liberdade dos judeus oprimidos.

Es característico para conocer la reacción de Ringelblum con respecto a las cosas que oía, que cuando su colaborador más cercano y secretario del Archivo, Hirsch Wesser, le advirtió cierta vez que debía tomarse con reserva determinado rumor que se había hecho circular en el ghetto, aquél le respondió: “Eso el tiempo se encargará de demostrarlo. Nuestro deber es anotar todo lo que escuchamos.”¹⁰⁷

Certo de que lhe cabia a missão de armazenar fontes e registrar os acontecimentos que presenciava e informações que lhe chegavam, com a disciplina e empenho que lhe eram característicos, Ringelblum começou a escrever a *Crônica do Gueto de Varsóvia* em setembro de 1939, logo após a invasão nazista da Polônia.

A pesquisa, a análise de fontes e a escrita, eram a continuidade do ofício que exercia desde os anos de 1920, mas a invasão nazista impunha ao *historiador* Ringelblum uma tarefa imprescindível: narrar, registrar fatos e testemunhos que possibilitassem às futuras gerações acessarem a perspectiva dos vencidos. Ao arquivar o seu relato em uma das caixas do OS, ele próprio escreve sobre o seu significado:

Há igualmente a minha própria Crônica... Ela é preciosa, sobretudo no que diz respeito ao primeiro ano da guerra, durante o qual o hábito de manter diários ainda se não tinha espalhado. Resumindo embora os principais factos, esforcei-me por os colocar no lugar, tentando penetrar-lhes o sentido. Como me ocupava das coisas comunitárias, os juízos que fazia são interessantes na medida em que exprimem o ponto de vista da comunidade judaica...¹⁰⁸

A despeito de destacar o valor de sua obra, o que pode soar como um autoelogio, e se referir aos *juízos que fazia*, a *Crônica* de Ringelblum é objetiva e pragmática: relata uma grande variedade de assuntos, descreve suas observações, os pequenos e graves incidentes, os boatos, as piadas contadas no bairro judeu, incrementando a narrativa com as fontes externas - depoimentos que obtem de outras pessoas, com a objetividade e um distanciamento característico ao historiador; raramente Ringelblum exprime seus sentimentos, busca com afinco se ater a verdade, a realidade nua e crua narrada pelos vencidos. Ele ainda destaca o caráter coletivo da narrativa uma vez que ela reflete “o ponto de vista da comunidade”.¹⁰⁹

Assim que os alemães invadiram Varsóvia, uma série de decretos e regulamentos proibitivos foram impostos aos judeus resultando na cruel degradação das condições de vida econômica, política e social. Sem bens, expropriados pelos nazistas, e sem a alimentação mínima necessária, a fome, as doenças e mortes

¹⁰⁷ TURKOW, idem, ibid. 1979, p. 22-23.

¹⁰⁸ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 19.

¹⁰⁹ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 20-21.

aumentam vertiginosamente. O quadro é agravado com a chegada de milhares de refugiados vindos de todos os cantos do país. No final de 1939, cerca de 400.000 judeus vivem na cidade, o equivalente a 30% do total da população.

Antes do fechamento do gueto, Ringelblum captura a deterioração das condições de vida dos judeus em Varsóvia, resultantes da imposição dos vários decretos e regulamentos proibitivos. A despeito da impossibilidade de prever, naquele momento, a abrangência que o plano genocidário nazista alcançaria até o final da guerra, Ringelblum percebeu, rapidamente, que as várias medidas sinalizavam que uma tragédia sem precedentes estava por vir. Em janeiro de 1940, Ringelblum comenta o crescimento vertiginoso de mortes:

A mortalidade entre os judeus de Varsóvia é terrível. Cinquenta a setenta mortes por dia. Antes da guerra, a média era de dez. A taxa de enterros foi fixada em 50 zlotyz em Varsóvia e 100 nos arredores de Praga.¹¹⁰

Confinados, proibidos de comunicação e da livre circulação dentro do próprio gueto, o “desespero de toda a gente”¹¹¹ aumenta a cada decreto editado pelas forças de ocupação. A violência e a corrupção policial, as humilhações públicas, as execuções, a miséria, a restrição ao comércio (atividade que ocupava um contingente razoável de judeus) e ao uso dos bondes, o fechamento de escolas e bibliotecas, o antissemitismo de poloneses, a seleção para o trabalho forçado e o papel dúbio do Conselho Judaico (*Judenrat*), são algumas das anotações feitas por ele nesse primeiro momento da ocupação nazista de Varsóvia e outras cidades da Polônia ocupada.

Ringelblum se mantém atento a tudo, registra os comentários das crianças frente a dureza e as atrocidades em andamento. “Segundo [meu filho] Uri, as crianças dizem entre si: ‘Os velhos serão fuzilados, os adultos enviados para o campos, e as crianças serão baptizadas e colocadas em famílias cristãs’,¹¹² e ironiza o uso obrigatório da estrela amarela: “Nos nossos dias, a Rua Nalewki parece Hollywood – a cada passo nos cruzamos com estrelas!”¹¹³

A intenção de encerrar os judeus em um gueto, planejada pelos nazistas desde o primórdio da invasão, começa a ganhar forma em abril de 1940 com o início da construção de um muro de três metros de altura e dois quilômetros de extensão

¹¹⁰ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 32.

¹¹¹ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 34.

¹¹² RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 40.

¹¹³ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 47.

contornando o bairro. Sob a alegação falsa de que “os *judeus são propensos ao tifo*”, a construção do muro foi determinada pelos alemães, custeada pelo *Judenrat* e realizada com mão-de-obra judaica.

No dia 15 de novembro de 1940, os 22 portões são fechados e, no dia seguinte, o gueto é oficialmente isolado.¹¹⁴ Ringelblum descreve este dia como “um dia “terrível” (...) “ninguém [entre os judeus] sabe o que lhe reserva o dia de amanhã” e mais uma vez critica a passividade do *Judenrat* frente ao desespero dos judeus.¹¹⁵

Em 8 de novembro de 1940, Ringelblum compara a situação enfrentada pelos judeus à outras experiências do passado, realçando a gravidade daquele momento.

Nestes últimos tempos, a nossa consciência histórica desenvolve-se de uma maneira singular. A nossa experiência quotidiana junta-se diàriamente aos acontecimentos mais notáveis do nosso passado. Voltamos à Idade Média. Acabo de estar com um pensador judeu. No passado, os judeus criavam um universo à parte, e, vivendo nele, esqueciam todas as tribulações, isolavam-se completamente do mundo exterior. Quanto aos paralelos: a expulsão actual é uma das piores da história judaica, porquanto no passado sempre houve cidades de refúgio. – Alguém me disse: “É mau ler a história judaica, porque se constata que os bons períodos foram tão curtos quanto raros. Sempre houve perseguições e *pogroms*”.¹¹⁶

Poucos dias depois do fechamento do gueto, Ringelblum decide iniciar a organização de um projeto que, sabia, só teria êxito com a adesão e participação efetiva de mais pessoas. Em 22 de novembro, ele reuniu em seu apartamento na rua Leszno, um grupo de colaboradores para uma reunião em sua casa para criar o arquivo secreto do gueto, ao qual denominou como *Oyneg Shabes* (OS): assim, a história da coletividade judaica polonesa não seria apagada como pretendiam os nazistas, os arquivos preservariam a memória para que as futuras gerações tivessem acesso à narrativa sob a perspectiva dos vencidos.

Desde a juventude, em paralelo ao ofício de historiador, Ringelblum se entregara à militância social e política desde a década de 1920. Conhecia profundamente a sua coletividade, compreendia as idiossincrasias entre as diferentes correntes do judaísmo polonês. Integrava as fileiras do *Poalei Sion* (PTE), um partido socialista e sionista, mas não se rendeu ao ortodoxismo, nem ao assimilacionismo ou a defesa intransigente de um Estado nacional para os judeus, em detrimento da vida na diáspora. Segundo Kassow,

¹¹⁴ HALIQUA, Bruno. Os 948 dias do gueto de Varsóvia; tradução Luciano Vieira Machado – 1ª edição – São Paulo; Estação Liberdade, 2024, p. 62-69.

¹¹⁵ RINGELBLUM, idem. *ibid.* 1964, p. 98, 103 e 112.

¹¹⁶ RINGELBLUM, idem. *ibid.* 1964, p. 108.

estava convicto de que cabiam várias missões aos historiadores judeus na Polônia do entreguerras: colaborar na luta judaica contra o antissemitismo e a favor dos direitos para as minorias; construir uma ponte extremamente necessária entre judeus e poloneses; reunir judeus do povo e da elite intelectual num projeto coletivo para configurar uma cultura ídiche secular. Embora seu currículo de historiador fosse respeitável, o forte de Ringelblum era o talento de organizador.¹¹⁷

A longa militância política e social de Ringelblum havia lhe possibilitado contatos que o ajudaram na articulação de colaboradores para a coleta de material para o OS e na construção de sua *Crônica*.

A situação no gueto superpovoado se agrava a partir de 1941, o frio, a fome e as doenças, principalmente o tifo, vitimam cerca de 45 mil judeus no primeiro semestre. Ringelblum se depara com o quadro desolador e registra:

Nas ruas vêem-se nestes últimos dias bandos de crianças mendigar em farrapos. Quando se desce a rua Leszno, encontram-se a cada passo pessoas estendidas no passeio, transidas de frios, a pedir esmola. Na rua Marszalkowska, do Lado Ariano, vi casos deste género. (...) A prostituição de alastra. Ontem fui abordado na rua por uma mulher de aspecto muito respeitável. A miséria leva a tudo.¹¹⁸

Quase todos os dias acontece que as pessoas desmaiam ou morrem nas ruas. Isto já não faz muita impressão. As ruas continuam a estar cheias de refugiados chegados recentemente.¹¹⁹

Não bastasse toda a opressão imposta pelos alemães, os judeus também sofrem com a violência e corrupção das polícias¹²⁰ e a interferência negativa do *Judenrat*, criticado por Ringelblum pela passividade e conivência com os nazistas. Em fevereiro de 1941, ele se refere a “*alguns judeus*” que colaboram com a SS delatando “sinais de resistência”.¹²¹ A essa altura os alemães contam com uma rede de informantes chamada de *Treze*,¹²² uma polícia especial com 350 membros liderados por Abraham Gancwajch (“75% crápula, 25% romântico”, segundo Ringelblum), criada pela Gestapo para, oficialmente, combater o contrabando e a corrupção, mas que funcionava como auxílio aos alemães na localização de bens valiosos escondidos por judeus abastados do gueto.

¹¹⁷ KASSOW, idem ibid. 2009, p. 73.

¹¹⁸ RINGELBLUM, idem, ibid, 1964, p. 145-146.

¹¹⁹ RINGELBLUM, idem, ibid. 1964, p. 155.

¹²⁰ *Polícia Nazista (SS e Gestapo)* – Responsável pelo controle geral, deportações e repressão violenta. *Polícia Judaica (Ordnungsdienst)* – Auxiliares judeus recrutados para manter “ordem” e cumprir ordens nazistas, incluindo deportações. *Polícia Polonesa (Policja Granatowa)* – Colaborava com os nazistas na vigilância externa do gueto e perseguição a fugitivos.

¹²¹ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 156-157.

¹²² *Treze*: polícia especial criada pela Gestapo, tinha sua sede na rua Leszno, número 13. Foi extinta pelos alemães mais tarde.

Em meio ao cenário caótico, marcado por execuções, fome, doenças e agravado com a chegada constante de mais refugiados ao gueto, Ringelblum destaca os gestos de resistência e o sentimento de esperança entre os judeus. Como já vimos, além da resistência intelectual por meio da organização do OS, ele era uma liderança da *Aleynhlf* — uma entidade de assistência aos judeus necessitados. Através dela, várias iniciativas para mitigar o sofrimento enfrentado foram implantadas como os refeitórios comunitários, os comitês domiciliares, as bibliotecas e aulas clandestinas e atividades culturais.

Por ocasião do *Purim* [jejum de Esther] houve neste ano os tradicionais festejos. O ghetto tem esperanças num novo *Purim*, para celebrar a queda de Hitler, o Haman moderno. Este *Purim* será celebrado enquanto o povo judeu existir, e ultrapassará todos os *Purim* da história judaica.¹²³

A situação se agravou ainda mais a partir do verão de 1942, com o início das deportações em massa. Em janeiro daquele ano, durante uma Conferência em Wannsee (Alemanha), os nazistas decidiram implementar a "solução final da questão judaica" - um eufemismo para ocultar o plano de deportação dos judeus para os campos de extermínio e assassinar sistematicamente onze milhões de pessoas.¹²⁴ Em abril deste ano os alemães começam as deportações em massa. Uma pequena parte de judeus é transferida para os campos do trabalho, mas a imensa maioria, colocada em vagões de transporte de gado, para os campos de extermínio.

A situação no gueto tornava-se cada vez mais desesperadora, “a fome aumenta”, comenta Ringelblum, acrescentando que o tratamento dado aos judeus pelos nazistas é pior ao que era dado aos “escravos de antigamente”.¹²⁵ Em janeiro de 1942, Ringelblum elenca uma série de fatos que denotam o agravamento da crise e critica a desumanidade das elites judaicas representadas pelo *Judenrat*:

Os tempos de crise têm a propriedade de fazer aparecer à luz do dia os males que até aí estavam escondidos. A fome actual pôs claramente em evidência a desumanidade da classe superior judaica. Todo o trabalho do Conselho Judaico é uma injustiça para com os pobres, injustiça que brada aos céus. Se houvesse um Deus no Mundo, há muito que teria lançado a sua cólera, e apagado da face da terra este ninho de iniquidades e de depravação.¹²⁶

Ringelblum não se conforma com o abandono dos mais vulneráveis por parte

¹²³ RINGELBLUM, idem. *ibid.* 1964, p. 164.

¹²⁴ HALIQUA, Bruno, idem. *ibid.* 2024, p. 142

¹²⁵ RINGELBLUM, idem. *ibid.* 1964, p. 271.

¹²⁶ RINGELBLUM, idem. *ibid.* 1964, p. 267.

* Os *Sonderkommandos* eram grupos de prisioneiros judeus forçados a trabalhar nos campos de extermínio nazistas, realizando tarefas como remover corpos das câmaras de gás e cremar cadáveres. Seus membros eram periodicamente executados e substituídos para evitar testemunhas.

do *Judenrat*; também denuncia a violência da polícia judaica, os esquemas de corrupção e a colaboração criminosa com os nazistas – cumplicidade que, em sua visão, acelerava a destruição da comunidade.

Se Ringelblum e os membros do OS tinham dúvidas sobre o destino dos judeus deportados, elas se dissiparam com a chegada ao gueto de Szlamek, um judeu religioso de Izbica, entre janeiro e fevereiro de 1942. Szlamek havia fugido do campo de extermínio de Chelmno, onde havia sido forçado a integrar o *Sonderkommando**. Em Chelmno, os alemães assassinavam ciganos e judeus asfixiando-os com fumaça do escapamento, lançada no interior de caminhões lotados. Após as mortes, o *Sonderkommando* era encarregado de enterrar os cadáveres em valas rasas na floresta.¹²⁷

Testemunhos como o de Szlamek, tornaram premente uma mudança de foco no trabalho do OS que passaria, a partir daí, a documentar o extermínio, fornecer material para a imprensa clandestina e tentar transmitir as denúncias para fora da Polônia.

Ringelblum participa também dos encontros clandestinos de preparação da resistência armada. A segurança do OS e a transmissão de documentos para o “mundo livre” eram prioridade para o grupo. Em junho de 1942, Ringelblum descreve que o assunto foi debatido entre os membros do OS:

Num pequeno grupo, discutimos a questão de saber, o que seria necessário fazer para enviar, se fosse possível, um mensageiro do ghetto para o mundo livre. A coisa mais importante, e sobre isto estávamos todos de acordo, era a de propagar no mundo os horrores da nossa exterminação organizada.¹²⁸

Conscientes do extermínio, os judeus do Gueto de Varsóvia compreendiam que já não tinham “nada a perder” porque apenas um milagre, como “o fim inesperado da guerra”, poderia salvá-los. Emanuel Ringelblum relata um intenso debate entre as lideranças para definir uma reação; um *Levante* começava a ser preparado:

Deveremos procurar vingança? Alguns defendiam essa posição (...). Outros objetavam que tal vingança incitaria os alemães a radicalizarem ainda mais a perseguição, levando ao extermínio total dos judeus.¹²⁹

Os acontecimentos dos meses seguintes selaram a decisão pela resistência armada; não havia outra alternativa. Entre julho e setembro de 1942, os nazistas

¹²⁷ KASSOW, idem. *ibid*, 2009, p. 351.

¹²⁸ RINGELBLUM, Idem. *ibid*. 1964, p. 313.

¹²⁹ RINGELBLUM, Idem. *ibid*. 1964, p. 313-314.

"esvaziaram" o gueto, deportando cerca de 300.000 judeus para o extermínio nos campos e mantendo entre 20.000 e 30.000 pessoas para o trabalho forçado nas fábricas alemãs; alguns milhares – entre 2.000 e 5.000 – conseguiram permanecer em *bunkers* clandestinos dentro do gueto ou do "lado ariano" de Varsóvia.

As informações sobre as mortes continuavam a chegar. Em tom dramático, Ringelblum escreve sobre a morte de crianças e idosos, eliminados “pura e simplesmente” pelos nazistas e rememora o martírio histórico dos judeus:

Com exceção de Faraó, que mandou deitar no Nilo os recém-nascidos hebreus, é um caso sem precedentes na história judaica. Pelo contrário: no passado, fosse qual fosse a sorte reservada aos adultos, as crianças conservaram sempre o direito de viver – para serem convertidas ao cristianismo. Mesmo nos tempos bárbaros, uma centelha humana saltava dos corações mais duros, e as crianças eram poupadas. Outra coisa é, no entanto, a Besta hitleriana. Ela devora aqueles que nos são mais queridos, aqueles que são mais dignos de piedade – as nossas crianças inocentes.¹³⁰

As deportações diminuía as esperanças de sobrevivência dos judeus, mas Ringelblum não deixava de registrar as várias ações de resistência em andamento, como os Comitês Domiciliares, os refeitórios comunitários, as escolas e bibliotecas clandestinas e até estudos científicos realizados por médicos e professores. O papel das mulheres na resistência, frisava, seria um capítulo importante dessa história a ser estudado no futuro.

O historiador do futuro poderá consagrar um capítulo sobre o papel da mulher judaica durante a guerra. É graças à coragem e à capacidade de resistência das nossas mulheres, que milhares de famílias puderam subsistir durante estes tempos amargos. (...) em certas Comissões de Casas, as mulheres substituem os homens que estão no fim das suas forças. Algumas Comissões de Casas são agora dirigidas unicamente pelas mulheres.¹³¹

Em meados de 1942, enfim, um acontecimento significativo para Ringelblum e os colaboradores do OS. Com base em documentos do arquivo a *BBC*¹³² noticia o extermínio em massa de judeus poloneses. Ringelblum registra o fato, revelando um misto de sentimentos.

Sexta-feira, 26 de Junho, foi um grande dia para [a nossa equipa do] O. S. Esta manhã a rádio inglesa difundiu uma emissão sobre a sorte do judaísmo polaco. (...) Durante longos meses sofremos, porque o mundo continuava surdo e mudo à nossa tragédia sem precedentes. Queixávamo-nos da opinião pública polaca e dos homens de ligação que estavam em contacto com o governo polaco no exílio. Porque é que eles não davam a conhecer ao

¹³⁰ RINGELBLUM, Idem. *ibid.* 1964, p. 315.

¹³¹ RINGELBLUM, Idem. *ibid.* 1964, p. 316.

¹³² *BBC (British Broadcasting Corporation)* é a emissora pública de rádio e televisão do Reino Unido, fundada em 1922. Durante a Segunda Guerra Mundial, teve um papel importante na transmissão de notícias para o mundo todo.

mundo como o judaísmo polaco era massacrado? (...) Mas parece que as nossas intervenções acabaram por atingir o seu fim. Durante as últimas semanas, as emissões de rádio inglesa trataram regularmente das crueldades cometidas para com os judeus polacos: Belzec e o resto. A emissão de hoje faz o balanço: foi dito o número de 700.000 judeus mortos até hoje. Ao mesmo tempo, a rádio prometeu vingança, um castigo implacável para todos os crimes.¹³³

Embora inconformado com a demora do mundo [Aliados], “surdo e mudo” ao massacre, haviam esperanças de sobrevivência para milhares de pessoas e o OS, enfim, havia alcançado um dos seus objetivos mais importantes. Mesmo sabendo que a salvação não estava garantida para os judeus que restavam, Ringelblum parece realizado: “A nossa equipe [OS] cumpriu uma grande missão histórica”.

Ringelblum não participou fisicamente dos combates contra os alemães durante o *Levante do gueto de Varsóvia*, entre 19 de abril e 16 de maio de 1943, mas ajudou a organizar e animar as jovens lideranças que tomaram para si a tarefa. Ele havia sido preso pela SS em fevereiro e depois libertado em uma ação planejada por companheiros da resistência. Em março junto com a esposa, o filho e outros 50 judeus, foram abrigados no *Kryśia*,¹³⁴ um *bunker* no lado ariano onde permaneceria até seus últimos dias de vida. Escondido em um espaço minúsculo, insalubre e limitado, ele manteria a escrita de *Crônica* e planejava com alguns companheiros do OS a segurança dos arquivos.

Sobre a resistência, em tom de desabafo e indignação, ele reflete sobre a passividade dos judeus; questiona-se sobre os motivos para a ausência de uma reação mais contundente diante da barbárie. Em sua angústia, ele imagina que, mesmo diante isolados, fracos e desarmados, os judeus poderiam ter dificultado o intento destrutivo dos nazistas:

Porque é que não resistimos quando Eles [nazistas] começaram a deportar 300.000 judeus de Varsóvia? Porque é que nos deixamos conduzir ao matadouro como carneiros? Porque é que foi tão fácil a partida para o inimigo? Porque é que os 50 SS (segundo alguns, eram ainda menos) ajudados por cerca de 200 guardas ucranianos e outros tantos letões,¹³⁵

¹³³ RINGELBLUM, Idem. *ibid.* 1964, p. 317.

¹³⁴ O nome *Kryśia* foi dado pelos próprios cuidadores e residentes, como um código de segurança e uma referência afetiva. O termo tem origem na palavra polonesa *kryjówka* (esconderijo), mas também carregava um significado pessoal. O bunker era chamado de *Kryśia* pelos membros da família Wolski e pelos judeus escondidos, que usavam a palavra como senha para alertas (ex.: ao ouvir *Kryśia*, todos sabiam que deviam se esconder). O nome também era uma homenagem à namorada de Mieczysław Wolski, chamada *Kryśia*. *Kryśia* é um diminutivo polonês de *Krystyna*, mas no contexto do bunker, remetia à ideia de proteção e ao vínculo emocional com a figura feminina que inspirava Wolski. O termo simbolizava tanto a função prática do local (um refúgio) quanto a lealdade de seus protetores, já que Wolski arriscou a vida para manter o esconderijo.

¹³⁵ No Gueto de Varsóvia, guardas ucranianos e letões participaram da escolta de judeus para deportação a Treblinka e da repressão durante o levante de 1943. Eram recrutados entre nacionalistas,

conseguiram levar a operação tão facilmente a bom termo?¹³⁶

A essa altura, a esperança de sobrevivência era pequena. Ringelblum descreve a situação dos refugiados (“clandestinos”) no gueto, os que até aquele momento haviam conseguido sobreviver às escondidas; registra a situação dos judeus selecionados para o trabalho forçado nas oficinas alemãs – “os escravos do nosso tempo”; os massacres que continuam acontecendo “de crianças e de famílias inteiras” e se refere a coragem e exemplo de *Janusz Korczak* na proteção de crianças.¹³⁷

As notícias que chegavam dos campos de extermínio também eram devidamente registradas, seguida da constatação de que o “pessimismo amargo” dos “*morituri*,”¹³⁸ é o termo que mais convém ao nosso estado de espírito”.¹³⁹

Como já mencionado, Ringelblum era um crítico contundente do *Judenrat* por sua atuação durante o genocídio. Ele compreendia que o conselho deveria proteger os judeus e colaborar com a resistência efetiva, mas havia colaborado com os nazistas, acelerando indiretamente a máquina de extermínio, algo que ele considerava uma traição imperdoável.

Sua visão sobre Adam Tcherniakov, o presidente do *Judenrat* de Varsóvia, reflete essa postura crítica. A despeito de reconhecer o gesto extremo de Tcherniakov — que se suicidou em 23 de julho de 1942 ao se recusar a assinar a lista de deportação de crianças e idosos para Treblinka — foi lacônico ao registrar sua morte:

O suicídio de Tcherniakov veio tarde demais, sinal de fraqueza — deveria exortar à resistência... homem fraco.¹⁴⁰

Tcherniakov, defendia Ringelblum, que ocupava uma posição de liderança, deveria ter incentivado a rebelião aberta desde o início, em vez de negociar com os nazistas ou ceder às suas exigências. Essa crítica severa reflete não apenas seu desapontamento pessoal, mas também a sua postura de resistência ativa, que mais tarde se materializaria no *Levante do Gueto de Varsóvia*.

ex-militares ou civis coagidos, integrando os *Schutzmannschaft* (polícia auxiliar nazista). Letões do *Sonderkommando Arajs* massacraram milhares em ações como a *Operação Reinhard*; os ucranianos atuaram em fuzilamentos e vigilância, facilitando a logística do extermínio.

¹³⁶ RINGELBLUM, idem. ibid. 1964, p. 330.

¹³⁷ *Janusz Korczak* (nome verdadeiro: Henryk Goldszmit) foi um médico, pedagogo, escritor e ativista, conhecido por seu trabalho inovador em educação infantil e por sua liderança no orfanato judeu do Gueto de Varsóvia. Em 1942, quando as autoridades nazistas começaram as deportações em massa do gueto para o campo de extermínio de Treblinka, Korczak marchou com as crianças em fila, mantendo a calma e o cuidado até o último momento.

¹³⁸ *Morituri*: palavra em latim que significa “aqueles que vão morrer”.

¹³⁹ RINGELBLUM. Idem. ibid. 1964, p. 345.

¹⁴⁰ RINGELBLUM. Idem. ibid. 1964, p. 335.

Depois que os nazistas sufocaram o *Levante* e liquidaram o gueto, explodindo e incendiando todas as casas, as possibilidades de sobrevivência eram mínimas para os judeus remanescentes.¹⁴¹ Ringelblum estima que entre 7.000 e 15.000 “clandestinos” – entre funcionários do *Judenrat*, da polícia judaica e “judeus da rua” – haviam conseguido escapar da deportação e esconder-se em abrigos clandestinos espalhados no interior ou no lado “não-ariano”. Desde o início da invasão muitos buscaram esconderijos, mas com as deportações os esconderijos se tornaram mais importantes:

Os esconderijos tornaram-se muito populares. Toda a gente arranjou o seu esconderijo. Por toda a parte, em todas as oficinas e algures no ghetto, se constroem “bunkers”.

A minha família, por exemplo, escondia-se numas águas furtadas numa velha casa num terceiro andar. (...) Algures utilizava-se uma fábrica de cortumes abandonada, à qual se tinha acesso por uma cave. Num terceiro local, havia um moinho clandestino admiravelmente camuflado.¹⁴²

A permanência no esconderijo também era cercada de todo o cuidado e os judeus contavam com a ajuda – na maioria das vezes remunerada – de poloneses, que assumiam o risco de morte ao escondê-los. O grande desafio para os abrigados era conseguir manter o sigilo do esconderijo e os delatores.

Mas a opinião geral é de que os alemães saberão sempre encontrar um processo diabólico para anular todos os esforços que fazemos para nos salvar. Únicamente o futuro poderá dizer-nos se isto é, ou não, verdade.¹⁴³

Poucos judeus do gueto de Varsóvia conseguiram sobreviver, mas este não foi o caso de Ringelblum, sua esposa, filho e outros judeus do *Kryśia*. No início de março de 1944 foram delatados, presos e no dia 7 de março executados pelos nazistas.

Antes de sua captura, Ringelblum ainda conseguiria concluir o seu último projeto. Na companhia de Adolf Abraham Berman, um velho companheiro do PTE e do OS (e que sobreviveu à Shoá), escreveu uma carta dirigida ao YIVO e escritores judeus no exílio. Na carta ambos descrevem com orgulho o trabalho realizado através das organizações de assistência e auxílio mútuo, destacam a importância do papel dos jovens na organização do *Levante* e salientam o lema da liderança judaica que havia embalado a luta da resistência a opressão nazista: “Viver com honra e morrer

¹⁴¹ De acordo com o *Relatório Stroop*, do general nazista Jürgen Stroop, 56.065 judeus foram capturados durante a liquidação, mas apenas uma fração foi destinada ao trabalho forçado: 7.000 judeus foram executados no próprio gueto durante a revolta; 7.000 foram deportados para Treblinka e assassinados nas câmaras de gás e cerca de 42.000 foram enviados para campos de trabalho.

¹⁴² RINGELBLUM. Idem. *ibid.* 1964, p. 332 e 358.

¹⁴³ RINGELBLUM. Idem. *ibid.* 1964, p. 362.

com honra”. Na carta mencionam a existência de um arquivo de documentos, o *Oyneg Shabes*, guardados em caixas e que os documentos enviados ao exterior eram fruto deste trabalho. O mais importante pedido da carta é o que segue:

Por favor, lembrem que os últimos líderes culturais sobreviventes se mantiveram leais aos ideais de cultura de vocês – até o derradeiro momento. A bandeira da cultura como arma na batalha contra a barbárie continuou em suas mãos até a morte.¹⁴⁴

A *Crônica do Gueto de Varsóvia* transcende o seu tempo e se coloca como um testemunho vigoroso da luta em defesa da vida, da dignidade e do respeito às diferenças. Seu legado não reside apenas nos fatos narrados, mas corporifica o compromisso de pessoas que acreditaram na sua gente e se encorajaram a enfrentar e denunciar o terror genocidário e anunciar a possibilidade, e a premência, de construirmos um mundo verdadeira e plenamente justo e democrático. Ringelblum e o OS são exemplos de que, mesmo na escuridão, a memória e a narrativa podem ser faróis da justiça e da vida plena que almejamos para todos e todas, independente de suas crenças, origens e sonhos.

Na carta escrita nos momentos derradeiros de sua vida, outra mensagem vigorosa legada por Ringelblum sobre o potencial do trabalho do historiador para o bem da humanidade e o jugo da opressão:

Não vejo nosso trabalho como um projeto separado, como algo que inclui apenas judeus, que trata apenas de judeus, e que interessará apenas a judeus. Todo o meu ser se rebela contra isso. Não posso concordar com tal abordagem, como judeu, como socialista ou como historiador. Dada a tremenda complexidade dos processos sociais, em que tudo é interdependente, não faria sentido vermo-nos em isolado. (...) Temos que nos considerar participantes de uma tentativa universal [*almenshlekher*] de construir uma sólida estrutura de documentação objetivo que servirá ao bem da humanidade. Esperamos que o cimento e os tijolos de nossa experiência e de nosso entendimento possam servir de base.¹⁴⁵

2.5 DESENTERRANDO O GRITO DOS VENCIDOS

Com o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, o destino dos arquivos do *Oyneg Shabes* era incerto, mas a esperança de que fossem encontrados não foi perdida.

Um ano após o fim do conflito, uma parte dos documentos que havia sido enterrada em 3 de agosto de 1942, em um porão da rua Nowolipki, foi desenterrada

¹⁴⁴ KASSOW, Idem. *ibid*, 2099, p. 465.

¹⁴⁵ KASSOW, idem. *ibid*. 2009, p. 467.

em 18 de setembro de 1946 com o auxílio de Rachel Auerbach (1903-1976) e Hersh Wasser (1910-1980), dois sobreviventes do *Oyneg Shabes*. Uma segunda parte, escondida sob a fábrica Holman em fins de fevereiro de 1943, foi encontrada casualmente em 12 de janeiro de 1950 por operários durante uma obra de escavação. A terceira parte, enterrada na rua Swietojeńska, infelizmente ainda não foi encontrada.¹⁴⁶

As duas partes encontradas do OS totalizam seis mil documentos, em 35.369 páginas. Atualmente, o arquivo está preservado e sob a guarda do Instituto Judaico de Pesquisa em Varsóvia, onde continua a ser um recurso vital para historiadores e pesquisadores. Os documentos arquivados, como planejado por Ringelblum, fornecem uma visão detalhada da vida cotidiana e da resistência no gueto de Varsóvia.

Ringelblum é herdeiro da tradição judaica de preservação e valorização da memória, da ação de recordar como uma forma de comprometimento com o coletivo. A memória sustenta uma identidade no tempo e sua preservação permite salvaguardar a honra dos que já morreram e como um antídoto contra o esquecimento para as sucessivas gerações.

O dever de memória relacionado à Shoá não se resume apenas na obrigação de lembrar, mas se completa com o ato de transmitir a experiência catastrófica para prevenir que acontecimentos do gênero não se repitam.

A tarefa assumida por Ringelblum de arquivar documentos e fontes sobre os acontecimentos vivenciados pela coletividade judaica no contexto da invasão nazista da Polônia, além de influenciada pela tradição tem relação com o seu engajamento profissional, político e social. Desde jovem quando inicia a militância no PTE e vivencia o contato direto com as massas empobrecidas e necessidades do judaísmo polonês, Ringelblum encarna este compromisso; como historiador, a preservação da memória e da cultura judaico-polonesa é o seu objeto de estudo.

Ringelblum tem clareza de que o seu trabalho compreende mais do que a coleta de documentos oficiais e materiais usuais. O contexto de destruição sem precedentes e o risco iminente de morte, exigia a coleta de fontes testemunhais para

¹⁴⁶ Segundo Bruno Haliqua, “em 2003, uma expedição de arqueólogos israelenses para localizar esse terceiro lote de documentos resultou em fracasso. Não obstante, já se pensa na realização de novas pesquisas com a ajuda de um radar de penetração do solo (RPS), equipamento que permitiu objetos enterrados pelos deportados nos campos de concentração de Treblinka e Sobibor.” (HALIQUA, Bruno. Os 948 dias do gueto de Varsóvia. Tradução Luciano Vieira Machado – 1ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2024, p. 17).

além das fontes oficiais o que serviria para fornecer mais elementos e dados aos historiadores do futuro. Assim, seria possível a construção de narrativas mais completas, honestas e justas.

Emanuel Ringelblum fez parte de uma geração profundamente afetada pelo trauma e pela turbulência de duas guerras mundiais e cresceu em uma Polônia recém-independente. O OS nasceu dessa cultura de compromisso e preocupação com a preservação da memória e da verdade e seus membros estavam dispostos a entregar a sua vida pela fidelidade a este propósito, até as últimas consequências.

Como pesquisador e historiador, Ringelblum foi precursor na incorporação do testemunho oral como fonte histórica: a recuperação, conservação e valorização da experiência de pessoas comuns como elemento fundante de uma história mais ampla e preocupada em contemplar a voz dos vencidos, dos invisibilizados e, historicamente, relegados ao esquecimento.¹⁴⁷

Sua trajetória e legado são cruciais para compreender e ensinar sobre um passado de destruição gerado pelo ódio e intolerância, um passado que precisa ser lembrado a fim de que nos ajude a identificar no presente, sinais e atitudes que prenunciam novas catástrofes, as possibilidades e a urgência em superá-las.

¹⁴⁷ SÁNCHEZ, Victoria Luján. Ringelblum y el Óneg Shabat: una perspectiva historiográfica precursora. Cuadernos Judaicos, nº 32. Buenos Aires, 2015, p. 188.

3 PRODUTO. EMANUEL RINGELBLUM: UM HISTORIADOR NO GUETO DE VARSÓVIA

Concluído o trabalho de pesquisa, passamos ao desafio de construir um produto didático para aulas sobre a Shoá a partir da trajetória e do legado de Emanuel Ringelblum.

A Shoá, de acordo com a disposição dos conteúdos curriculares definidos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ¹⁴⁸, é um tema obrigatório e compõe o elenco de temas a serem trabalhados nos anos finais da Educação Básica.

Com esse intuito, apresentamos uma sequência didática com textos e imagens adequados à faixa etária do público-alvo – discentes do 9º ano do Ensino Fundamental – para percorrer o caminho da pesquisa pelo trabalho com fontes históricas e em atividades dialógicas, de forma a permitir uma experiência de reflexão e produção do conhecimento histórico sobre este evento.

Para o conteúdo do roteiro didático, escolhemos fontes bibliográficas, imagéticas e jornalísticas para orientar as atividades de contextualização histórica, análise biográfica do personagem e situações que se referem ao tempo presente. A narrativa testemunhal de Ringelblum em *Crônica do Gueto de Varsóvia* é a fonte primária a ser analisada.

Mais do que a descrição da cronologia, estatísticas ou os episódios trágicos, nosso objetivo é promover a compreensão da Shoá a partir da narrativa de quem esteve lá, testemunhando a cena histórica. Apesar do desfecho aterrador do personagem, fuzilado com seus familiares e enterrado sob os escombros de Varsóvia, queremos destacar o seu absoluto compromisso ético, moral e profissional e sua luta em favor da vida, da verdade e da justiça.

A abordagem metodológica pretende apresentar aos alunos as narrativas memorialísticas como fontes importantes no processo de construção historiográfica. Essas fontes, secundarizadas por longo tempo pela historiografia, ascenderam em importância após o genocídio judaico. A enormidade da destruição e as crueldades praticadas pelos nazistas, bem como a carência de fontes documentais e oficiais – boa parte destruída pelos perpetradores –, tornaram essas fontes essenciais no pós-guerra para a historiografia e nos processos de julgamento e punição dos criminosos nazistas e seus colaboradores.

¹⁴⁸ BNCC, 2018, p. 75.

A nossa perspectiva é contribuir no desenvolvimento da consciência histórica dos alunos. Assim, consideramos que é preciso ir além de uma abordagem tradicional baseada em uma exposição descritiva/ factual e reduzida a um conjunto de “informações inertes” que pouco se relacionam com os desafios do tempo presente.¹⁴⁹ Nesse sentido, seguimos o entendimento de Jörn Rüsen. Para ele,

a consciência histórica vai além da memorização e descrição de fatos; trata-se de uma capacidade desenvolvida por meio de um processo dinâmico que envolve a reflexão crítica sobre as experiências do passado à luz dos desafios e dilemas do presente.¹⁵⁰

Essa perspectiva também dialoga com os referenciais de Paulo Freire para quem o objetivo do processo pedagógico se relaciona com o desenvolvimento de uma consciência crítica e libertadora por meio do compartilhamento de experiências e saberes em uma relação horizontal entre docentes e discentes.¹⁵¹

Do ponto de vista do ensino de temas sensíveis, como a Shoá, o testemunho é uma fonte imensurável. Como “ato de resistência contra o esquecimento e contra a negação da verdade histórica”,¹⁵² a narrativa testemunhal sensibiliza e humaniza, abrindo caminho para uma relação de empatia e compaixão do leitor com o personagem-narrador.

A trajetória de Emanuel Ringelblum torna a sua narrativa singular e significativa. A despeito de seu profundo engajamento nas lutas da coletividade judaica polonesa, o seu trabalho historiográfico preza pela objetividade, rigor metodológico, fidedignidade e autenticidade das fontes coletadas.

O *Oyneg Shabes* e a *Crônica do Gueto de Varsóvia* são expressões vívidas de Ringelblum. Ele não descreve apenas o que vê, mas se respalda em depoimentos de terceiros; não produz a partir de um gabinete, mas está no chão do gueto trabalhando na assistência, ouvindo e inscrevendo as vozes de pessoas comuns, dos vencidos.

A despeito da disciplina de história não ter como objetivo a formação de historiadores em miniatura, a análise do testemunho de Ringelblum abre uma oportunidade para os alunos compreenderem a construção do conhecimento histórico.

Considerando o contexto atual marcado pela ascensão de uma direita política extrema e as reiteradas situações de intolerância, xenofobia, misoginia, racismo,

¹⁴⁹ SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2011, p. 16.

¹⁵⁰ RÜSEN, 2011, p. 41.

¹⁵¹ FREIRE, 1996, p. 47.

¹⁵² SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 31.

estudar a Shoá é imprescindível. A despeito dessa importância, a abordagem de temas sensíveis, é sempre um desafio para os docentes. Num mundo que continua produzindo violências em grande escala e a sensibilidade parece apagada, a Shoá

ultrapassa os limites temporais da guerra (...) revelando-se um objeto necessário de estudo para permitir compreender questões da nossa sociedade atual relacionadas ao preconceito, ao racismo e ao desrespeito à diferença.¹⁵³

Um tema sensível desperta reações emotivas e sentimentais (e seria preocupante se assim não o fosse!), mas o objetivo da proposta que apresentamos não é chocar ou desesperançar os alunos, muito pelo contrário. Essas reações são ponto de partida: despertam o interesse e estimulam os alunos a pensarem em situações semelhantes do cotidiano, que precisam ser enfrentadas e superadas.

Mullet e Seffner (2018) desenvolvem uma reflexão relevante sobre os objetivos e os pressupostos da abordagem dos temas sensíveis ou socialmente vivos no ensino de História. Para eles, a temática deve ser trabalhada em sintonia com o conceito de *passados vivos*, uma perspectiva que dialoga com o conceito de *passado prático* desenvolvida pelo historiador Hayden White.¹⁵⁴

Na perspectiva da educação em direitos humanos, os temas sensíveis não se limitam à descrição de eventos do passado, mas exigem uma abordagem ética — uma reflexão que gera indignação, mas também inspira empatia, respeito, reconciliação e tolerância. Esses valores, fundamentais para um futuro mais justo, ganham força quando confrontamos com narrativas como a de Emanuel Ringelblum.

Oitenta e um anos após sua morte, seu testemunho continua a desafiar-nos, mostrando como o passado ecoa no presente. Sua narrativa destaca não a morte, mas a luta pela vida; não o medo, mas a resiliência; não os números, mas as pessoas; não o ódio, mas a solidariedade.

Mais do que o estudo sobre uma catástrofe histórica, a reflexão sobre a Shoá se transforma em um convite à ação e sobre como, individual e coletivamente, podemos construir um mundo melhor, cuja base seja o respeito a vida, a democracia, a busca pela paz, pela verdade e pela justiça.

¹⁵³ PEREIRA, Nilton Mullet; GITZ, Ilton. Ensinando sobre o Holocausto na escola. Porto Alegre: Penso, 2014, VIII.

¹⁵⁴ PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. Revista História Hoje, 2018, p. 20-21.

3.1 OBJETIVOS

- Compreender o contexto histórico em que se insere Emanuel Ringelblum, o seu trabalho e o seu compromisso como historiador e líder em meio a ocupação nazista.
- Abordar em sala os temas do nazismo, fascismo, totalitarismo, Shoá (genocídios) e suas conexões com as manifestações de racismo, discursos de ódio a alteridade, intolerância e preconceitos do presente.
- Apresentar os registros memorialísticos de Emanuel Ringelblum e o arquivo secreto *Oyneg Shabes* por ele organizado, destacando a sua importância para o fazer histórico como fontes de valor documental da voz dos vencidos, silenciada pelas atrocidades.
- Contribuir para ampliar a consciência histórica fundamentada dos estudantes, desenvolvendo a empatia e compaixão em relação a vítimas de toda e qualquer tipo de violência.
- Compreender a luta e defesa dos direitos humanos como resultado da resistência ao totalitarismo e às políticas de opressão, bem como, a importância do engajamento individual e coletivo no respeito aos mesmos.

3.2 ENCAMINHAMENTOS DIDÁTICOS

Este roteiro didático visa apresentar a trajetória biográfica e a narrativa testemunhal do historiador e ativista judeu polonês Emanuel Ringelblum, como fontes do estudo da Shoá. Além disso busca discutir causas e as consequências da catástrofe que se abateu sobre populações que se tornaram alvo do ódio racial nazista, da intolerância e da ganância das elites capitalistas alemãs.

Para isso, é oportuno iniciar com a contextualização histórica e uma explanação sucinta sobre a Shoá, destacando suas características, os impactos e as repercussões do evento. Uma questão problematizadora a ser debatida durante as atividades com os alunos é que a intolerância, o racismo e o ódio ao Outro/diferente, âncoras ideológicas do nazismo, não são exclusivas de regimes ou líderes totalitários, tanto que permanecem se manifestando em situações do cotidiano.

A análise da fonte testemunhal tem relação com ideia que Walter Benjamin definia como olhar a história “a contrapelo”, abrindo espaço e ouvindo a voz da narrativa e a experiência dos vencidos. O foco na experiência individual desafia o

leitor/aluno a perceber a história como um conjunto de vivências humanas e não apenas como uma sucessão automática de fatos distantes e frios.

Propomos a realização de atividades em pequenos grupos pois facilitam a troca de ideias, opiniões e a crítica às interpretações estimulando o pensamento crítico, a capacidade de argumentação e construção de narrativas fundamentadas, habilidades que precisamos desenvolver nos alunos.

A sequência didática foi preparada como um roteiro para cinco horas/aula no seguinte formato: 1. Contextualização; 2. A trajetória de Emanuel Ringelblum; 3. O arquivo secreto do Gueto de Varsóvia, o *Oyneg Shabes*; 4. A *Crônica do Gueto*; 5. Atividades finais.

Preferimos manter no roteiro um primeiro momento sobre o contexto histórico, mas como esse tópico é desenvolvido nos livros didáticos, o professor poderá iniciar a sequência didática a partir da trajetória/biografia de Emanuel Ringelblum, reservando mais tempo a análise da fonte primária e as apresentações.

Cada aula será finalizada com um momento de exposição/debate coordenado pelo docente; ao final de cada ciclo relacionamos atividades que ajudam na avaliação do desenvolvimento dos alunos.

É sempre desafiador tratar temas sensíveis em sala de aula, dada a complexidade e profundidade das experiências traumáticas. O professor deve dialogar com os alunos preparando um ambiente seguro e de confiança mútua e estar atento a eventuais impactos. A leitura de um testemunho, além de reverência às vítimas, é um alerta para atitudes recorrentes de desrespeito à vida, à diversidade e aos valores democráticos que impactam o presente e precisam ser enfrentadas, pois, “infelizmente, o passado ainda está conosco”.¹⁵⁵ Para que os alunos desenvolvam a sua consciência histórica é necessário relacionar os acontecimentos do pretérito aos impasses e situações do presente.

A sequência proposta pretende possibilitar a criação de uma relação dinâmica com a experiência do personagem. É importante que o professor estimule a problematização dos registros memorialísticos, a fim de exercitar a formulação de argumentações mais complexas.

¹⁵⁵ SHARP, 2021, p. 16

3.3 PRIMEIRO MOMENTO. O CONTEXTO: AS CATÁSTROFES DO SÉCULO XX

Para iniciar, é oportuno que dialogar com os alunos sobre o contexto histórico no qual o personagem se insere. Como questão para provocar o debate é apresentado o Quadro I que elenca alguns dos acontecimentos marcantes e trágicos do período. O professor provoca o debate perguntando: O que é uma catástrofe? Por que o século XX carrega a marca das catástrofes? Que tipo de catástrofes o quadro nos mostra? Vocês assistiram a algum filme ou documentário sobre o período? O docente pode citar alguns filmes produzidos e bastante conhecidos sobre o assunto como *O Menino de Pijama Listrado*, *Até o Último Homem*, 1917 e outros.

E analisando a atualidade, é possível afirmar que catástrofes continuam acontecendo? Algum conflito ou guerra em andamento? Porque continuam ocorrendo? As imagens [documentos de 1 a 5] ilustram o debate.

Os alunos conversam entre si e compartilham com os demais. O professor anota no quadro-de-giz termos, expressões e comentários, faz uma breve síntese, explica conceitos - guerra, fascismo, nazismo, racismo, intolerância, avanço tecnológico, aquecimento global - e acrescenta informações que considera importante.

É importante pontuar que, embora os avanços tecnológicos tenham impulsionado significativamente a produção industrial e o comércio mundial no início do século XX, paradoxalmente, esse “progresso” legou um profundo rastro de destruição em diversas esferas: ambiental, humana, material e moral. A ganância desenfreada das elites capitalistas, aliada às crescentes desigualdades sociais e econômicas, a disseminação da intolerância e do ódio, culminou em atrocidades sem precedentes contra indivíduos e a destruição em larga escala da natureza. Assim, o progresso técnico e científico também escancarou as contradições de um sistema econômico que prioriza o lucro em detrimento do bem-estar coletivo e da sustentabilidade do planeta [documento 5].

O quadro mundial se agravou ainda mais após a Primeira Guerra Mundial. A Europa, enfraquecida e traumatizada pela destruição da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e pela crise econômica dos anos 1930, tornou-se um terreno fértil para a ascensão de regimes totalitários, como o nazismo na Alemanha.

Em 1933, em meio ao caos político e ao desespero social gerados pela Grande Depressão e pelo descontentamento com a *República de Weimar*, Adolf Hitler foi nomeado chanceler da Alemanha. Em 1934, com a morte do presidente Paul

von Hindenburg, Hitler deu um golpe institucional abolindo as eleições, autoproclamando-se *Führer e Chanceler do Reich* e estabelecendo um regime totalitário.

Hitler implantou um regime baseado em três pilares fundamentais: a centralização absoluta do poder - que eliminou a oposição política, submeteu a mídia à propaganda do Estado e instaurou um culto à figura do *führer*; o expansionismo militar - guiado pelo conceito de *Lebensraum*, que justificava a conquista de territórios para garantir espaço vital à chamada "raça ariana"; e uma ideologia racista e eugenista, que, sob o véu da pseudociência, proclamava a superioridade dos arianos e atribuía aos judeus, eslavos, ciganos e outros grupos a responsabilidade pelos problemas da Alemanha.

Essa fusão de nacionalismo exacerbado, ódio racial e ambição imperialista precipitou o mundo para a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e desencadeou a Shoá, o genocídio sistemático de milhões de pessoas, marcando um dos períodos mais sombrios da história humana.

Diante desse regime de terror nazista, que buscava aniquilar não apenas vidas, mas também memórias e identidades, surgiram vozes que resistiram à opressão e à invisibilidade. Neste contexto difícil e extremo que acabamos de discutir, a história nos apresenta um elenco de indivíduos que assumiram a condição de agentes históricos e buscaram interferir nos rumos da história.

Nas próximas aulas, vamos estudar a Shoá [texto de apoio II explana os diferentes termos utilizados para indicar o genocídio judaico] pelo olhar e perspectiva de um destes indivíduos que vivenciou a violência extrema, enfrentou as adversidades e assumiu o desafio de narrar, arquivar vestígios e denunciar ao mundo os acontecimentos trágicos. Seu nome: Emanuel Ringelblum.

Vamos estudar esse passado, comparando aos problemas do presente que continua permeado por guerras e violências diversas, pelo ódio, intolerância e situações degradantes, que precisam ser enfrentadas e superadas.

QUADRO I – CATÁSTROFES DO SÉCULO XX

EVENTO	PERÍODO	LOCALIZAÇÃO	IMPACTO
Genocídio dos Hereros e Manas	1904-1908	África do Sudoeste Alemã (atual Namíbia)	Entre 65.000 e 100.000 hereros e manas mortos
Primeira Guerra Mundial	1914-1918	4 continentes	Cerca de 20 milhões de mortes e 20 milhões de feridos.
Gripe Espanhola	1918-1920	Todos os continentes	Entre 50 e 100 milhões de mortes
Grande Depressão	1929-1939	Mundial	Colapso econômico, fome, desemprego em massa
Segunda Guerra Mundial	1939-1945	Mundial	Cerca de 75 milhões de mortes e cerca de 20 milhões de feridos.
<i>Holodomor</i> (“morte pela fome”)	1932-1933	Ucrânia sob o regime estalinista	Entre 3,5 e 7 milhões mortes
Guerra Civil Espanhola	1936-1939	Espanha	Entre 500.000 e 1 milhão de vítimas
Shoá	1933-1945	Europa ocidental e oriental	6 milhões de judeus e 5 milhões de russos, poloneses, ucranianos e ciganos
Bombas Atômicas	Agosto/1945	Cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki	Mais de 200 mil mortes no impacto e outros milhares ao longo do tempo
<i>Nakba</i> (“destruição”) Palestina	1948	Oriente Médio Israel/Palestina	700.000 árabes palestinos expulsos de seu território com a criação do Estado de Israel.
Acidente na usina nuclear de <i>Chernobil</i>	1986	Ucrânia/URSS	Milhões de pessoas afetadas com problemas de saúde decorrentes da radiação nuclear
Guerra da Bósnia	1992-1995	Ex-República Iugoslávia	100.000 mortes
Genocídio de Ruanda	1994	Ruanda (África)	800.000 tutsis

LEITURA COMPLEMENTAR

CYTRYNOIWICZ, Roney. *Memória da Barbárie*. São Paulo: Nova Stella: Editora da USP, 1990.

FIGURA 1

A GRANDE GUERRA (1914-1918)

Cenas da Grande Guerra. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=30191802> Por User:Hohum - Trenches on the Western FrontGerman Albatros D.III biplane fighters of Jasta 11 at Douai, FranceVickers machine gun crew with gas masksBritish Mark V tanksBritish battleship HMS Irresistible, Domínio público. Acesso em: 10 de nov. de 2025.

FIGURA 2**A CRISE DE 1929**

Desempregados da Crise de 1929 em fila do lado de fora de uma cozinha aberta em Chicago. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/crise-1929.html> Acesso em 25 de jan de 2025.

FIGURA 3**O TOTALITARISMO**

Hitler é saudado por soldados alemães. Disponível em: <https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=adolf+hitler+nazi>. Acesso em: 25 de jan. De 2024

FIGURA 4

O “PROGRESSO”



Impactos da industrialização. Disponível em:
https://br.images.search.yahoo.com/search/images;_ylt=Awrihdi5iOBnealEorfz6Qt.;_ylu=Y29sbwNiZiEEcG9zAzEEEnRpZAMEc2VjA3BpdnM-?p=destrui%C3%A7%C3%A3o+da+natureza+pela+ind%C3%BAstrializa%C3%A7%C3%A3o&fr2=piv-web&type=E210BR714G91859&fr=mcafee#id=12&iurl=https%3A%2F%2Fas1.ftcdn.net%2Fv2%2Fjpg%2F09%2F78%2F08%2F56%2F1000_F_978085669_SrmW8ctLHZc4SDwfnwANTvzQnk2nE3Kc.jpg&action=click. Acesso em: 12 dez 2024

FIGURA 5

PALESTINOS X ESTADO DE ISRAEL



Lutas internas palestinas dificultam reconstrução de Gaza. Disponível em: <https://www.newsweek.com/gaza-hamas-reconstruction-312526>. Acesso 5 fev de de 2025.

3.3.1 TEXTO DE APOIO I

GENOCÍDIO

O termo *genocídio* - junção da palavra grega *genos* – povo - com o sufixo latino *caedo* - ato de matar - foi cunhado pelo jurista de origem judaica, Raphael Lemkin em 1944, para tipificar os crimes cometidos pelos nazistas contra judeus e outras minorias durante a Segunda Guerra Mundial, mas a prática de exterminar sistematicamente grupos étnicos, religiosos ou nacionais é mais antiga.

A Organização das Nações Unidas (ONU) define o genocídio como um “crime internacional grave que é cometido com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso”. Essa definição foi estabelecida na *Convenção sobre a Prevenção e a Punição do Crime de Genocídio*, durante a Assembleia Geral da ONU em 1948.

3.3.2 TEXTO DE APOIO II

GENOCÍDIO DOS JUDEUS: SHOÁ, HOLOCAUSTO E CHURBAN

- **Shoá** (השואה) é uma palavra do idioma hebraico que significa "*catástrofe*", "*desastre*" ou "*devastação*". É utilizado para enfatizar a magnitude da destruição e a natureza singular do extermínio de judeus pelos nazistas. A palavra *Shoá* tem origem bíblica, aparecendo em textos como o Livro de Isaías (47:11) e o Livro de Sofonias (1:15) para descrever eventos de grande destruição. O termo *Shoá* passou a ser mais utilizado especialmente após o lançamento do documentário "*Shoah*" de Claude Lanzmann em 1985.

- **Holocausto** (ὁλόκαυστος) é uma palavra oriunda do idioma grego que significa "*sacrifício pelo fogo*" ou "*queimado por inteiro*". O termo é comumente utilizado para se referir ao genocídio judaico e outros grupos minoritários pelos nazistas. Na antiguidade, o termo era utilizado para descrever um tipo de sacrifício religioso em que um animal era queimado em ritual de sacrifício a Deus.

- **Churban** (חורבן) é um termo do idioma *ídiche* (língua judaica de origem germânica) que significa "*destruição*". Também é utilizado para se referir a grandes tragédias na história judaica, como a destruição do Primeiro e do Segundo Templo de Jerusalém e, em algumas comunidades judaicas para se referir ao genocídio judaico.

LEITURA COMPLEMENTAR

INTRODUÇÃO AO HOLOCAUSTO. Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos. Destaques das coleções. Disponível: <https://encyclopedia.ushmm.org/pt-br>
Acesso em 15 out 2024.

3.3.3 Atividades

1. Os alunos, individualmente, traçam uma linha do tempo, pontuando os principais acontecimentos do século XX.
2. O que as imagens [documentos de 1 a 5] “dizem” sobre o século XX?
3. Relacione algumas palavras que resumem os acontecimentos trágicos deste período da história da humanidade. O termo *genocídio* surgiu no contexto da Segunda Guerra Mundial para definir um dos crimes mais atrozes da humanidade: o extermínio sistemático de judeus, ciganos e outras minorias [documento 6]. A ONU define o genocídio como “qualquer ato cometido com a intenção de destruir, no todo ou em parte, um grupo nacional, étnico, racial ou religioso”. Como classificar a escravização dos negros e a exploração dos indígenas no Brasil durante o período colonial. Podemos dizer que também foram vítimas de genocídio?
4. *Intolerância* é a falta de respeito ou aceitação pelas diferenças, sejam elas de crença, cultura, opinião, orientação sexual, raça ou religião. Como isso nos afeta hoje? Que atitudes são necessárias para superar estes problemas [documento 5]?
5. Por que as guerras continuam acontecendo, como neste momento a guerra entre Israel Palestina ou entre a Rússia e a Ucrânia.
6. Peça aos alunos escreverem um texto síntese do tema debatido.

3.4 SEGUNDO MOMENTO. A TRAJETÓRIA EMANUEL RINGELBLUM

O professor inicia recapitulando a aula anterior. Como vimos, a Segunda Guerra Mundial transcendeu os limites de um conflito militar, transformando-se em uma catástrofe humanitária de proporções inimagináveis. A enormidade da destruição material e humana consolidaram esse período como um dos mais sombrios da história contemporânea. E seus efeitos não se limitaram ao século XX: as cicatrizes políticas, sociais e memoriais reverberam mundo hoje, seja nas relações internacionais, nas discussões sobre direitos humanos ou na luta em defesa dos valores democráticos.

Depois da guerra, os historiadores se debruçaram sobre a pesquisa buscando compreender as motivações, os efeitos e os mecanismos de prevenção a tragédias como da Shoá. Nesse processo, além das fontes de pesquisa tradicionais (documentos oficiais, registros jornalísticos e militares, filmes e imagens fotográficas), as fontes memorialísticas e testemunhais (diários, imagens, bilhetes, cartas e relatos orais) oferecem perspectivas pessoais e emocionais e ocupam um lugar importante na análise histórica.

É oportuno que o professor discorra sobre os diferentes tipos de documentos (fontes) utilizados pelos historiadores e a importância das narrativas testemunhais no contexto de eventos traumáticos. A enormidade e abrangência sem precedentes da Shoá e a insuficiência de fontes materiais fizeram com que essas narrativas alçassem um *status* importante nos estudos sobre eventos traumáticos.

O professor estimula o debate fazendo referência ao *Diário de Anne Frank* um dos relatos mais conhecidos: “Vocês sabiam que, assim como Anne Frank, milhares de outras pessoas escreveram e testemunharam suas experiências durante os anos de opressão e perseguição nazista? Conhecem outros exemplos? Quem pode nos contar?” São perguntas que abrem caminho para a apresentação do nosso protagonista.

Como Anne Frank, milhares de vítimas – sobreviventes ou não, narraram a experiência de choque. Vamos conhecer a trajetória de vida de uma dessas testemunhas oculares do genocídio e que se transformou em uma figura destacada no contexto da Shoá na Polônia: o historiador *Emanuel Ringelblum* [documentos 7 a 10]. Vamos conhecer a sua trajetória e a sua produção.

Em seguida, o professor apresenta o documentário - *Emanuel Ringelblum: El archivo clandestino de Óneg Shabat en el gueto de Varsóvia* e distribui a transcrição em português e síntese biográfica [texto de apoio IV].

O vídeo foi produzido no idioma espanhol, mas é rico em imagens que ajudam a visualizar a dramaticidade do contexto. Na linha do tempo construída na aula anterior, os alunos acrescentam as informações biográficas de Ringelblum.

As imagens fotográficas e visuais da vida no Gueto de Varsóvia dão uma ideia do ambiente no bairro sob a ocupação alemã: barulho de explosões, humilhações, prisões arbitrárias, doenças, fome, miséria e execuções sumárias.

Foi neste contexto extremo que Emanuel Ringelblum escreveu uma de suas obras mais importantes, a *Crônica do Gueto de Varsóvia*, onde narra os acontecimentos, registra as suas observações e outros testemunhos que coletava ou que lhe chegavam por terceiros. Ele também decidiu organizar um grupo de pessoas para, em sigilo, coletar e arquivar material sobre a vida e os crimes cometidos contra os judeus pelos nazistas. A este arquivo Ringelblum deu o nome de *Oyneg Shabes*.

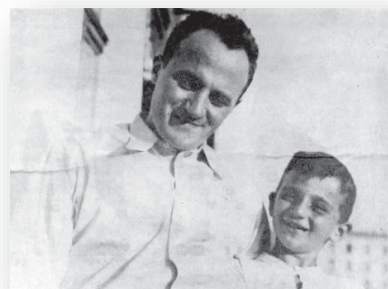
O *Oyneg Shabes* e a *Crônica do Gueto de Varsóvia*, são iniciativas de Ringelblum para manter viva a memória e a história da comunidade judaica polonesa e guardar os vestígios porque, como dizia ele, “tudo seria útil para [a investigação] os historiadores do futuro”.

De fato, os documentos arquivados no *Oyneg Shabes* - um total de 35 mil páginas - serviriam aos objetivos traçados por Ringelblum. O arquivo é uma das coleções mais completas sobre a Shoá, uma fonte histórica de primeira grandeza no tocante a história da coletividade judaica e as atrocidades cometidas pelos nazistas. Em 1999, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) reconheceu o *Oyneg Shabes* como *Patrimônio Documental do Programa Memória do Mundo*.

É sobre essa produção memorialística, histórica e intelectual de Ringelblum que conversaremos nas próximas aulas.

FIGURA 7**O JOVEM RINGELBLUM**

O jovem Emanuel Ringelblum. Disponível em: <https://www.jhi.pl/en/articles/emanuel-ringelblum-optimist-who-believed-in-the-human-being.3612>. Acesso em 22 dez de 2024.

FIGURAS 8 E 9**A FAMÍLIA: EMANUEL, JUDITH E URI**

Emanuel, Judith e Uri bebê. Disponível em: <https://www.radiosefarad.com/emanuel-ringelblum-ii-la-historia-en-secreto/>. Acesso em: 22 dez de 2024
Ringelblum e o filho Uri. Disponível em: <https://www.ehri-project.eu/call-applications-interactive-ehri-online-course-holocaust-studies>. Acesso em 22 dez de 2024.

FIGURA 10

O PROFESSOR RINGELBLUM



O professor Ringelblum com alunas. Disponível em: <https://yiddishkayt.org/view/emanuel-ringelblum/>. Acesso em: 22 dez de 2024.

FIGURA 11/12

OS INTELECTUAIS E A MILITÂNCIA



Figura 11: Ringelblum Ringelblum e outros escritores acadêmicos judeus na década de 1930. Figura 12: Reunião de delegados do PTE em 1933. Disponíveis em: <https://images.app.goo.gl/CukJkrLZGwEEJAcw5>. Acesso em: 10 jan de 2025.

3.4.1 TEXTO DE APOIO III

EMANUEL RINGELBLUM (1900-1944)

Emanuel Ringelblum foi uma figura central na documentação da vida no Gueto de Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial e seu legado é profundamente significativo para a história da Shoá.

Ringelblum nasceu em 21 de novembro de 1900, em Buczacz, uma cidade da Galícia oriental, então parte do Império Austro-Húngaro (atualmente em território ucraniano). Cresceu em uma família judia, estudou em escolas judaicas (*heder*) e escolas seculares mantidas pelo governo polonês (*gymnasium*). Desde jovem foi influenciado pela tradição judaica e pelo contexto político da região. Sua infância foi marcada por um forte senso de identidade cultural e comunitária, o que moldou sua futura trajetória.

Aos 19 anos Ringelblum mudou-se para Varsóvia, onde se envolveu ativamente com a vida intelectual e cultural da comunidade judaica. Seu interesse por história, pesquisa e militância política o levaram a se tornar uma figura proeminente no cenário cultural polonês. Obteve o título de doutor em História pela Universidade de Varsóvia em 1927.

Paralelo à formação acadêmica, Ringelblum se engajou social e politicamente na vida da coletividade judaico-polonesa, foi membro do *Poalei Sion de Esquerda* (PTE) e participou ativamente em várias organizações sociais de auxílio e assistência aos mais necessitados promovendo o bem-estar e a educação (*Aleynhilf*, JDC). Sobrevivia lecionando e fazendo traduções, mas o seu prazer maior era ensinar os trabalhadores pobres em escolas do partido.

Ringelblum manteve uma ligação profunda com a pesquisa, a preservação da cultura judaica e do idioma *ídiche*; e um compromisso inabalável com luta contra o antissemitismo e pelos direitos da comunidade judaica. De acordo com Jonás Turków, sobrevivente do gueto e que conviveu com ele,

Ringelblum não se isolou em seu escritório e em seus arquivos. Desde os anos de estudante, houve uma enorme necessidade e um grande impulso para se dedicar aos trabalhos institucionais, e particularmente aos de carácter cultural. Por mais ocupado que estivesse com seu trabalho de pesquisa, sempre encontrava tempo disponível para isso. Trabalhava vinte horas por dia e com a sua atividade e entusiasmo atraía outras pessoas para diversas tarefas, das quais era o impulsionador. O modesto, sempre bem-humorado, sorridente e otimista Ringelblum estava constantemente cheio de projetos,

que não se cansava de realizar.¹⁵⁶

Quando os nazistas invadiram a Polônia (1939), Ringelblum já era uma liderança reconhecida no país e acompanhou par e passo a realidade de opressão e violência a que os judeus poloneses foram submetidos pela política racista dos invasores. Em novembro de 1940, Ringelblum começou a escrever a *Crônica* onde transcrevia os acontecimentos que presenciava e informações que lhe chegavam por terceiros.

Ao sentir a gravidade da situação e risco de extermínio, decidiu reunir um grupo de pessoas e organizar um arquivo secreto, com provas e materiais diversos que registravam a vida cotidiana e as atrocidades no gueto sob o domínio dos nazistas.

Assim, nasceu o *Arquivo Secreto do Gueto de Varsóvia*, que ele denominou como *Oyneg Shabes*.¹⁵⁷ A iniciativa garantiu o armazenamento de um grande volume de material: documentos oficiais, cartazes de propaganda, cartas, entrevistas, relatos pessoais, diários e outros que descreviam a dureza da vida no gueto, além de trabalhos acadêmicos sobre vários temas e sobre a resistência cotidiana contra os nazistas. A equipe do *Oyneg Shabes* era composta de cerca de cinquenta voluntários entre historiadores, escritores e voluntários.

Com o fechamento do gueto em outubro de 1940, as condições de vida dos judeus eram extremas: a superlotação, a fome e as doenças causavam um número crescente de mortes, além das execuções frequentes e em grande quantidade.

Em julho de 1942, os nazistas colocaram em operação a *Aktion Reinhard*¹⁵⁸ visando a deportação dos judeus para os campos de extermínio e de trabalho forçado. Em setembro as deportações foram intensificadas, e uma grande parte dos judeus do gueto foi enviada o campo de extermínio de Treblinka.¹⁵⁹

¹⁵⁶ TURKÓW, 1969, p. 12

¹⁵⁷ *Oyneg Shabes* é um termo do ídiche que significa *Prazeres do Sábado*. Refere-se a um conceito judaico que celebra a beleza e a alegria do sábado, o dia de descanso e espiritualidade na tradição judaica. O termo é também associado a uma série de encontros e discussões organizados por rabinos e intelectuais durante este dia da semana, com o objetivo de promover a educação e a vivência espiritual. Fonte: Disponível em: <https://www.yadvashem.org/de/exhibitions/ringelblum-archive/about-emanuel-ringelblum.html>, acesso em 22 maio de 2025.

¹⁵⁸ A *Aktion Reinhard* foi a operação nazista destinada ao extermínio sistemático dos judeus na Polônia ocupada, conduzida entre 1942 e 1943. Nomeada em homenagem a Reinhard Heydrich, a operação envolveu a construção e o funcionamento de três grandes campos de extermínio: Sobibor, Belzec e Treblinka. Durante essa campanha, aproximadamente 1,7 milhões de judeus foram mortos. A ação foi parte do plano mais amplo do genocídio dos judeus, denominado pelos nazistas como *Solução Final*.

¹⁵⁹ **Campos de Concentração e Campos de Extermínio:** espalhados por toda a Europa ocupada pelos nazistas, os campos serviram como locais de tortura, escravização e, em última instância, de

Organizados por um grupo minúsculo de jovens, a população do gueto ainda resistiu: em janeiro e abril de 1943, um *Levante*¹⁶⁰ atrasou em algumas semanas a liquidação do gueto pretendida pelos nazistas, o que se realizou no final daquele ano, restando um número pequeno de judeus que se abrigaram em esconderijos.

E em meio a todo esse caos, o que fez Ringelblum?

Trabalhou diuturnamente na resistência pacífica – apoio os mais pobres, organização de conselhos de casas, refeitórios coletivos, preparando de eventos culturais de educacionais – e, ao final, como um dos articuladores da resistência armada aos nazistas.

Para além disso, Ringelblum trabalhou com *frenesi* no *Oyneg Shabes*, o seu mais importante legado e que se transformou em uma das principais coleções documentais desse tempo sombrio deixado, como ele mesmo dizia, aos “historiadores do futuro”.

Ringelblum, a mulher, o filho e outros judeus que haviam se refugiado em um esconderijo depois da liquidação do gueto, foram delatados, capturados pela Gestapo e executados em 7 de março de 1944. Seus corpos foram enterrados em valas comuns sob os escombros de Varsóvia.

extermínio em massa. Os judeus do Gueto de Varsóvia foram enviados majoritariamente para o campo de Treblinka, distante 80 quilômetros da capital.

¹⁶⁰ **Levante de Varsóvia** - Ocorrido entre 19 de abril e 16 de maio de 1943, foi a revolta dos judeus do Gueto de Varsóvia contra a ocupação nazista. Liderado por figuras como Mordechai Anielewicz, da *Organização Judaica de Combate*, e outros líderes da resistência, o levante surgiu como uma às deportações para campos de extermínio. Os combatentes judeus, embora mal equipados, lutaram bravamente contra as forças nazistas, que estavam melhor armadas e preparadas. O levante resultou na destruição completa do gueto e na morte de quase todos os seus habitantes. Apesar de sua derrota, o levante se tornou um símbolo de resistência e coragem em face da opressão nazista.

3.4.2 Transcrição do documentário (traduzido do espanhol)

Emanuel Ringelblum.

Nascido em 1900, em Buczac (Buchach). Historiador, ativista social e político, figura pública. Emanuel Ringelblum foi ativo na ajuda mútua social e nas atividades políticas no gueto de Varsóvia. Fundou e organizou o arquivo clandestino Oyneg Shabes e registrou o destino dos judeus de Varsóvia e outras cidades sob ocupação nazista.

Durante os últimos três anos e meio de guerra, um arquivo foi estabelecido no gueto pelo grupo Oyneg Shabes. Este curioso nome deriva do fato de o grupo se reunir aos sábados e, por razões de sigilo, a instituição foi chamada de Oyneg Shabes.

Na sequência, se apresentam os escritos de Ringelblum no interior do gueto, centrando-se em sua atividade no arquivo Oyneg Shabes.

[Emanuel Ringelblum narra]: Comecei a coletar material sobre a vida cotidiano dos judeus poloneses em outubro de 1939, quando, como chefe da Sociedade Judaica de Autoajuda, estava em contato direto e diário com a vida nas imediações. “Eu recebia notícias do que estava acontecendo com os judeus de Varsóvia e à noite, anotava tudo o que havia ouvido durante o dia, acrescentando meus próprios comentários”.

A guerra produziu mudanças rápidas na vida judaica nas cidades da Polônia; cada dia era diferente do anterior. Portanto, era importante capturar cada evento no calor do momento quando ainda estava fresco e pulsante. Uma vida comunitária vibrante começou a se desenvolver em Varsóvia com leituras, palestras, reuniões comemorativas e concertos que ampliaram e aprofundaram o trabalho do Oyneg Shabes. Apesar das amplas dimensões desse trabalho, a necessidade de sigilo inevitavelmente restringiu o seu raio de ação.

[Menachen Kon]: “Considero um dever sagrado para todos registrar tudo o que viram ou ouviram dos outros sobre o que os alemães fizeram. Tudo deve ser registrado sem omitir um único fato. E quando chegar a hora, como certamente chegará, que o mundo saiba o que os assassinos fizeram, quando os enlutados escreverem, este será seu material mais importante”.

Em maio de 1940, Ringelblum considerou necessário organizar este trabalho altamente importante como um trabalho coletivo. Não apenas adultos, mas também jovens e, em alguns casos, até mesmo crianças, trabalharam para o Oyneg Shabes.

[ER]: Nosso objetivo era apresentar uma imagem fotograficamente verdadeira

e detalhada do que a população judaica teve que experimentar, pensar e sofrer.

O sábado em que o gueto foi fechado, 16 de novembro [1940], foi terrível. As pessoas na rua não sabiam que o gueto seria fechado, então foi como se um raio caísse. Unidade de guardas alemães, poloneses e judeus estavam em todos os cantos, revistando os transeuntes para decidir se tinham ou não o direito de passar.

[*Stalislaw Rózcki*]: “Entrei, cruzei a fronteira não apenas de um pátio residencial, mas de uma zona da realidade, porque o que vi e experimentei não pode ser compreendido por nossa razão, pensamentos ou imaginação”.

[*Peretz Opoczynski*]: “Enquanto escrevo estas linhas, mais ruas estão sendo tomadas, menos espaço, um laço mais apertado em torno de nossos pescoços. Seremos capazes de salvar a criança judia?”

[*Leyb Goldin*]: “O mundo está virando de cabeça para baixo, um planeta derrete em lágrimas e eu... estou com fome, com muita fome”.

Tanto material foi coletado que todos nós achamos que estava maduro o momento para um estudo dos vários problemas e fenômenos proeminentes da vida judaica. Chamamos coloquialmente esse plano de “*dois anos e meio*” [*referentes ao tempo da ocupação nazista*].

Muitos escritores já estavam em estágio avançado de trabalho quando um novo desastre desceu sobre Varsóvia. A grande deportação começou em 22 de julho de 1942 e marca um novo período na história da comunidade judaica de Varsóvia, afetando também a natureza do trabalho do *Oyneg Shabes*. Houve uma interrupção de vários meses em nossas atividades em um momento em que, a cada segundo, corria-se o risco de captura e deportação para Treblinka.

Não se podia pensar em coleta sistemática. Apenas um punhado de pessoas continuou a manter diários e registrar suas experiências diárias, mesmo durante as deportações.

[*Abraham Lewin*]: “Um judeu retornou à nossa oficina, que trabalhou como coveiro em Treblinka por nove ou onze dias antes de escapar pulando do vagão de trem. De acordo com o que ele disse, não apenas judeus de Varsóvia estão sendo exterminados em Treblinka, mas judeus de toda a Europa. Em nosso pátio, os judeus estão orando, elevando suas orações ao Criador”.

[*Israel Lichtenshtein*]: “Fui encarregado de ser o guardião do portão de acesso [do arquivo]. Escondi o material, só eu sabia. Conteí apenas ao meu amigo Hirsch Wasser, que é meu superior, onde está o local. Está bem escondido. Não peço

nenhum agradecimento, apenas ser lembrado é o que desejo, para que meu povo, meus irmãos e irmãs no exterior, saibam para onde meus ossos foram levados.

Varsóvia, 1º de março de 1944

[ER]: “Caros amigos, estamos escrevendo para vocês em um momento em que 95% dos judeus da Polônia já pereceram em sofrimentos horríveis nas câmaras de gás dos matadouros de Treblinka, Sobibor, Chełmno, Auschwitz ou foram assassinados nas inúmeras ações de liquidação em guetos e campos [*de concentração e extermínio*]. Talvez um punhado minúsculo de judeus possa sobreviver, aqueles que ainda vivem ilegalmente, em perigo constante. Algum de nós verá o fim da guerra? Duvidamos. Portanto, gostaríamos de contar a vocês, o mais brevemente possível, sobre nosso trabalho e atividades.

Os esforços intensivos de nossa equipe resultaram no acúmulo de mais de dez caixas de documentos particularmente valiosos: crônicas, diários, fotografias etc. Todos esses materiais foram enterrados no subsolo dentro do gueto”.

Em setembro de 1946, dez caixas de metal do arquivo Oyneg Shabes foram encontradas sob as ruínas de Varsóvia.

O arquivo Oyneg Shabes foi escondido no gueto em três etapas: primeiro em 3 de agosto de 1942, durante a grande deportação; outra parte em fevereiro de 1943 e, finalmente a terceira parte em abril de 1943, com o início do *Levante do Gueto de Varsóvia* [revolta organizada contra os nazistas).

As primeiras duas partes do arquivo enterradas em caixas de metal e latas de leite foram descobertas em 1946 e 1950, enquanto a terceira parte não foi encontrada, talvez tenha se perdido para sempre.

Ringelblum começou a organizar o arquivo sobre os judeus poloneses quando começou a Segunda Guerra Mundial, continuando incansavelmente até quando foi capturado em 7 de março de 1944.

Uma semana antes da sua captura escreveu a sua última carta ao mundo livre [*do nazismo*]. Uns dias mais tarde, Ringelblum e sua família foram fuzilados sob as ruínas do gueto.

O arquivo *Oyneg Shabes* segue sendo a maior coleção de documentos da comunidade judaica que detalhe o destino dos judeus sob o domínio nazista.

3.4.3 ATIVIDADES

1. Todos nós arquivamos, de alguma maneira, documentos, imagens e material sobre a nossa vida. Essas fontes nos ajudam a lembrar momentos vividos em família, com amigos, na escola, etc. Vocês têm algum tipo de arquivo? Por que eles são importantes?
2. Por que o interesse de Emanuel Ringelblum pelas fontes?
3. As fontes históricas (documentos oficiais e não-oficiais, fotografias, pinturas, testemunhos e outros vestígios) produzidas ao longo do tempo pela humanidade, são peças imprescindíveis à construção do conhecimento histórico, das identidades e memórias coletivas. O testemunho de alguém que “esteve lá”, “que viu”, “que vivenciou” o acontecimento, tem um lugar importante no rol das fontes históricas. Por que o testemunho é importante?
4. A *Crônica* foi escrita individualmente, mas se difere da escrita de um diário. A *Crônica* não reflete apenas a vivência individual ou sentimental, mas se baseia em outros depoimentos. Por que essa característica tem a ver com o trabalho (profissão) de Ringelblum?
5. A subjetividade e a sensibilidade emocional são características dos escritos memorialísticos e são elementos que devemos levar em conta quando usamos as fontes desse tipo na pesquisa histórica. Como é possível confirmar a veracidade/verossimilhança de uma narrativa testemunhal?

Em grupo, os alunos responderão as questões e apresentarão para os colegas.

3.5 TERCEIRO MOMENTO – O OYNEG SHABES

Nesta aula, vamos conhecer a grande realização de Emanuel Ringelblum e porque ela o transformou em uma figura crucial na preservação da memória e história da comunidade judaico-polonesa. A fonte principal desse estudo é o livro *Quem Escreverá a nossa história*, escrito pelo historiador Samuel D. Kassow e publicado em português em 2009 pela editora Companhia das Letras.

3.5.1 – Um Arquivo Secreto

A descoberta do arquivo *Oyneg Shabes* [documento 12 e 13] revelou uma fonte imprescindível para a compreensão da vida social e cultural dos judeus antes e durante a guerra, o sofrimento no gueto e a resistência durante a Shoá, cumprindo o objetivo traçado por Ringelblum.

Após analisarmos o contexto e a biografia de Ringelblum, vamos conhecer detalhes sobre o *Oyneg Shabes*, o arquivo secreto por ele organizado. Durante a aula, o professor explica os termos originários dos idiomas polonês, hebraico e ídiche utilizados por Ringelblum, que defendia o ídiche como um elemento essencial da identidade cultural e histórica dos judeus da Europa Oriental.

A organização de um arquivo em meio ao caos não era uma tarefa arriscada e muito difícil de se realizar sozinho, assim, Ringelblum reuniu um grupo de colaboradores e voluntários e traçou um plano para a coleta de material: buscar provas, depoimentos, entrevistas, artigos acadêmicos, imagens.

O legado de Emanuel Ringelblum é imensurável. Os documentos do *Oyneg Shabes* se constituem em uma das fontes historiográficas mais importantes e abrangentes sobre os judeus poloneses. Sua resiliência, esforço e dedicação são amplamente reconhecidos e celebrados, sendo lembrado como um herói da resistência.

O professor distribuiu os documentos de 12 a 22 para que, em grupo, os alunos leiam, discutam e respondam as atividades a seguir. Ao final, cada grupo apresenta a sua síntese de forma oral e escrita.

FIGURA 13/14

DESENTERRANDO OS ARQUIVOS

Figura 13: 1946: a primeira parte do arquivo é encontrada. Disponível em: <https://www.jhi.pl/en/articles/we-must-rescue-the-ringelblum-archive.392>. Acesso em 25 out de 2024.



Figura 14: Caixas de metal e latões de leite usados para acondicionar material arquivado. Disponível em: <https://aboutholocaust.org/pt/facts/o-que-era-o-arquivo-ringelblum-e-como-ele-foi-encontrado-escondido-em-latas-de-leite-apos-a-guerra>. Acesso em 15 out de 2024.

DOCUMENTO 2

PARA QUÊ UM ARQUIVO: O INÍCIO

(...) Ringelblum achava que seria possível organizar um arquivo clandestino para estudar a vida judaica sob a ocupação nazista e reunir documentação. Ele sabia desde o começo que isso teria de ser um trabalho coletivo. Nenhuma pessoa sozinha poderia sequer começar a pensar em entrevistar fontes, coletar documentos e garantir que o material ficasse escondido em segurança. Em 22 de novembro de 1940 ele convocou uma reunião que criou formalmente o arquivo. [A reunião aconteceu na casa dele na rua Lezno, 18].

Fonte: Ringelblum, E. Kosovim fun geto, 2:77 apud Quem escreverá a nossa história, p. 190

DOCUMENTO 3

OS COMPONENTES DO OYNEG SHABES

Os membros do Oyneg Shabes constituíam e continuam a constituir um corpo unido, imbuído do mesmo espírito. O Oyneg Shabes não é um grupo de pesquisadores competindo entre si, e sim um grupo unido, uma irmandade em que todos se ajudam mutuamente [...]. Cada membro do Oyneg Shabes sabia que seu esforço e sofrimento, sua labuta e trabalho, os riscos constantes que assumia na tarefa perigosa de transferir material de um lugar para outro – sabia que isso era feito em nome de um ideal elevado. [...] O Oyneg Shabes era uma irmandade, uma ordem de irmãos que escreveram em sua bandeira: disposição para o sacrifício, lealdade mútua e serviço à [sociedade judaicas].

Fonte: Ringelblum, Ksiovim fun geto, 2:101-2 apud Kassow, Samuel D. Quem Escreverá a Nossa História?, p. 186-187.

DOCUMENTO 4

O TESTEMUNHO E A VOZ DOS VENCIDOS

Tudo depende de quem transmite nosso testamento às gerações futuras, de quem escreve a história deste período. A história costuma ser escrita pelos vencedores. O que sabemos sobre os povos assassinados é apenas o que os assassinos se vangloriaram em dizer sobre si. Se nossos assassinos vencerem, se forem eles a escrever a história desta guerra, nossa destruição será apresentada como uma das mais belas páginas da história mundial, e as gerações futuras lhes renderão tributo como valorosos cruzados. Todas as suas palavras serão tomadas por verdade. Ou eles podem extinguir totalmente nossa memória, como se nunca tivéssemos existido, como se jamais tivesse existido um judaísmo polonês, um gueto em Varsóvia, um Maidanek. Nem sequer um cachorro uivará por nós. (*Isaac Schiper, verão de 1943*)

Fonte: Alessandro Donat, The Holocaust Kingdom, p. 211; cit. Em Alvim Rosenfield, A Double dying, Indiana University Press, 1980, p. 37-8 apud Kassow, Samuel D. Quem Escreverá a Nossa História, p. 262)

DOCUMENTO 5

OUTROS ARQUIVOS SECRETOS

A ORIGINALIDADE DO OYNEG SHABES

O Arquivo Oyneg Shabes foi o maior arquivo secreto na Polônia sob ocupação nazista, mas não era o único. No Gueto de Vilna, bibliotecários e escritores judeus — por exemplo Herman Kruk, Avrom Sutzkever e Shmerke Kaczerginski — reuniram e enterraram livros e documentos.⁴ No Gueto de Białystok, um jovem líder da resistência, Mordecai Tenenbaum, que quase certamente tivera conhecimento do Oyneg Shabes durante um breve período de permanência no Gueto de Varsóvia, montou um arquivo no gueto e o incorporou à organização clandestina judaica.⁵ No Gueto de Lodz, o presidente do Conselho Judaico, Chaim Rumkowski, criou um arquivo como departamento específico dentro da administração do gueto — e parece ter feito vista grossa quando o setor se tornou um grande centro de depoimentos e documentação.⁶ Havia também um arquivo secreto no Gueto de Kovno, atuando em proximidade com o Judenrat.

**Vilna, Białystok, Lodz, Kovno: cidades polonesas. Fonte: Kassow, Samuel D. Quem Escreverá a Nossa História. São Paulo; Companhia das Letras, 2009, p. 263.*

DOCUMENTO 6

AS FONTES ARQUIVADAS

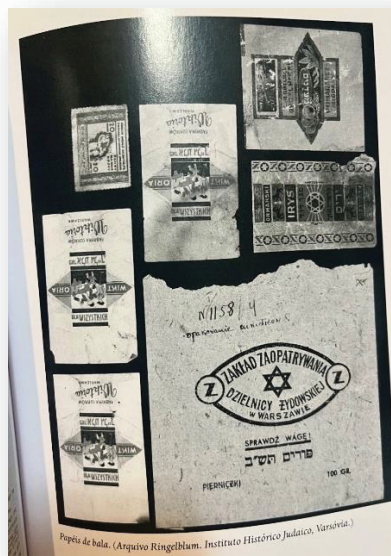
O amplo e ambicioso programa de Ringelblum para o Oyneg Shabes ultrapassava a proposta e a abrangência dos demais arquivos. Com o tempo, esse programa veio a incluir a coleta de objetos e documentos, o estudo da sociedade judaica, a compilação de depoimentos individuais, a documentação dos crimes alemães e o alerta ao mundo sobre o genocídio praticado pelos alemães. Esses objetivos muitas vezes se sobrepunham, e trabalhava-se neles simultaneamente.

O Arquivo Oyneg Shabes reunia textos e objetos: a imprensa clandestina, cartões de racionamento, cartazes de teatro, convites para palestras e concertos. Tinha cópias dos complicados códigos das campanhas nos apartamentos que abrigavam dezenas de moradores. Havia cardápios de restaurantes anunciando ganso assado e vinhos finos, e um informe sucinto sobre uma mãe quase morren-

Fonte: Kassow, Samuel D. Quem Escreverá a Nossa História. São Paulo; Companhia das Letras, 2009, p. 265

FIGURA 15

AS FONTES ARQUIVADAS – RÓTULOS DE ALIMENTOS



O Oyneg Shabes arquivou fontes variadas. Imagem extraída de KASSOW, Samuel D. – Quem escreverá a nossa História? Os arquivos secretos do gueto de Varsóvia. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DOCUMENTO 7

O GUETO

Em 12 de outubro de 1940, o Dia da Reconciliação judaica, os alemães informaram à comunidade judaica de Varsóvia que os judeus teriam mal e mal duas semanas para se mudar para um gueto lotado, que incluía alguns dos bairros mais pobres de Varsóvia. (Os nazistas, por fim, estenderam o prazo até 15 de novembro.) Durante semanas os judeus viveram numa incerteza angustiante sobre os limites do gueto; alguns gastaram tudo o que tinham para comprar apartamento no novo gueto, e depois descobriram que o imóvel ficava na rua errada. As barganhas a respeito dos limites do gueto ilustravam magnificamente a política alemã de “dividir para reinar”: poloneses e judeus brigavam para ganhar o máximo espaço possível para suas respectivas comunidades. O gueto efetivo sofria com uma densidade populacional de quase 80 mil habitantes por quilômetro quadrado; 30% dos habitantes de Varsóvia tinham de se apinhar em 2,4% da área da cidade.⁶⁰ O número oficial da população do gueto variava: 380 740 em janeiro de 1941; 431 874 em julho de 1941; cerca de 400 mil em maio de 1942. A fome e a doença levaram cerca de 100 mil pessoas entre o início da guerra e o mês de julho de 1942. Apenas no ano de 1941, 10% da população do gueto — 43 mil pessoas — morreu.⁶¹ No mesmo período — de novembro de 1940 a julho de 1942 —, os alemães empurraram para o gueto mais de 150 mil refugiados.

* **Dia da Reconciliação Judaica** se refere Yom Kippur é o dia mais sagrado do calendário judaico e é central para o tema da reconciliação. Celebrado no 10º dia do mês de Tishrei, ele marca o encerramento dos “Dez Dias de Arrependimento” que começam com Rosh Hashaná (o Ano Novo Judaico). Fonte: Kassow, Samuel D. *Quem Escreverá a Nossa História*. Companhia das Letras: São Paulo, 2009, p. 142

DOCUMENTO 8

ENTERRANDO O ARQUIVO

Lichtenstein era o encarregado da "seção técnica" do Oyneg Shabes. Desde o começo da organização, apenas ele conhecia a localização física dos escritos e documentos. Ringelblum tinha tomado um grande cuidado para garantir que o segredo ficasse a salvo, caso ele ou outros diretores do arquivo caíssem em mãos alemãs.

Lichtenstein recrutou dois jovens integrantes do movimento — David Graber e Nahum Grzywacz — para ajudá-lo. Correndo contra o tempo para enterrar o arquivo — quem sabia quando os assassinos iriam aparecer? —, eles escreveram suas últimas mensagens para as gerações futuras. Eis o que Graber, de dezenove anos de idade, queria que o mundo lembrasse:

O que não podemos gritar e bradar ao mundo enterramos no chão. [...] Gostaria de ver o momento em que o grande tesouro será desenterrado e anunciará a verdade ao mundo. Então possa o mundo saber tudo. Então possam se alegrar os que não sobreviveram, e possamos nos sentir como veteranos com a medalha no peito. Seremos os pais, os mestres e educadores do futuro. [...] Mas não, certamente não viveremos para ver, e por isso escrevo meu último desejo. Que o tesouro caia em boas mãos, que perdure até tempos melhores, que previna e alerte o mundo sobre o que aconteceu [...] no século xx. [...] Agora podemos morrer em paz. Cumprimos nossa missão. Que a história seja testemunha.⁸

Fonte: KASSOW, Samuel D. *Quem Escreverá a Nossa História*. Companhia das Letras: São Paulo, 2009, p. 19.

DOCUMENTO 9

OYNEG SHABES DENUNCIA AO MUNDO O GENOCÍDIO

Ringelblum se permitiu certo otimismo de que o trabalho do Oyneg Shabes teria frutificado no noticiário da BBC e poderia até ter salvado os remanescentes do judaísmo polonês:

O Oyneg Shabes cumpriu uma grande missão histórica [ao enviar essa informação]. Alertou o mundo sobre nosso destino e talvez tenha salvado centenas de milhares de judeus poloneses do extermínio. O futuro próximo mostrará se essas esperanças [de salvação] se concretizarão.

Não sei quem de nosso grupo continuará vivo — quem estará fadado a viver para trabalhar sobre o material coletado. Mas uma coisa é clara para todos nós; nosso esforço, nossa labuta e nossa dedicação não foram em vão. Desferimos um golpe no inimigo. Mesmo que [a notícia não surta efeito], uma coisa sabemos: cumprimos nosso dever. Superamos todos os obstáculos e barreiras, e realizamos o que nos propusemos. Mesmo nossa morte não será tão desprovida de sentido quanto as mortes de dezenas de milhares de outros judeus; pelo menos [morreremos] sabendo que atingimos o inimigo. Desmascaramos seu plano diabólico de destruir o judaísmo polonês, o que ele pretendia fazer em segredo. Atrapalhamos seus planos e mostramos suas cartas. E se a Inglaterra mantiver sua palavra e concretizar suas ameaças [...] então talvez, afinal, sejamos salvos.

**BBC (British Broadcasting Corporation) é uma emissora de serviço público sediada no Reino Unido, fundada em 1922, é uma das organizações de radiodifusão mais antigas e respeitadas do mundo. Durante a Segunda Guerra Mundial, a BBC desempenhou um papel importante como fonte de informação e propaganda, tanto para o público britânico quanto para os ouvintes internacionais. Fonte: KASSOW, Samuel D. Quem Escreverá a Nossa História. tradução Denise Bottman. Companhia das Letras: São Paulo, 2009, p. 364.*

DOCUMENTO 10

OYNEG SHABES - O ARQUIVO SECRETO

18 de setembro de 1946. Depois de semanas de planos e preparativos, a equipe de busca finalmente começou a cavar sob os escombros do edifício que ficava na Nowolipki 658, entre as ruínas do antigo Gueto de Varsóvia. Procuravam o Arquivo Oyneg Shabes, ali enterrado. Não era um trabalho fácil. No Gueto de Varsóvia, o Oyneg Shabes — coordenado pelo historiador Emanuel Ringelblum — envolveu o trabalho de dezenas de pessoas que documentaram e registraram a vida judaica durante a ocupação nazista. Mas essa “sociedade religiosa” secreta, como Ringelblum denominava o Oyneg Shabes, teve o mesmo triste destino do judaísmo de Varsóvia.

Fonte: KASSOW, Samuel D. Quem Escreverá nossa História? Os Arquivos Secretos do Gueto de Varsóvia; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 17.

3.5.2 ATIVIDADES

1. O professor distribui a cada grupo as fontes [*documentos 12 a 22*].
2. Emanuel Ringelblum utilizou o seu conhecimento e experiência de pesquisa para organizar um arquivo de documentos. Como é possível identificar a experiência historiográfica de Ringelblum na organização do arquivo?
3. O *Oyneg Shabes* foi encontrado sob os escombros de Varsóvia. Os documentos 12 e 13 dão uma noção do significado disso. Por que foi necessário enterrar os arquivos?
4. Antes de morrer, Ringelblum escreveu que o *Oyneg Shabes* havia cumprido “a sua missão histórica”. Qual o significado disso para ele?
5. Os alunos escrevem um texto resumindo questões relativas ao *Oyneg Shabes* – como surgiu, quais as motivações e objetivos, os componentes, como o arquivo de fontes foi protegido, armazenado e descoberto.
6. Ao final da aula, os grupos apresentam suas conclusões e as compartilham em debate. O professor comenta sobre o trabalho dos historiadores, como é possível estudar (desvendar) o passado através de fontes como a que Ringelblum armazenou e as lições do seu legado para o presente.

3.6 QUARTO MOMENTO - A CRÔNICA DO GUETO DE VARSÓVIA

Antes de iniciar o trabalho com os excertos de *Crônica*, é importante o professor retomar o diálogo sobre as fontes memorialísticas e outras fontes utilizadas pelos historiadores. Para instigar o debate alguém na sala tem ou já teve um diário pessoal e pede para contar a experiência. Vale lembrar que as postagens nas redes sociais são “arquivos” que construímos a partir de situações e vivências que nos dizem respeito. O professor explica sobre o uso e os “cuidados” - método, verificação da autenticidade, interpretação e compreensão das subjetividades - que os historiadores tomam ao trabalhar com fontes dessa natureza.

No século passado a escrita de diários era muito praticada e uma tradição entre os membros da comunidade judaica. Anne Frank, por exemplo, recebeu um *caderno-diário* como presente de aniversário e nele registrará o dia-a-dia no esconderijo.

A *Crônica do Gueto de Varsóvia* foi escrita por Emanuel Ringelblum durante

os anos da ocupação alemã, usando as técnicas de pesquisa e organização de arquivos de sua experiência como historiador. Os originais da *Crônica* foram encontrados entre os documentos arquivados no arquivo secreto – o *Oyneg Shabes*.

Nesta aula, vamos conhecer e analisar alguns trechos da *Crônica* e verificar como Ringelblum relata os acontecimentos e inscreve o testemunho dos vencidos [documento 23].

DOCUMENTO 11

ESCREVER A NOSSA HISTÓRIA

Pouco antes da invasão alemã da Polônia, ele [Emanuel Ringelblum] deu início a um diário. Este diário revelava pouquíssimo de suas emoções pessoais e praticamente nada sobre sua família. No primeiro ano da guerra, em particular, o diário reunia notas e apontamentos avulsos de um historiador que planejava escrever uma grande obra após a guerra. De dia Ringelblum ouvia incontáveis histórias das centenas de pessoas que passavam pelos escritórios do *Aleynhilf* (*); à noite, as registrava no diário.

Fonte: KASSOW, Samuel D. *Quem Escreverá nossa História? Os Arquivos Secretos do Gueto de Varsóvia*; tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p.. 190

* *Aleynhilf* foi uma organização de assistência social judaica estabelecida no Gueto de Varsóvia durante a ocupação nazista da Polônia na Segunda Guerra Mundial. O nome *Aleynhilf* significa "autoajuda" em ídiche, refletindo seu objetivo de fornecer suporte humanitário à população judaica em condições extremas de fome, doenças e repressão.

3.6.1 TEXTO DE APOIO IV

SOBRE A FONTE

Como gênero textual, uma crônica tem semelhanças, mas guarda diferenças significativas de um diário pessoal; os registros são feitos em ordem cronológica, mas não representam apenas as suas observações e impressões pessoais (inclusive escreve muito pouco de si), incluindo as informações que lhe chegavam e que buscava em campo no contato com pessoas comuns, trabalhadores e intelectuais. A *Crônica* do gueto de Varsóvia foi escrita, em sua maior parte, nos idiomas *ídiche*, *polonês* e no *hebraico* em alguns trechos. Ringelblum era fluente no alemão, mas usar este idioma em um documento secreto (proibido) era um risco que, certamente, sabia que não poderia correr [documento 23].

A primeira versão da *Crônica* em inglês foi publicada em 1958; da segunda versão foi traduzida para o português pela Editora Moraes em 1964, a versão que utilizamos nesse trabalho [documento 24]. O editor destaca que se trata da tradução

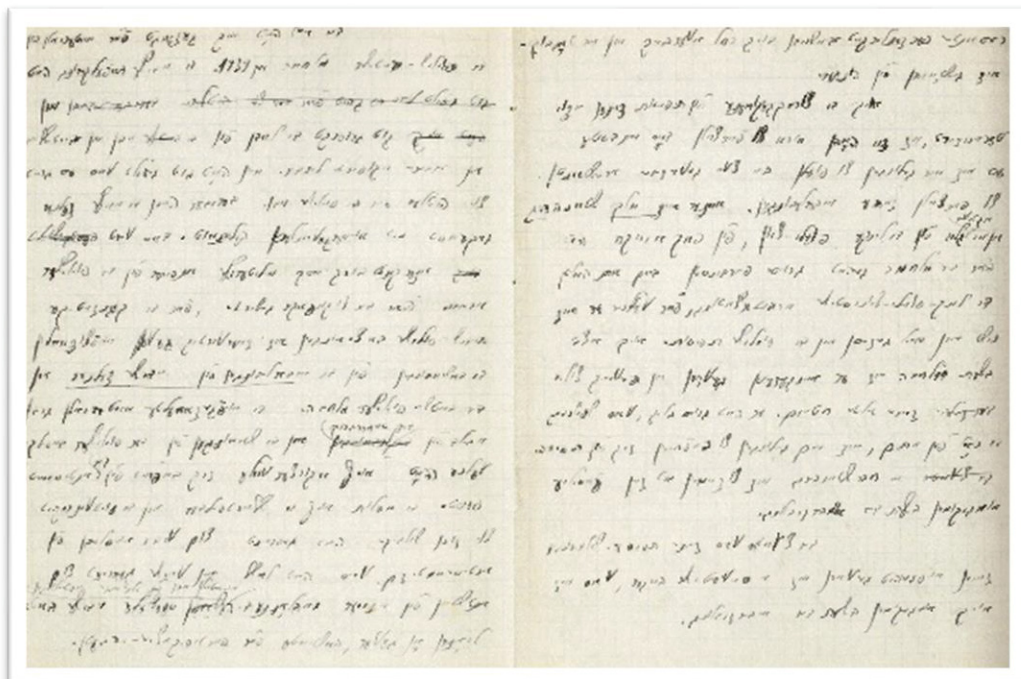
da “segunda versão, estabelecida e apresentada por Jacob Sloan”. Apesar de ser plenamente compreensíveis, alguns termos em português de Portugal precisam ser explicados aos estudantes.

Para o trabalho com a fonte, optamos em manter o formato estabelecido pelo editor, que dividiu a narrativa em quatro partes: 1. Antes do Gueto [documentos de 25 a 31]; 2. A criação do gueto [documentos de 32 a 51]; 3. O fim do gueto [documentos de 51 a 57]; e 4. Posfácio escrito pelo editor [documento 58].

O professor distribui as três primeiras partes a cada grupo com as perguntas e o Posfácio a todos os grupos para o debate na aula de conclusão.

FIGURA 16

CRÔNICA ESCRITA EM ÍDICHE



Trecho da Crônica do Gueto de Varsóvia escrito em ídiche. Disponível em: www.wikimedia.org / Public Domain. Acesso em 9 dez 2024.

FIGURA 17

O EXEMPLAR EM PORTUGUÊS



Capa da Crónica do Ghetto de Varsóvia, Livraria Morais, Lisboa, 1964.

3.6.2 PARTE I: ANTES DO GUETO

DOCUMENTO 12

Cinco meses após a invasão nazista: mortes e destruição

Janeiro de 1940

A mortalidade entre os judeus de Varsóvia é terrível. Cinquenta a setenta mortes por dia. Antes da guerra, a média era de dez. A taxa dos enterros foi fixada em 50 zlotys em Varsóvia e em 100 nos arredores de Praga. Em Radom, queimaram a sinagoga, bem como o prédio do Conselho Judaico. O mesmo aconteceu em Torun, onde se encontram 1.000 judeus deportados de Lodz. 6.000-7.000 judeus de Kalisz, Lodz e da Alta Silésia foram deportados para Rajsze. Os *Donos e Senhores* ⁽¹⁾ não são maus de todo. Se se «untarem as patas» que convém, consegue-se sempre safar. Em Torun, onde foram mortos soldados polacos, deram ordens aos judeus para os enterrarem. À parte isto, recusam-se a dar-lhes trabalho. Dois judeus passavam em (...); dois *donos e senhores* saíram de um automóvel e obrigaram um dos judeus a entrar no carro aos gritos de «seu safado!». Nada se sabe sobre o judeu. Esta noite, o Dr. Koupermann foi morto; saíra depois das oito horas da noite. Tinha uma licença para circular. Um operário judeu do batalhão de trabalho foi morto em Praga.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 32

**Dr. Samuel Koupermann* (final do século XIX-1943) médico judeu que viveu em Varsóvia, Polónia, durante o período da Segunda Guerra Mundial, onde trabalhou incansavelmente para ajudar os doentes e necessitados em condições extremamente difíceis. Morreu no campo de concentração de Treblinka. **Sinagoga*: é um local de culto e reunião para a comunidade judaica. Ela serve como um espaço central para a prática religiosa, estudo e vida comunitária no judaísmo.

DOCUMENTO 13

O CONFINAMENTO

Ringelblum escreve a *Crônica* como uma carta ao “Querido Pai” ou aos “Caros amigos” a fim de despistar a censura nazista e revela o tratamento extremamente violento dos nazistas, que se apropriam dos bens e submetem os judeus (e poloneses) a todo tipo de humilhação e sevícias. Uma sucessão de decretos piora a condição econômica e social dos habitantes.

JANEIRO DE 1940

família de refugiados. — Decreto (2 de Janeiro): interdição de publicar anúncios de mortes. Serão punidos os que os imprimirem: o culpado deve ser entregue às autoridades. As coisas vão mal; mesmo num asilo de alienados perto daqui. Os decretos seguem-se uns aos outros: sobre a confiscação de móveis, assim como dos utensílios de cozinha, etc. Em Naleczow os doidos foram expulsos do asilo e as crianças foram embarcadas em vagons conduzidos a (...)

num estado lamentável. — Hoje, 5, um novo decreto estipula que os judeus não podem sair das suas residências sem autorização das autoridades. É-lhes proibido encontrarem-se nas ruas entre as nove horas da noite e as cinco horas da manhã...

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 35-36.

DOCUMENTO 14

O MEDO

Os judeus são progressivamente isolados em um bairro de Varsóvia e as atividades comunitárias são interrompidas. Hitler discursa sobre a “culpa dos judeus” pela guerra e promete o extermínio...*

JANEIRO DE 1940

As actividades comunitárias cessaram por completo. Cada um se ocupa, antes de mais nada e sobretudo, de si mesmo. Temos medo de sair à rua, pois uma patrulha pode-nos prender e mandar-nos para o trabalho forçado. As palavras que alguém [Hitler] proferiu dizendo que a próxima guerra mundial (...) veria o fim do povo judeu, são citadas frequentemente. Parece que esta profecia está em vias de se realizar, pois ninguém vê perspectivas de melhores tempos. A esperança posta um dia nos batalhões de (...) petições desvaneceu-se completamente.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Guetto de Varsóvia*, Livraria Moraes, Lisboa, 1964, p. 34.

* Adolf Hitler repetiu várias vezes em seu discurso antissemita que os judeus eram os responsáveis e seriam exterminados caso a guerra tivesse início. Ringelblum se refere, provavelmente, ao discurso de Hitler proferido no Parlamento Alemão (Reichstag) no dia 30 de janeiro de 1939, nove meses antes do início da Segunda Guerra Mundial.

**“Atividades comunitárias”: Ringelblum se refere às ações de apoio aos judeus no gueto (refeitório públicas, escolas clandestinas, apoio mútuo) organizadas por instituições como a Aleynhilf, JDC e o Poalei Sion.

DOCUMENTO 15

O TRABALHO FORÇADO

Os nazistas instituem guetos em toda a Polônia com o objetivo de facilitar a deportação para os campos de extermínio ou para o trabalho forçado. Ringelblum aponta uma uniformidade das ações nazistas, fazendo referência a várias cidades onde a ação se repete.

FEVEREIRO DE 1940

Meus queridos pais,

Hoje contaram-me o que se passou em Rzeszow. Aí as relações entre alemães e judeus eram boas... mas, na semana em questão, os judeus não cumpriram com a sua quota: em vez de 120 trabalhadores, não apresentaram senão 110. Por causa disto, prenderam os mais velhos dos judeus e fuzilaram-nos na praça do mercado. Os oficiais ficaram furiosos com os soldados por o terem feito. Esta ambivalência pode ser constatada em muitos dos aspectos da vida dos judeus na Polónia. Segundo o jornal de Lodz, o Conselho Judaico desta cidade é o responsável pelo «transporte», isto é, pelas deportações dos judeus de Lodz. Em Varsóvia empregam-nos em diversos trabalhos. Frequentes vezes os judeus fazem a comparação com Ramsés e Pathom, do Egipto bíblico. Julgam que os farão construir um canal do Báltico ao Mar Negro. De todas as partes virá gente para contemplar estes imensos trabalhos... — Os polícias polacos já só aceitam «macaronis» [dólares]. A cotação dos dólares está

Fonte: Ringelblum, Emanuel. Crónica do Guetto de Varsóvia. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 39.

DOCUMENTO 16

O CARTÃO AMARELO COM A PALAVRA JUDEU E O QUE AS CRIANÇAS
DIZEM

FEVEREIRO DE 1940

Na ordem do dia estão de novo os campos de trabalho. Para a inscrição, utilizam-se cartões amarelos com a palavra *Jude* em grandes letras. Oficialmente estes cartões custam 5 groch; nas ruas vendem-se por 10. Segundo [meu filho] Uri, as crianças dizem entre si: «Os velhos serão fuzilados, os adultos enviados para os campos, e as crianças serão baptizadas e colocadas em famílias cristãs». Existem diversos meios de sair de Varsóvia. Uns querem sair de Varsóvia para se estabelecerem numa cidade do Reich, onde não existem campos de trabalho. Outros decidiram não se registar. Outros ainda pensam que a situação não é tão trágica como isso.

Um decreto do dia 2 de Fevereiro obriga os judeus a declararem os seus bens. Julga-se que se trata de uma nova tentativa para nos extorquir o que possuímos. Em casa de Szymek, encontrei o médico [cristão] que fala *yiddich* e um pouco de hebreu («nada de novo sob o sol»). O seu bar-

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 40.

DOCUMENTO 17

A DESESPERANÇA COM O AVANÇO DAS FORÇAS NAZISTAS NA EUROPA OCIDENTAL**16 de Maio**

As vitórias alemãs na frente ocidental causaram grande impressão. Invade-nos uma profunda melancolia. Conheço um médico que tem preparado um frasco de veneno para o caso de uma vitória alemã completa. As pessoas contam que a vitória alemã é devida aos aviões alemães, que se transformam em carros de assalto quando aterram. Segundo uma outra versão, os alemães possuem uma bomba especial que envolve os paraquedistas numa espécie de halo, de modo a transformá-los em anjos, nos quais nenhuma bala consegue tocar. Falaram-me de um *homem forte* em Wlodawa,

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 64.

DOCUMENTO 18

NAZISTAS PREPARAM O FECHAMENTO GUETO

24-29 DE SETEMBRO DE 1940

Fala-se na construção de um *ghetto* na prisão da Rua Pawia, a fim de concentrar todos os judeus num só sítio. — No dia 24 de Setembro foi publicado um decreto ordenando aos judeus que viajassem em vagonos especiais. — Em Varsóvia não se falava ontem noutra coisa, além do armistício. Os cínicos dizem: «Eis o que aconteceu. Na Rua Nowolipki tiram as portas. Os judeus foram obrigados a fazer esse trabalho. Estes judeus compraram os guardas que deixaram de os vigiar e foram beber para um bar judeu. Eis o vosso armistício!» — Dois gémeos nasceram na Alemanha; um chamado Horowitz [Hitler], e outro Moisés Ber [Mussolini]. Confundiram-nos quando tomavam banho; ninguém mais soube qual era Horowitz e qual Moisés Ber. Pediram conselho a um judeu que passava. «O primeiro que fizer nas fraldas é Moisés Ber...»

Hoje, 25 de Setembro, boatos persistentes sobre a criação do *ghetto*, e mal-estar geral entre a população judaica. Houve novas expulsões de judeus que viviam em casas situadas fora do «bairro das epidemias» que está de

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 79.

ATIVIDADES

- 1) Os alemães invadiram a Polónia em 1º de setembro de 1939. Em seus primeiros registros como Ringelblum descreve a situação dos judeus na Polónia ocupada?
- 2) A quem ele se refere quando cita os “Donos e Senhores”, por que usa essa expressão e não o nome dos algozes?
- 3) Como ele resume o “estado de espírito” dos judeus e o tratamento dos alemães?

- 4) Ringelblum se refere a boatos e, em tom irônico, se refere aos “gêmeos”, Hitler e Mussolini. O que significa essa comparação?
- 5) O que significou para os judeus a criação do gueto e como eles reagiam a essa possibilidade?
- 6) Que situações de discriminação e intolerância contra os judeus e *não-arianos*, Ringelblum relaciona.

3.6.3 PARTE II – A CRIAÇÃO DO GUETO

DOCUMENTO 19

COM A CONSTRUÇÃO DE UM MURO DE TRÊS METROS DE ALTURA, NO PERÍMETRO DE 18 KM, CERCANDO UMA ÁREA DE APROXIMADAMENTE 3,4 KM², OFICIALMENTE O GUETO DE VARSÓVIA FOI FECHADO DIA 16 DE NOVEMBRO DE 1940.

8 DE NOVEMBRO DE 1940

O *ghetto* é muito mais duro nos nossos tempos do que na Idade Média, porque desta vez caímos de muito alto. Exortam-nos agora a desenvolver uma vida comunitária rica e intensa, igualar os impostos, pôr taxas a favor de instituições caritativas, sobre os vestidos de luxo, sedas e casamentos. — Com uma pressa febril, rodeia-se o *ghetto* de muros. Tornou-se difícil ir da Rua Leszno à Rua Grybowska. Nas Rua Solna e Ciepla há uma tal multidão que é quase impossível passar-se.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 108.

***Guetos:** A origem dos guetos na Europa está ligada à história de segregação e perseguição das comunidades judaicas ao longo dos séculos. Surgiu no século XIII e foram reintroduzidos pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial.

DOCUMENTO 20

A REAÇÃO DAS PESSOAS AO FECHAMENTO DO GUETO**19-20 DE NOVEMBRO DE 1940**

Meu caro,

O *ghetto* foi instituído neste sábado [16 de Novembro]. O dia foi terrível. As pessoas não sabiam que íamos ter um *ghetto* fechado; foi como uma bomba. Em todas as esquinas se encontravam patrulhas de polícias alemães, polacos e judeus que verificavam os transeuntes para ver se estes tinham ou não direito de circular. Às mulheres não lhes era permitido fazerem as suas compras nos mercados instalados fora do *ghetto*. Faltou imediatamente o pão e outros alimentos. Assistimos desde então a uma verdadeira orgia de preços. Formam-se longas bichas diante de qualquer estabelecimento de alimentação; numerosos produtos desapareceram já nesta altura. — Não existe comunicação entre a Rua Leszno e a Rua Twarda. É necessário passar-se pela Rua Zelazna. — As lojas judias no bairro ariano tiveram de ser fechadas para se evitar a pilhagem. — Nem

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 112.

* *Bichas* no português de Portugal significa filas

DOCUMENTO 21

A SOBREVIVÊNCIA NO GUETO: ROTINA DE VIOLÊNCIA E HUMILHAÇÕES E AS NOTÍCIAS SOBRE OS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO E EXTERMÍNIO**DEZEMBRO DE 1940**

vêm fazer inspecções ao *ghetto*. — Ontem, um militar saiu dum automóvel e bateu num rapaz com uma barra de ferro. O rapaz morreu. — Na rua Grzybowska houve um massacre. Os Outros embebedaram-se e atacaram todos os transeuntes judeus. Fala-se de um morto e de uma centena de feridos. — Todos os dias chegam notícias sobre a morte dos deportados para Auschwitz. As pessoas têm de fazer todos os dias três horas de exercícios de ginástica, e são seguidamente regadas com água, o que provoca pneumonias e a morte. Receberam-se postais, descrevendo a situação; as pessoas estão fartas e só desejam morrer.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 134.

***Auschwitz**, foi o maior e mais infame complexo de campos de concentração e extermínio operado pela Alemanha nazista, localizado na Polónia ocupada, próximo à cidade de Oświęcim, tornou-se um símbolo do genocídio de seis milhões de judeus, além de outras vítimas, como ciganos, prisioneiros políticos, homossexuais e pessoas com deficiência.

* **"Os Outros"**: Ringelblum se refere aos nazistas

DOCUMENTO 22

O CONTRABANDO COMO RESISTÊNCIA A FALTA DE COMIDA E A FOME**17 DE DEZEMBRO DE 1940**

sivamente. — Um transeunte, elegantemente vestido, com um chapéu de coco, foi posto na berlinda no cruzamento Leszno-Zelazna. Não quis tirar o seu chapéu. Bateram-lhe, e deitaram o chapéu para o meio do chão; mas ele recusou baixar-se para o apanhar. — Eis como actuam certos contrabandistas: dois camiões estacionam dos dois lados da linha de demarcação ao pé do mercado: um camião judeu com vasilhas de leite vazias, e um camião ariano com vasilhas cheias. Aproveitam um momento de distração dos guardas, fazem a troca e os camiões seguem.

Hoje, 17 de Dezembro, está muito frio: 14° negativos, e não há carvão. O carvão custa 1000 *zlotys* a tonelada. — No cruzamento Leszno-Zelazna o jogo de deitar por cima do Muro o pão roubado aos judeus continua. O contrabando continua também. Diz-se que a base de operações se encontra numa cave debaixo dum pátio da rua Leszno. Os judeus entram por esse pátio e os polacos têm acesso pelo outro lado. As transacções são dirigidas por certos polícias alemães. Nestes últimos dias entraram no *ghetto* grandes quantidades de trigo, que será moído no moinhos [clandestinos] do *ghetto*. — Ontem, o rabino de P...

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 136.

* *Chapéu de coco* é um tipo de chapéu tradicional, também conhecido como "cartola" ou "chapéu alto".

* O *zloty* (símbolo: zł, código: PLN) é a moeda oficial da Polónia. O nome "zloty" significa "dourado" em polonês, uma referência às moedas de ouro que circulavam no país séculos atrás. Actualmente, a Polónia embora membro da União Europeia desde 2004, mas ainda não adotou o euro como moeda oficial. O *zloty* continua sendo a moeda nacional.

DOCUMENTO 23

A VIOLÊNCIA É COMETIDA CONTRA TODOS - CRIANÇAS, MULHERES E IDOSOS**DEZEMBRO DE 1940**

Hoje, 24 de Dezembro, houve uma nova agressão na rua Leszno. Um camião carregado de «Caveiras» apareceu, os soldados desceram, e houve logo um pânico terrível. Alguns judeus ficaram onde estavam e tiraram os chapéus. A estes não lhes bateram, mas os que fugiam foram perseguidos e horrivelmente espancados. Um judeu foi deitado ao chão, e espezinhado até deitar sangue. Outra agressão na rua Karmelicka: homens, mulheres e crianças foram batidos sem distinção. Uma mulher passava no passeio acompanhada do seu filho: o pequeno apanhou uma tal pancada na cabeça que caiu no chão. É característico que as pessoas que não faziam mais do que olhar para o que se passava, gritavam e berravam histéricamente. — Os Treze fazem de novo esforços para chamarem a si personalidades respeitadas por todas as tendências. Entregam-se a um verdadeiro recrutamento. Mas não conseguirão nada. Diz-se que aquele que aceita um lugar deles não poderá nunca mais largá-los.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 140.

*Caveiras: Ringelblum se refere a soldados da SS (Schutzstaffel) e o Totenkopf (caveira) símbolos associados ao regime nazista na Alemanha durante o período do Terceiro Reich (1933-1945), responsáveis pela prisão e extermínio de judeus.

** "Os Treze": como era chamado um grupo de colaboradores dos nazistas no gueto de Varsóvia.

DOCUMENTO 24

INFORMAÇÕES SOBRE OUTROS GUETOS DA POLÔNIA E A SITUAÇÃO DAS CRIANÇAS**JANEIRO DE 1941**

Hoje, 5 de Janeiro, falaram-me do *ghetto* de Lodz. As pessoas têm um aspecto de mendigos, estão esfomeadas e com as costas encurvadas; recebem-se lá numerosas cartas anunciando a morte de amigos e de parentes [que estão nos campos de trabalho]. — Encontrei na rua Mandeltort um antigo industrial de Lodz. Andava com as costas dobradas, apoiado sobre uma bengala, como um mendigo. — Diz-se que Rumkowski ordenou a toda a população do *ghetto* de Lodz que lhe entregasse todas as peles, sob pena de prisão. As pessoas de Lodz vendem as peles por um vintém. Pede-se, por exemplo, 50 marcos por uma pele que poderia ser vendida em Varsóvia por 1000 *zlotys*. — Nas ruas vêem-se nestes últimos dias bandos de crianças mendigar em farrapos. Quando se desce a rua Leszno, encontram-se a cada passo pessoas estendidas no passeio, transidas de frio, a pedir esmola. — Na rua Marszalkowska, do Lado Ariano, vi casos deste género. — Diz-se que Ganzweich está formando uma associação cultural, com a ajuda de Samuel Stupnicki e de Isaac Katzenelson.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 145.

* Ganzweich (ou Ganzweich Szaja) foi uma figura controversa no Gueto de Varsóvia, líder de um grupo chamado Grupo Treze (ou "Trzynastka"), que colaborou com os nazistas em troca de privilégios.

* Samuel Stupnicki foi um médico que trabalhou no Gueto de Varsóvia, morto durante o Levante do Gueto em 1943.

* Isaac Katzenelson foi um poeta, escritor e educador judeu, conhecido por suas obras literárias que documentaram a vida no Gueto de Varsóvia, morto em Auschwitz.

DOCUMENTO 25

UMA CENA ROTINEIRA NO GUETO E OS REGISTROS DE MEMÓRIA**FEVEREIRO DE 1941**

Os mendigos exercem a sua profissão de diferentes maneiras. O cantor de Pultsk, com o seu ajudante ao lado, entoava o *El Mole Rachamin*. Um pregador faz sermões completos, balançando-se e gesticulando com os braços, como se estivesse no púlpito. Com uma criança nos braços, uma mãe pede esmola: a criança parece morta. Procurando produzir efeito, certos mendigos adoptam posições teatrais... Mas o pior são as mãos estendidas das criancinhas. — Toda a gente escreve as suas memórias; mesmo alguns jovens o fazem nos campos. Os manuscritos que foram descobertos foram rasgados e bateram nos seus autores. — Diz-se nova-

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 146.

* Pultsk uma referência a Plock, cidade histórica localizada às margens do rio Vístula, na Polónia.

**El Mole Rahamin*: (em hebraico: אֵל מֵלֵךְ רַחֲמִים) é uma oração judaica tradicional recitada em memória dos falecidos, especialmente durante funerais, cerimónias de Yizkor (memorial) ou em ocasiões de luto. A tradução literal do título é "Deus, cheio de misericórdia" ou "Deus, pleno de compaixão".

DOCUMENTO 26

A CORRUPÇÃO DAS POLÍCIAS

17 DE ABRIL DE 1941

Na véspera da festa da Páscoa, houve cenas terríveis na sede da Organização dos refugiados. Uma multidão de 7000 ou 8000 refugiados juntaram-se e esperavam a distribuição de pão ázimo e de outros víveres. Neste momento, todo o horror da situação se tornou evidente. Entre os que vieram solicitar víveres, havia homens que se julgava que viviam com facilidade, homens que ainda há pouco tempo ajudavam os outros. O desespero dos que tiveram de regressar a casa sem terem recebido nada foi sem limites. — A carestia da vida (o pão está a 11 zlotys o quilo, as batatas a 3 zlotys e o pão ázimo custa 16 a 18 zlotys), os factos políticos (a derrota da Jugoslávia), os campos de trabalho, tal é o tríduo que caracteriza a situação actual do *ghetto*. A fome reina por toda a parte, pois é impossível obter pão e batatas, mesmo com senhas de racionamento. Um amigo a quem desejei boa Páscoa (tal era a fórmula do ano passado), respondeu-me: «Deseje-me antes um jejum tranquilo». — Fazem-se novamente rusgas para prender gente para os campos, isto porque o Conselho Judaico não forneceu os homens exigidos por Eles. As rusgas tanto são feitas pela polícia judaica, como pela polícia polaca. Um grande número daqueles que foram considerados aptos para o trabalho e foram convocados não se apresentou. Escusado será dizer que é impossível encontrá-los em suas casas. Em vez deles, prende-se quem quer que seja, mesmo homens de mais de cinquenta anos. Os polícias judeus e polacos aproveitam a ocasião para fazer bons negócios. Fazem pagar centenas de zlotys a pessoas inocentes e exploram casas inteiras. Uma verdadeira orgia. Os jovens escondem-se nas caves, em cima

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 179.

O pão ázimo é um tipo de pão feito sem fermento, muito importante na celebração do *Pessach* (Páscoa judaica), que comemora a libertação dos hebreus da escravidão no Egito.

DOCUMENTO 27

O TRABALHO FORÇADO E O CONSELHO JUDAICO**26 DE ABRIL DE 1941**

próprio tribunal. — Os dias 19, 20 e 21 de Abril ficaram gravados para sempre na memória dos judeus de Varsóvia. O Conselho Judaico, ajudado pela polícia judaica, ressuscitou o antigo costume da caça ao homem. A cópia estava conforme: um passado longínquo foi fielmente fotografado. A razão das rugas foi a seguinte: eram necessários 1.500 homens para os campos de trabalho, e apenas 50 se apresentaram. Assim que os polícias judeus e polacos foram à procura dos refractários, não descobriram mais de 130 em suas casas. Os outros tinham-se escondido, lembrando-se dos campos de trabalho do ano anterior, de onde a maioria dos trabalhadores tinham voltado doentes fisicamente e moralmente quebrados. É necessário acrescentar a atitude criminosa do Conselho Judaico, que nem este ano nem o ano passado fez nada para socorrer as famílias dos trabalhadores, — nem mesmo os próprios trabalhadores. Os representantes do Conselho que o ano passado foram aos campos, nem sequer os foram visitar; isto não impediu que, quando regressaram, não dissessem que tudo ia muito bem. Pior ainda é a injustiça que brada aos céus: somente os pobres são enviados para os campos de trabalho. Os filhos dos ricos entram na polícia, trabalham nas instituições comunitárias, têm empregos fictícios em diversas firmas, e dão parte de doentes. Arranjam-se sempre para evitarem o alistamento para o trabalho. Isso não custa muito caro.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 184.

*O Conselho Judaico, em alemão Judenrat, era um conselho judaico estabelecido pelas autoridades nazistas nos guetos da Europa ocupada como forma de controle sobre as comunidades judaicas.

DOCUMENTO 28

A NORMALIZAÇÃO DA MORTE**AGOSTO DE 1941**

Verifica-se uma curiosa indiferença perante a morte, que já não causa qualquer impressão. Nas ruas, as pessoas passam com indiferença diante dos cadáveres. Raros são os que vêm ao hospital informar-se das mortes. O cemitério também não suscita grande interesse.

Depois da fome, é o tifo o que mais preocupa a opinião do *ghetto*. Nestes últimos tempos, esta questão é escaldante. A curva do tifo continua a subir. Actualmente, por exemplo neste mês de Agosto, há 6.000-7.000 casos de tifo em casa e 900 nos hospitais.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 218.

DOCUMENTO 29

O REFEITÓRIO PÚBLICO E AS ESCOLAS**SEGUNDA METADE DE AGOSTO DE 1941**

A directora da cantina da Rua Leszno, Rachel Auerbach, falou-me duma marmita de que se serve a terceira geração duma família para vir buscar as refeições. As duas primeiras gerações morreram já. O caso é frequente nas famílias para as quais as refeições das cantinas constituem o único meio de subsistência. Nestes últimos tempos, a comida das cantinas tornou-se ainda mais parca. A aveia, que se mandava moer ao Lado Ariano, é agora moída no *ghetto*. Isto custa mais caro e a qualidade é pior. Porque

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 225.

***Cantina da Rua Leszno**: o refeitório público na rua Leszno no Gueto de Varsóvia era uma das iniciativas mantidas pelo Poalei Sion e coordenado por Rachel Auerbach. O refeitório era parte de uma rede de assistência social organizada por grupos judaicos para ajudar a população faminta e desesperada do gueto.

* **Rachel Auerbach** (1899-1976): escritora e psicóloga judia polonesa que atuou no Gueto de Varsóvia como membro do *Oyneg Shabes*. Ela escreveu relatos detalhados sobre as condições no gueto, incluindo testemunhos sobre a fome, deportações e resistência. Após a guerra, ajudou a recuperar os arquivos enterrados, tornando-se uma das principais vozes na preservação da memória da Shoá.

DOCUMENTO 30

POR QUE OS JUDEUS NÃO SE REVOLTAM?**SEGUNDA METADE DE AGOSTO DE 1941**

E um problema notável o da passividade das massas judaicas. Morrem em silêncio. Porque é que os judeus são tão calmos? Porque é que morrem, sucessivamente, o pai, a mãe, os filhos, sem protestarem? Porque é que não fizemos aquilo com que ameaçávamos o mundo há um ano — os roubos e os assaltos — perspectivas estas que fizeram com que as Comissões de Casas comprassem abastecimentos para os locatários sem meios? Há muitas respostas para estas perguntas. Uma, é que as forças de ocupação aterro-

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 229.

***Comissões de Casas**: eram uma forma de organização comunitária dentro do Gueto de Varsóvia, criadas para ajudar a administrar a vida cotidiana e fornecer apoio mútuo aos residentes do gueto. Tiveram um papel crucial na tentativa de manter a ordem e a solidariedade em meio às condições extremamente difíceis impostas pelos nazistas.

DOCUMENTO 31

O TRABALHO DO OYNEG SHABES**23 DE MAIO DE 1942**

O O.S. passou do trabalho em pequena escala (Outubro de 1939 a Maio de 1940) ao trabalho em «grande» escala; mas depois de sexta-feira, 18 de Abril, voltámos ao trabalho em pequena escala. Antes de mais nada, importa salvar os materiais que reunimos. O método de trabalho actual: beber um copo de chá com um informador e anotar seguidamente o que ele relatou. Felizmente que o O.S. ficou sempre na sombra.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 298.

*O.S – abreviatura de Oyneg Shabes

DOCUMENTO 32

A MISSÃO É DENUNCIAR AO MUNDO AS ATROCIDADES**JUNHO DE 1942**

Num pequeno grupo, discutimos a questão de saber o que seria necessário fazer para enviar, se fosse possível, um mensageiro do *ghetto* para o mundo livre. A coisa mais importante, e sobre isto estávamos todos de acordo, era a de propagar no mundo os horrores da nossa exterminação organizada. Era inútil examinar a questão, se isto não corresse o risco de agravar mais a nossa situação. Não temos nada a perder. A exterminação continua segundo um plano e um horarário preparados de antemão. Sòmente um milagre nos poderá salvar: o fim inesperado da guerra. De outra forma, estamos perdidos. Deveremos nós procurar ser vingados? Alguns foram desta opinião. Os milhares de alemães que se encontram na América deveriam ser juntos e presos num campo de concentração — que os envolvam em arame farpado, que os ponham a pão e água, e que os deixem morrer de fome (é o que nos acontece na Polónia). Outros objectaram que uma tal vingança incitaria os alemães a irem ainda mais longe, e conduziria à exterminação completa dos judeus.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 313

DOCUMENTO 33

O HISTORIADOR DO FUTURO E O PAPEL DA MULHER NA GUERRA**JUNHO DE 1942**

O historiador do futuro poderá consagrar um capítulo sobre o papel da mulher judaica durante a guerra. É graças à coragem e à capacidade de resistência das nossas mulheres, que milhares de famílias puderam subsistir durante estes tempos amargos. Desde há tempo que se verifica um facto notável: em certas Comissões de Casas, as mulheres substituem os homens que estão no fim das suas forças. Algumas Comissões de Casas são agora dirigidas unicamente pelas mulheres. O trabalho social tem necessidade de forças frescas; a questão das reservas é essencial neste capítulo.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. Crónica do Guetto de Varsóvia. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 316.

DOCUMENTO 34

UM GRANDE DIA PARA O OYNEG SHABES: A BBC NOTICIA CRIMES**26 DE JUNHO DE 1942**

Sexta-feira, 26 de Junho, foi um grande dia para [a nossa equipa do] O. S. ⁽¹⁾. Esta manhã a rádio inglesa difundiu uma emissão sobre a sorte do judaísmo polaco. Divulgaram tudo o que sabemos demasiadamente bem: sobre Slonin, Vilna, o campo de Chelmno e assim por diante. Durante longos meses sofremos, porque o mundo continuava surdo e mudo à nossa tragédia sem precedentes. Queixávamo-nos da opinião pública polaca e dos homens de ligação que estavam em contacto com o governo polaco no exílio. Porque é que eles não davam a conhecer ao mundo como o judaísmo polaco era massacrado? Acusávamos os intermediários polacos de abafar deliberadamente a nossa tragédia, para que a «sua» tragédia não ficasse na sombra. Mas parece que as nossas intervenções acabaram por atingir o seu fim. Durante as últimas semanas, as emissões da rádio inglesa trataram regularmente das crueldades cometidas para com os judeus polacos: Belzec e o resto. A emissão de hoje faz o balanço: foi dito o número de 700.000 judeus mortos até hoje. Ao mesmo tempo, a rádio prometeu vingança, um castigo implacável para todos estes crimes.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 317.

ATIVIDADES

1. Como era para os judeus viver no gueto depois do seu fechamento? Além das violências, os judeus eram submetidos a humilhações de todo tipo. Como ele relata isso? Quem era agredido pelos alemães?
2. Por que existia o contrabando no gueto e como Ringelblum o retrata, de forma positiva ou negativa?
3. Os alemães criaram guetos para concentrar os judeus em várias cidades: quais os guetos citados nos excertos selecionados?
4. Ringelblum relata as más condições de alimentação e higiene que causas doenças e mortes. Que doença ele cita como fatal? Qual a situação das crianças no gueto?

5. Os nazistas criaram um *Conselho Judaico* para “administrar” a vida no gueto. Como Ringelblum analisa o papel desse conselho?
6. Quais as formas de resistência aos nazistas são possíveis destacar a partir desses excertos?
7. Em agosto de 1941, Ringelblum lamenta a passividade dos judeus. Ele se refere a que comportamento?
8. A situação deplorável não impede que o trabalho de coleta de material continue. Como o Oyneg Shabes realiza essa atividade?
9. Denunciar a situação vivida pelos judeus ao mundo é um importante objetivo da resistência. Como isso poderia ser feito?
10. A referência aos “historiadores futuros”, o que indica?
11. O grande dia para o *Oyneg Shabes* está relacionado a que?

3.6.4 PARTE III – O FIM DO GUETO

No gueto de Varsóvia, em uma área de aproximadamente 3,4 km², foram confinados cerca de 400 mil judeus. Entre julho e setembro de 1942, durante a *Grande Deportação*, cerca de 300 mil judeus foram levados para o campo de extermínio de *Treblinka*, onde morreram em câmaras de gás. A população do gueto foi reduzida a cerca de 50 mil pessoas, uma parte utilizada pelos nazistas no trabalho forçado e outra parte escondida em *bunker*.

Quando os nazistas iniciaram a grande deportação um grupo de judeus, jovens em sua maioria, começou a organizar grupos de resistência armada: a *Organização Judaica de Combate* (ŻOB) e a *União Militar Judaica* (ŻZW. Em 19 de abril de 1943, os combatentes do gueto começaram um *Levante* enfrentando corajosamente os alemães. A resistência durou quase um mês, antes de ser brutalmente esmagada.

Em 16 de maio de 1943, o gueto foi oficialmente declarado liquidado após a destruição total da Grande Sinagoga de Varsóvia como um ato simbólico. Estima-se que apenas algumas dezenas de judeus sobreviveram.

Ringelblum descreve este período, refletindo as preocupações e incertezas.

DOCUMENTO 35

A GRANDE DEPORTAÇÃO**15 DE OUTUBRO DE 1942**

A tragédia dos que foram apanhados duas, três e cinco vezes — as mães que não queriam partir sem os filhos — o marido que não queria partir sem a mulher, etc. — e, finalmente, partiram todos juntos no mesmo vagão — centenas de famílias foram juntas à Umschlagplatz, por causa dos filhos.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 331.

* **Umschlagplatz**, em alemão "local de transbordo" ou "ponto de transferência". No contexto do Holocausto, refere-se especificamente ao local em Varsóvia onde os nazistas forçavam os judeus a embarcar em trens rumo aos campos de extermínio, principalmente Treblinka.

DOCUMENTO 36

AS CRÍTICAS AO CONSELHO JUDAICO E O SUICÍDIO DO PRESIDENTE DO CONSELHO**22 DE SETEMBRO DE 1942**

O ignóbil documento citado pelo Conselho Judaico a propósito dos boatos sobre uma evacuação para Leste.

As repartições do Conselho sabiam que a evacuação significa a morte.

O suicídio de Tcherniakov veio tarde demais, sinal de fraqueza — deveria exortar à resistência — homem fraco.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 335.

* Adam Tcherniakov (1880-1942) presidente do **Judenrat** (Conselho Judaico) do Gueto de Varsóvia, suicidou-se 23 de julho de 1942, cianeto.

DOCUMENTO 37

TREBLINKA, O CAMPO DE EXTERMÍNIO

Treblinka. As notícias dos coveiros (Rabinovitch, Jacob), dos judeus de Stok que fugiram dos vagões... carregados de ouro e de divisas — as descrições concordantes do «banho», os coveiros judeus com remendos amarelos cosidos sobre os joelhos. — Os métodos de assassinato: gás, vapor, electricidade.

As notícias trazidas sobre Treblinka pelos investigadores enviados pelas famílias dos deportados. O que contaram sobre os tractores. Segundo uma versão, os tractores enterram no chão as cinzas dos judeus incinerados. Segundo uma outra versão, os tractores aram a terra para enterrar os cadáveres.

Treblinka aos olhos da população judaica, que soube das recentes exterminações

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 340.

DOCUMENTO 38

O HEROÍSMO

O heroísmo do Dr. Korczak, de Koninski, de Janowski, recusando-se a deixar as crianças que estavam a seu cargo. Korczak inspirou a decisão de ir colectivamente à Umschlagplatz. Estes dirigentes sabiam o que os esperava na Umschlagplatz, mas acharam que numa altura como esta não podiam deixar as crianças e tinham de morrer com eles.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 341.

* Janusz Korczak (1878-1942): foi um médico, pedagogo e escritor judeu-polonês. Ele dirigia um orfanato em Varsóvia e se recusou a abandonar as crianças quando os nazistas ordenaram sua deportação para Treblinka. Em agosto de 1942, foi levado junto com os órfãos para o campo de extermínio, onde morreu (Koninski e Janowski, tudo indica, eram colaboradores de Korczak).

DOCUMENTO 39

RESISTIR SIGNIFICA MORRER COM HONRA

Europa dos judeus. Só um milagre nos poderá preservar do extermínio completo; sòmente uma derrota rápida e súbita poderá trazer-nos a salvação.

Daqui vem o pessimismo amargo que reina entre a população judaica. *Morituri*, tal é o termo que mais convém ao nosso estado de espírito. A maioria decidiu resistir. Creio que as pessoas já não se deixarão conduzir ao matadouro como carneiros. Querem que o inimigo pague caro as suas vidas. Lançar-se-ão sobre Eles com navalhas, com machados, com garrafas. Já não se deixarão prender nas barricadas. Já não se deixarão prender durante as rusgas, pois sabem doravante que o campo de trabalho significa a morte. E querem morrer em suas casas, e não num local novo. Só haverá evidentemente uma verdadeira resistência, se for organizada, e se o inimigo não ferir como um relâmpago, como Eles o fizeram em Cracóvia, onde 5.500 judeus foram carregados em vagões em sete horas, no fim de Outubro. Verificámos a confirmação da lei psicológica, segundo a qual o escravo totalmente submisso não sabe resistir. Parece que os judeus se recompuseram um pouco dos terríveis golpes que receberam; assimilaram, em certas medidas, o resultado das suas experiências, e aprenderam que ir docemente para o matadouro não lhes esconjura a sua má sorte, mas aumenta-a. A quem quer que faleis, ouvireis a mesma coisa: não deveríamos ter deixado fazer as deportações. Deveríamos ter-nos precipitado para a rua, abatido o Muro, e fugido para o Lado Ariano. Os alemães ter-se-iam vingado. Isto ter-nos-ia custado dezenas de milhares de vidas, mas não 300.000. Agora temos vergonha de nós mesmos, degradámo-nos aos nossos próprios olhos e aos olhos do mundo. A nossa docilidade não nos serviu de nada. Isto não pode repetir-se. Devemos resistir e, grandes ou pequenos, defendermo-nos contra o inimigo.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 345.

* *Morituri* é uma palavra em latim que significa "aqueles que estão prestes a morrer". Ela era frequentemente utilizada pelos gladiadores romanos, que a pronunciavam como uma saudação ao imperador antes de entrar na arena para lutar até a morte).

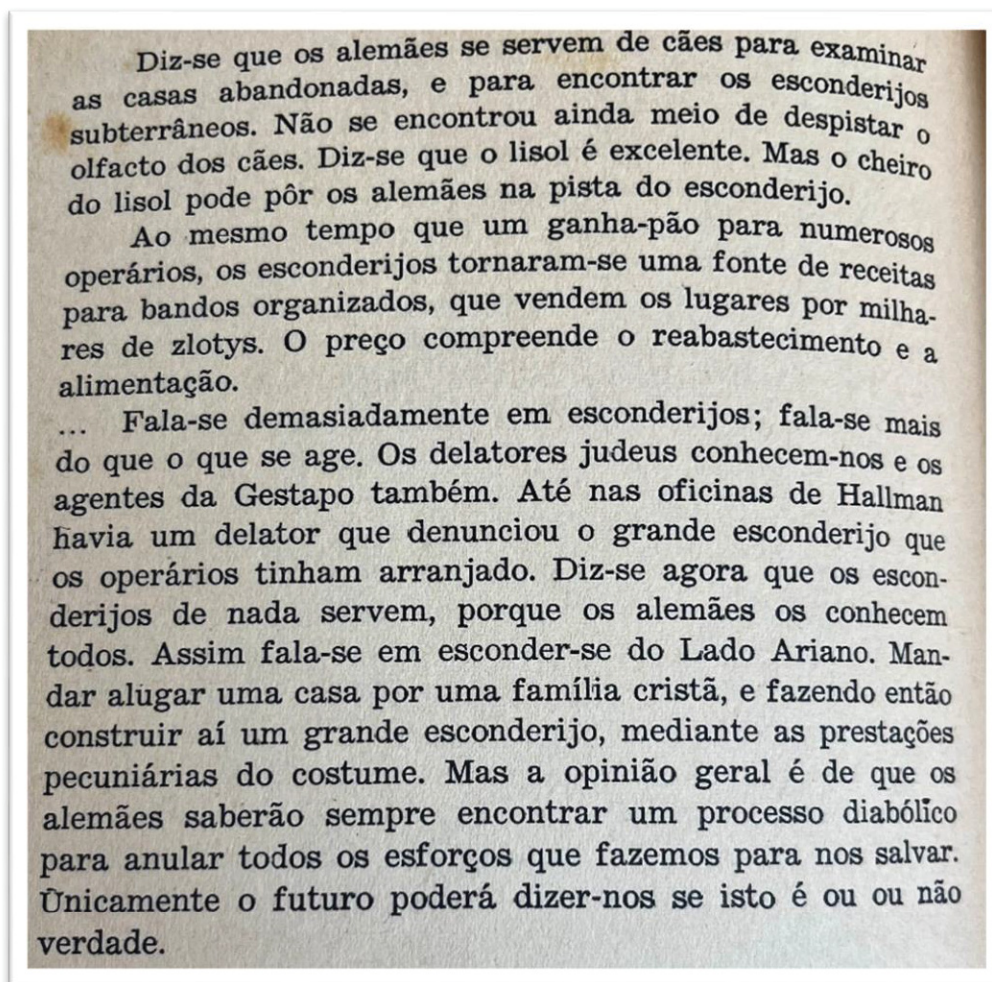
DOCUMENTO 40

OS ESCONDERIJOS

Depois das selecções do verão de 1942, e durante o período calmo que se seguiu, começou um novo capítulo na história dos esconderijos. Entretanto, tinha-se compreendido melhor o método dos alemães. Apercebemo-nos de que uma nova operação contra os judeus viria a ser empreendida mais tarde ou mais cedo, e que o *ghetto* ia ser completamente liquidado. Dois acontecimentos contribuíram para tornar cépticos os sobreviventes quanto às afirmações de pacifismo dos alemães: o massacre permanente dos judeus em Treblinka e nos outros campos, e o facto de 800 homens terem sido presos em rusgas nas oficinas e deportados para Lublin; depois, nunca mais se ouviu falar deles.

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 359.

DOCUMENTO 41

OS DELATORES E OS CÃES E AS DIFICULDADES DE SE MANTER VIVO**14 DE DEZEMBRO DE 1942**

Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crônica do Guetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 362.

ATIVIDADES

1. Em 1942, os nazistas decidem pela deportação dos judeus para os campos de extermínio. Ringelblum acompanha o processo de deportação e narra o processo de seleção e concentração dos judeus na *Umschlagplatz* – praça de embarque nos trens - a serem deportados para os campos de extermínio. Como podemos identificar a situação dos judeus nesse processo contado por Ringelblum?

2. Qual a crítica ao *Conselho Judaico* manifestada por Ringelblum?

3. Que notícias chegavam ao gueto sobre o destino dos judeus após as deportações?

4. De que forma os judeus procuravam escapar das deportações?

5. Relacione as atitudes e gestos de resistência aos nazistas. Com a deportação e esvaziamento do gueto, o que fazem os judeus na tentativa de se salvarem?

3.6.5 PARTE FINAL – POSFÁCIO

Depois do *Levante do Gueto* em abril e maio de 1943, os nazistas liquidaram o gueto: os prédios foram incendiados e explodidos; restam escombros e poucos sobreviventes.

Em meio ao terror, Emanuel Ringelblum continuou escrevendo a *Crônica*. Ainda havia esperança de sobreviver, o desafio era fazer chegar aos Aliados as denúncias das atrocidades em andamento. Capturado e preso pela primeira vez, conseguiu fugir com a ajuda de companheiros, se juntando a mulher, o filho e um grupo de judeus em um *bunker* fora do território do gueto, onde permaneceu até março de 1944, quando o grupo foi delatado e novamente levado a prisão. Dessa vez as tentativas de libertá-lo não tiveram sucesso; Ringelblum se recusava em fugir sem a família. Poucos dias depois da captura, Ringelblum e todos os judeus capturados, foram fuzilados. Seus corpos foram enterrados em valas comuns sob os escombros de Varsóvia.

Quando o governo polonês, exilado em Londres, recebeu as informações e o pedido de socorro do *Oyneg Shabes*, em maio de 1944, Ringelblum já havia morrido.

O Posfácio escrito por Jacob Sloan resume as informações sobre os últimos momentos da trajetória de Ringelblum.

DOCUMENTO 42

POSFÁCIO

A maior parte dos últimos habitantes do ghetto morreu durante a insurreição que começou em 19 de Abril e que terminou em 16 de Maio de 1943. Os alemães bombardearam o ghetto, incendiaram casa por casa e arrasaram-no. No local do ghetto, os S. S. criaram um campo de concentração para 2.000 presos judeus e não-judeus. Durante alguns meses, alguns sobreviventes levaram ainda uma vida misteriosa debaixo de terra, nas caves e nos esgotos daquilo que fora o ghetto de Varsóvia.

E o autor da Crónica? Em Maio de 1943, quando da insurreição do ghetto, o governo polaco no exílio em Londres recebeu uma mensagem dos combatentes do ghetto, pedindo socorro. Um dos três signatários era Emmanuel Ringelblum.

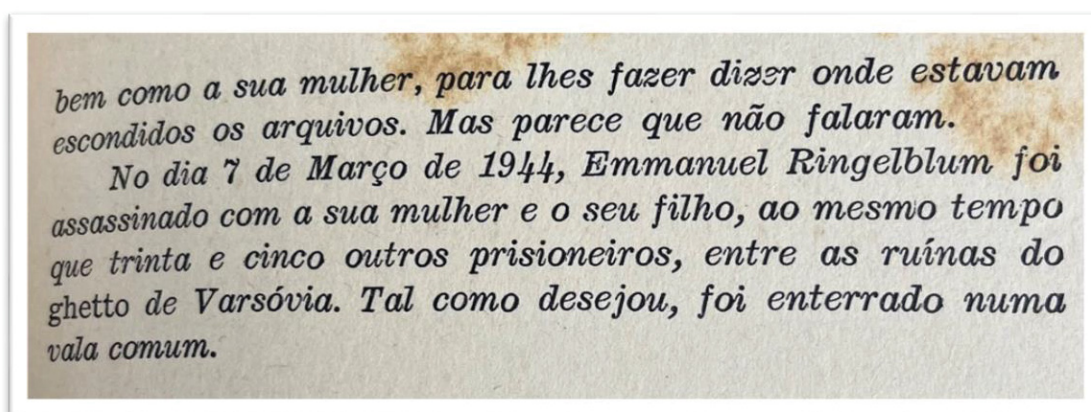
Capturado pelos alemães, Ringelblum foi enviado com alguns companheiros para o campo de escravos de Poniatow. Uma revolta armada rebentou igualmente lá e numerosos rebeldes suicidaram-se. Mas, dois dias antes da revolta, a resistência judaica conseguiu fazer sair Ringelblum do campo. Arranjaram-lhe um esconderijo na Varsóvia «ariana», onde viveu sob um nome falso.

No seu esconderijo, Ringelblum continuava a sua crônica. Começou igualmente a redacção duma história da Organização Judaica de Combate. Era de opinião que esta obra seria a obra da sua vida, e recusava-se a interrompê-la. Em Janeiro de 1944, deixou fugir a sua última oportunidade de salvação. O governo no exílio em Londres recebeu do seu exército clandestino polaco a lista de dezanove chefes da resistência judaica e deu o seu acordo para que esses homens fossem conduzidos para Londres. Dos dezanove, apenas três estavam ainda vivos. Mas os três sobreviventes recusaram-se categoricamente a partir, «pois temos de cumprir o nosso dever para com a sociedade».

No dia 1 de Março de 1944, Ringelblum terminou um ensaio descrevendo a intensa vida intelectual que tinha prosseguido clandestinamente no ghetto de Varsóvia. Antes que esse escrito pudesse ser enviado para Londres, a Gestapo descobriu a cave onde ele vivia com a mulher e o filho, juntamente com outros trinta e cinco refugiados.

Existem duas versões sobre a morte de Ringelblum. Segundo uma delas, os presos da prisão para a qual foi conduzido tentaram corromper os guardas e libertar Ringelblum, sob o pretexto de que era um bom sapateiro. Mas Ringelblum opôs-se categoricamente. Mostrando o seu filho Uri, perguntou: «E ele?» Apesar disso, o chefe dos guardas foi comprado; os arquivos de Ringelblum e a sua Crônica eram preciosos demais para que fosse possível deixá-lo morrer, quer ele quisesse, quer não. Mas no dia seguinte os amigos de Ringelblum souberam que ele tinha sido executado. Quando fizeram notar isso ao chefe dos guardas, este respondeu com um sorriso: «Pareceu-me que ele não era exactamente um sapateiro».

Segundo uma outra versão, a Gestapo teria identificado imediatamente Emmanuel Ringelblum. Tê-lo-ia torturado,



Fonte: Ringelblum, Emanuel. *Crónica do Ghetto de Varsóvia*. Livraria Moraes: Lisboa, 1964, p. 363-365.

* Sobre o autor Jacob Sloan: tradutor, escritor e editor judeu-americano, conhecido por seu trabalho em traduzir e divulgar importantes textos relacionados ao Shoá e à cultura judaica. A tradução de Sloan para o inglês, publicada em 1958 com o título "Notes from the Warsaw Ghetto: The Journal of Emmanuel Ringelblum", foi fundamental para levar a história do Ghetto de Varsóvia a um público internacional.

* **Campo de Escravos de Poniatov**, ou **Campo de Trabalho Forçado de Poniatov**, foi um campo de concentração nazista estabelecido em 1941, próximo à vila de Poniatowa, no distrito de Lublin (Polónia).

* **Organização Judaica de Combate** (em polonês: *Żydowska Organizacja Bojowa*, ou *ŻOB*) foi um grupo de resistência judaica formado no Ghetto de Varsóvia em 28 de julho de 1942, em resposta às deportações em massa de judeus para campos de extermínio, como Treblinka. Era liderado por Mordechai Anielewicz, um jovem de 24 anos.

* Cave: esconderijo ou bunker.

ATIVIDADES

A despeito do fim trágico de Ringelblum, a sua narrativa e a coleção de fontes que arquivou, chegaram ao conhecimento dos “historiadores do futuro” como planejara.

1. O professor organiza os alunos para apresentação das conclusões de cada grupo, orientando os alunos a refletirem sobre o legado (lições) da trajetória e do trabalho de Emanuel Ringelblum.

Considerando os problemas que observamos hoje, que lições podemos aprender com a sua história de vida?

As apresentações podem ser feitas entre 5 a 10 minutos e os estudantes podem escolher pela explanação oral, uso de cartazes, slides de mídia, poesias e outras formas para dinamizarem a apresentação.

2. O professor motiva os alunos a relacionarem as qualidades do personagem e a importância do seu legado tendo em vista atitudes que podemos assumir frente a situações e desafios que vivenciamos.

3. Após isso, os alunos produzem um texto em forma de carta dirigida a Emanuel Ringelblum expressando o que aprenderam sobre a sua trajetória e sobre o seu trabalho. Na missiva os alunos relatam desafios do presente – preconceitos,

intolerância, desigualdades – e as possibilidades de superação a partir do exemplo de Ringelblum e de atitudes que podemos tomar individual e coletivamente.

Sugerimos que o professor leia com os alunos os versos da poesia *É preciso agir* de Bertold Brecht e ouça a música *Dias Melhores*, da banda Jota Quest.

3.6.6 – ATIVIDADE DE CONCLUSÃO

É PRECISO AGIR

Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso Eu não era negro
Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso Eu também não era operário
Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso Porque eu não sou miserável
Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho meu emprego
Também não me importei
Agora estão me levando
Mas já é tarde. Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.

Bertold Brecht

Nasceu em Augsburg (Império Alemão) em 10 de fevereiro de 1898, foi um dramaturgo, poeta e diretor teatral alemão, um dos mais influentes do século XX. Criador do "teatro épico", ele buscava estimular a reflexão crítica do público, rompendo com a ilusão cênica tradicional. Suas obras, como "A Ópera dos Três Vinténs" e "Mãe Coragem e Seus Filhos", abordavam temas sociais e políticos, criticando o capitalismo e a guerra. Exilado durante o nazismo, sua produção artística sempre esteve ligada ao engajamento político e à transformação social. Brecht morreu em Berlim Oriental (Alemanha), no dia 14 de agosto de 1956.

DIAS MELHORES (JOTA QUEST)

Vivemos esperando
Dias melhores
Dias de paz, dias a mais
Dias que não deixaremos
Para trás
Oh! Oh! Oh! Oh!

Vivemos esperando
O dia em que
Seremos melhores (melhores, melhores!)
Melhores no amor
Melhores na dor
Melhores em tudo
Oh! Oh! Oh!

Vivemos esperando
O dia em que seremos
Para sempre
Vivemos esperando
Oh! Oh! Oh!

Dias melhores pra sempre
Dias melhores pra sempre (pra sempre!)

Vivemos esperando
Dias melhores
(Melhores! Melhores!)
Dias de paz
Dias a mais
Dias que não deixaremos
Para trás
Oh! Oh! Oh!

Vivemos esperando
O dia em que
Seremos melhores (melhores, melhores!)
Melhores no amor
Melhores na dor
Melhores em tudo
Oh! Oh! Oh!

Vivemos esperando
O dia em que seremos
Para sempre
Vivemos esperando
Oh! Oh! Oh!

Dias melhores
Pra sempre
Dias melhores
Pra sempre
Dias melhores
Pra sempre
Dias melhores
Pra sempre

Uh! Uh! Uh! Oh! Oh!
Pra sempre
Sempre! Sempre! Sempre!

Composição: Marcos Túlio Lara / Márcio Buzelin / Paula Diniz / Paulinho Fonseca / Rogério Flausino.
Álbum Oxigênio. Sony Music Entertainment (Brasil) I.C.L, 2000.

CONCLUSÃO

*Vocês não são responsáveis pelo que aconteceu. Mas para que isso nunca aconteça de novo, isso sim vocês são responsáveis.*¹⁶¹

A trajetória de Emanuel Ringelblum e seu trabalho no Gueto de Varsóvia nos convida a uma profunda reflexão sobre a força da memória como ferramenta de resistência a toda e qualquer forma de violência e opressão. Ao organizar o arquivo clandestino do Gueto de Varsóvia, o *Oyneg Shabes*, Ringelblum não estava apenas documentando o terror, mas, em meio à barbárie, erguendo um testemunho histórico como um monumento à posteridade. Sua narrativa na *Crônica do Gueto de Varsóvia* transcende o tempo ao oferecer não só um relato documental, mas também um testemunho vivo da vontade e da capacidade humana de resistir à destruição.

A abordagem meticulosa e multifacetada singulariza a obra de Ringelblum, que não se limitou a registrar eventos ou quantificar as consequências da perseguição nazista. Com a sensibilidade de um historiador e a urgência de um ativista, ele organizou a coleta de uma variedade diversa e representativa de fontes. Essa pluralidade de vozes e documentos reunidos no *Oyneg Shabes* transformou o arquivo no maior acervo secreto da Segunda Guerra Mundial e em um espelho da coletividade judaico-polonesa em seus momentos mais sombrios, marcados pelo sofrimento e pela luta por sobrevivência. Como afirma Samuel Kassow, Ringelblum acreditava que mesmo em meio à destruição, os judeus tinham o direito de se tornarem autores de sua própria história e “se tivesse sobrevivido, seria o primeiro a insistir que historiografia do Holocausto se detivesse (...) também nas vozes silenciadas das vítimas”, registradas por ele em *Crônica* e nos documentos arquivados no *Oyneg Shabes*.¹⁶²

Ao desenvolvermos um produto didático baseado nessa obra para alunos do 9º ano, nos deparamos com um desafio pedagógico: como transformar o testemunho de Ringelblum em instrumento de compreensão do passado e de reflexão crítica sobre o presente e o futuro. Assim, abordamos a Shoá não como um evento encerrado no passado, mas como uma catástrofe cujas residualidades persistem no presente, considerando que o racismo, a xenofobia, o autoritarismo, a construção de inimigos imaginários e outros mecanismos da desumanização fascista ainda se manifestam entre nós — seja por discursos de ódio e intolerância, seja por confrontos armados e políticas de exclusão.

O paralelo entre os horrores do século XX e os desafios do presente é inevitável. A continuidade de guerras motivadas por ideologias supremacistas, racismo, segregações e disputas identitárias — como a limpeza étnica promovida pelo Estado de Israel contra o povo palestino, ou a invasão de territórios ucranianos pela

¹⁶¹ MANNHEIMER, Max. *Diário Tardio: Theresienstadt – Auschwitz – Varsóvia – Dachau*. Tradução Luis S. Krausz. São Paulo: Estação Liberdade, 2024, contracapa.

¹⁶² KASSOW, Idem *ibidem*, 2009, p. 33).

Rússia, ambos lugares relacionados à história de Ringelblum — revela que as barbáries não são eventos isolados do passado, mas possibilidades sempre presentes quando se fragilizam os valores democráticos, a dignidade humana, a convivência pacífica e a tolerância. Esses conflitos, que ceifam vidas e destroem coletividades, atualizam tragicamente as discussões sobre violência, desumanização e negação de direitos.

O material educativo que propomos convida os alunos a se colocarem no lugar daqueles que enfrentaram o sofrimento no gueto, não como vítimas passivas, mas como sujeitos complexos que riam, amavam, ensinavam clandestinamente e resistiam, cada qual à sua maneira, à destruição planejada.

Nesse horizonte, a aplicação do produto didático construído a partir de fontes bibliográficas e da *Crônica do Gueto de Varsóvia* tem como objetivo não apenas ensinar uma história perdida no passado e, portanto, estática, mas também despertar uma sensibilidade ética e política capaz de instrumentalizar os jovens para reconhecer e enfrentar as múltiplas formas de discriminação contemporâneas. A abordagem da Shoá, contextualizada dentro do conceito mais amplo de catástrofes do século XX, permite estabelecer pontes com os desafios atuais, reforçando que o combate ao racismo, à intolerância, à violência e à xenofobia é uma missão permanente e inacabada.

Por fim, este trabalho reafirma que a escrita da história, quando atenta à memória das vítimas, não constitui apenas um exercício acadêmico, mas representa um compromisso com a construção de sociedades mais justas, plurais e solidárias. O testemunho de Emanuel Ringelblum nos lembra que a luta pela vida e pela dignidade humana não terminou com a derrota militar do nazifascismo na Segunda Guerra Mundial, pois as forças ideológicas que ameaçam a democracia, a igualdade e os direitos humanos continuam atuando sob novos disfarces, impulsionadas pelos mesmos desejos de acumulação e de aniquilação da alteridade.

Que o testemunho de Ringelblum continue ecoando como alerta, esperança e resistência.

FONTES

KASSOW, Samuel D. Quem Escreverá Nossa História? Os Arquivos Secretos do Gueto de Varsóvia. Tradução Denise Bottman - São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

RINGELBLUM, Emanuel. Crónica do Ghetto de Varsóvia. Coleção História de Hoje – Lisboa, Livraria Moraes, 1964.

TURKOW, Jonas. Emanuel Ringelblum. Biblioteca Popular Judia – Buenos Aires, Congreso Judío Mundial, 1979.

REFERÊNCIAS

AGENCIA BRASIL. CARTA CAPITAL. Conselho leva à ONU um alerta sobre o avanço do neonazismo no Brasil. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conselho-leva-a-onu-um-alerta-sobre-o-avanco-do-neonazismo-no-brasil/>. Acesso 25 out 2024.

BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História: Ensaio Sobre Walter Benjamin*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

_____. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio Sobre Literatura e História da Cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. Paris, a capital do século XIX. 1ª ed., Porto Alegre: 2022.

BERGSON, Henri. Matéria e Memória: Ensaio sobre a Relação do Corpo com o Espírito. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Holocausto: Crime contra a humanidade. São Paulo: Ática, 2007.

CRU, Jean Norton. Témoins: Essai d'Analyse et de Critique des Souvenirs de Combattants Édités en Français de 1915 à 1928. Paris: Les Étoiles, 1929.

CYTRYNOWICZ, Roney. Memórias da barbárie: a história do genocídio dos judeus na segunda guerra mundial. São Paulo: Nova Stella, Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

DOSSIÊ DIDÁTICO ENSINO DE HISTÓRIA: ensino sobre o Holocausto. Nadia Gaiofatto Gonçalves (org.) – Curitiba: UFPR, 2023.

DW. 1942: Anne Frank inicia seu diário. Disponível: <https://www.dw.com/pt-br/1942-anne-frank-inicia-seu-di%C3%A1rio/a-576434>. Acesso 10 out 2024.

FERREIRA, Marieta de Moraes; OLIVEIRA, Margaria Maria Dias de (Coord). Dicionário do Ensino de História. Rio de Janeiro: FGV, 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Itamar e OLIVEIRA, Maria Margarida Dias de. Sequências Didáticas para o ensino de História. Ananindeua, PA: Cabana, 2022.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. 2. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.

_____. Além do Princípio do Prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 18. Rio de Janeiro: Imago, 2066.

GENE, Sharp. Da ditadura à democracia: conceitos fundamentais para a libertação. Campinas, SP: Vide Editorial, 2021.

GETTY IMAGES. Hitler saudado por soldados. Disponível: <https://www.gettyimages.com.br/search/2/image?phrase=sauda%C3%A7%C3%A3o+nazista>. Acesso 20 out 2024.

HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: 1994.

HALIQUA, Bruno. Os 948 dias do Gueto de Varsóvia. A Resistência heroica da maior comunidade judaica da Europa. Tradução Luciano Vieira Machado. 1. ed. – São Paulo: Estação Liberdade, 2024.

HOBBSAWM, Eric. A Era dos Extremos: O Breve Século XX, 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOTA QUEST. Dias Melhores. Compositor: Marcos Túlio Lara, Márcio Buzelin, Paula Diniz, Paulinho Fonseca e Rogério Flausino. Intérprete: Jota Quest. In: Álbum Oxigênio. Belo Horizonte: Sony Music, 2000. 1 faixa (5min 14s). Disponível em: <https://youtu.be/QQyNbzqBt8w?si=pszFSABNZZtWmtPN>. Acesso em 19 dez 2024.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de inocência: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”. São Paulo: Boitempo, 2015.

MANNHEIMER, Max. Diário Tardio: Theresienstadt – Auschwitz – Varsóvia – Dachau. Tradução Luis S. Krausz. São Paulo: Estação Liberdade, 2024.

MUNDO EDUCAÇÃO. Desempregados da Crise de 1929 em fila do lado de fora de uma cozinha aberta em Chicago. Disponível: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historiageral/crise-1929.htm>. Acesso 10 out 2024.

PEREIRA, Nilton Mullet. Ensino de História, dever de memória e os temas sensíveis. UNESC: 2017.

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. Ensino de História: passados vivos e educação em questões sensíveis. Revista História Hoje, 2018.

PEREIRA, Nilton Mullet e GITZ, Ilton. Ensinando sobre o Holocausto na escola. Porto Alegre: Penso, 2014.

PROUST, Marcel. No Caminho de Swann. Tradução de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Globo, 1990.

RICOUER, Paul. A Memória, a História, o Esquecimento. Campinas, Editora da Unicamp, 2008.

ROUSSO, Henry. A Última Catástrofe. A Última Catástrofe: História, Presente, Contemporâneo. Editora Unesp, 2016.

RÜSEN, J. Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba, Ed. UFPR, 2011.

SAFERNET BRASIL. Denúncias de crimes de discurso de ódio e de imagens de abuso sexual infantil na internet têm crescimento em 2022. Disponível: <https://18horas.com.br/brasil/safernet-alta-de-67-do-discurso-de-odio-nas-redes-sociais-acende-alerta-sobre-extremismo/>. Acesso 10 out 2024.

SÁNCHEZ, Victoria Luján. Ringelblum y el Óneg Shabat: una perspectiva historiográfica precursora. Cuadernos Judaicos, nº 32. Buenos Aires, 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (Org.). Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Editora da UFPR, 2011.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. A literatura do trauma: dossiê literatura de testemunho. Cult, n. 23, São Paulo, junho 1999.

_____. O Local da diferença: ensaios sobre a memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. A Virada Testemunhal e Decolonial do Saber Histórico. Campinas, SP: Unicamp, 2022.

TRAVERSO, Enzo. O passado, modos de usar. Lisboa, 2012.

UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM USHMM. A Primeira Guerra Mundial e Consequências. Disponível: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/world-war-i-aftermath>. Acesso 10 out 2024.

WIEVIORKA, Annette. Auschwitz explicado à minha filha. São Paulo: Via Lettera, 2000.

_____. L'Ère du témoin. Paris: Plon, 1998.

WIKIMEDIA COMMONS. Arquivo: WWImontage.jpg. Disponível em:

<https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=30191802>. Acesso 10 out 2024.

YAD VASHEM ESPAÑOL. Emanuel Ringelblum: El archivo clandestino de Óneg Shabat en el gueto de Varsovia. Disponível em: <https://youtu.be/5twn0mWkUBc?si=DzyQWhL7ySn04ayb>. Acesso em 10 dez 2024.